

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

**A PALATALIZAÇÃO DA FRICATIVA ALVEOLAR NÃO-MORFÊMICA
EM POSIÇÃO DE CODA NO PORTUGUÊS FALADO EM TRÊS REGIÕES
DE INFLUÊNCIA AÇORIANA DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS
- UMA ABORDAGEM NÃO-LINEAR -**

CLÁUDIA REGINA BRESCANCINI

FLORIANÓPOLIS

1996

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/LINGÜÍSTICA

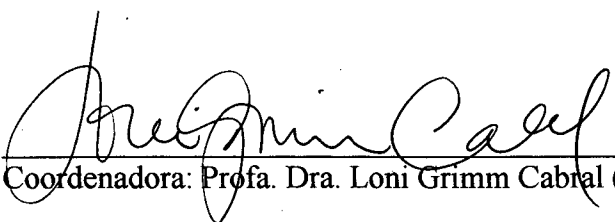
A PALATALIZAÇÃO DA FRICATIVA ALVEOLAR NÃO-MORFÊMICA EM
POSIÇÃO DE CODA NO PORTUGUÊS FALADO EM TRÊS REGIÕES DE
INFLUÊNCIA AÇORIANA DO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS
- UMA ABORDAGEM NÃO-LINEAR -

CLÁUDIA REGINA BRESCANCINI

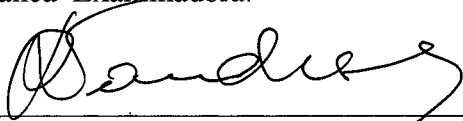
Dissertação apresentada ao curso de
Pós-Graduação em Letras/Lingüística
da Universidade Federal de Santa
Catarina, como parte dos requisitos
para obtenção do grau de Mestre em
Lingüística.

FLORIANÓPOLIS
1996

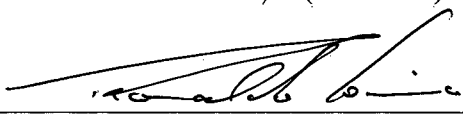
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de Mestre em Letras/Linguística e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.



Coordenadora: Profa. Dra. Loni Grimm Cabral (UFSC)

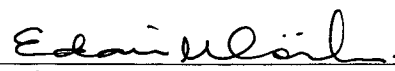
Banca Examinadora:


Prof. Dr. Paulino Vandresen - Orientador


Profa. Dra. Leda Bisol (PUC- RS)


Prof. Dr. Ronaldo Lima (UFSC)


Profa. Sidney Gaspar de Oliveira (UFSC)


Profa. Dra. Edair Maria Gorski (suplente)

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Ícaro e Branca Mary e a meus irmão, Luiz Henrique e Ana Maria - fundamental apoio;

À Prof^a. Sidneya Gaspar de Oliveira, pelo acompanhamento cuidadoso e humano durante todo o desenvolvimento do trabalho;

Ao Prof. Paulino Vandresen, pela compreensão e principalmente pela confiança depositada nesta pesquisa;

À Prof^a. Edair Gorski, pela ajuda e incentivo constantes;

Ao Projeto VARSUL, pela cessão do banco de dados referente à Florianópolis e pela assistência prestada durante todo o período de trabalho;

À Prof^a. Leda Bisol, pelos esclarecimentos fonológicos fundamentais;

Ao Prof. Domingos Bernardes Morey Filho (*in memoriam*), por guiar meus primeiros passos no fascinante trabalho etnográfico realizado nas comunidades em estudo.

Ao Prof. Nereu do Vale Pereira, pelo auxílio indispensável no estabelecimento de meus primeiros contatos na Freguesia e no Sertão.

Aos amigos André Rutigliani Berri e Loremi Loregian, pela amizade fiel durante toda nossa trajetória no programa de pós-graduação.

À amiga Marisa Fernandes, pela ajuda fundamental no manejo do programa VARBRUL.

Ao querido Fernando César Rosset Biazin, pela imensa “força” na digitação do arquivo de dados.

Ao amigo Caiubi Alves de Almeida Júnior, pela atenção dispensada na confecção das figuras e mapas.

À CAPES (Coordenação de Pessoal de Aperfeiçoamento de Ensino Superior) pela concessão da bolsa.

E, finalmente, de forma muito especial, ao povo da Freguesia e do Sertão, pela imensa receptividade e pelo valioso aprendizado que cada entrevista propiciou.

Para Bracial Brescancini,

um grande brasileiro

“Perguntei ao meu senhor,
Onde está seu coração?
Ele então me respondeu,
Você conhece o Ribeirão?”

Fernando Caldeira Bastos
Luís Henrique Rosa

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	vi
Resumo	ix
Abstract	x
INTRODUÇÃO	1
1- CARACTERIZAÇÃO DAS FRICATIVAS ALVEOLARES E PALATAIS	5
1.1 Caracterização Fonética	5
1.2 Caracterização Fonológica - do Estruturalismo (Camara 1977) à Teoria Unificada Pós - Gerativa da Unificação dos Traços para Consoantes e Vogais (Clements 1991)	8
1.3 A Origem da Sibilante e da Chiante em Posição Implosiva em língua portuguesa	31
1.4 As Sibilantes e as Chiantes em Posição Implosiva em Território Brasileiro	39
2- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS OPERACIONAIS	50
2.1 Estudos Mais Recentes sobre a Pronúncia do /S/ em Posição Implosiva no Brasil	50

2.2	Definição Operacional das Variáveis Implicadas	60
2.2.1	A Variável Dependente	60
2.2.2	As Variáveis Independentes	61
2.2.2.1	Variáveis Lingüísticas	61
2.2.2.2	Variáveis Sociais	67
3-	A COLETA DOS DADOS	71
3.1	O Método de Trabalho	71
3.2	As Regiões em Estudo: Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão da Ilha	72
3.2.1	Localização	72
3.2.2	Histórico	73
3.2.3	Aspectos da Vegetação, Clima e Topografia da Ilha de Santa Catarina	76
3.2.4	O Distrito de Florianópolis	77
3.2.5	A Freguesia do Ribeirão da Ilha	79
3.2.6	Sertão do Ribeirão da Ilha	84
3.3	A Amostra	86
3.4	Os Informantes	87
3.5	A Coleta de Dados	88

3.6 A Entrevista	93
3.6.1 A Gravação	93
3.6.2 O Desenvolvimento da Entrevista	94
3.6.3 As Questões	96
3.7 Codificação dos Dados	102
3.8 O Método de Análise	103
4- TEORIA DA VARIAÇÃO	110
4.1 Aparato Teórico	110
4.2 Modelos Quantitativos para o Estudo da Regra Variável	114
4.3 Principais Aspectos do Estudo Variacionista realizado na Ilha de Martha's Vineyard (Labov 1963)	118
5- ANÁLISE DAS VARIÁVEIS OPERACIONAIS	123
5.1 Introdução	123
5.2 Freqüência Global das Variantes da Coronal Anterior Implosiva	124
5.3 Palatalização	125
5.3.1 Variáveis Linguísticas	125
5.3.2 Variáveis Sociais	160
5.4 Variação Condicionada	182

6- A PALATALIZAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA NÃO-LINEAR - A GEOMETRIA DE TRAÇOS	186
6.1 A Estrutura dos Traços	186
6.2 O Nó de Abertura das Vogais	190
6.3 Regras e Princípios	194
6.4 A Representação das Consoantes Plana e Complexa e a Palatalização	200
7- CONSIDERAÇÕES FINAIS	205
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	211

ANEXO I : Desenvolvimento por nível da Variável Tipo de Item de Lexical

(dados referentes à Tabela 11 A)

ANEXO II : Desenvolvimento por nível da Variável Tipo de Item de Lexical

(dados referentes à Tabela 11 B)

ANEXO III : Desenvolvimento por Nível da Variável Contexto Precedente

ANEXO IV : Edital de Recrutamento dos Açorianos (31 de agosto de 1746)

MAPA I : Os sistemas de sibilantes dos falares portugueses em fins do século XVI

(Teyssier 1984: 40)

MAPA II : Área dos três subfalares do litoral do estado de Santa Catarina por critério de pronúncia da fricativa alveolar implosiva (Furlan 1982: 418)

MAPA III : Distrito do Ribeirão da Ilha (Pereira *et alli* 1991: 30)

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Frequência Global das Variantes da Coronal Anterior Implosiva	124
Tabela 2 - Influência da Variável Traço [voz] para a Palatalização da Coronal Anterior Implosiva	126
Tabela 3 - Influência da Variável Tonicidade para a Palatalização da Coronal Anterior Implosiva	127
Tabela 4 - Influência da Variável Tonicidade para a Palatalização da Coronal Anterior Implosiva (Sem a Conjunção com a Variável Posição na Sílab)	129
Tabela 5 - Pesos Relativos dos Fatores da Variável Tonicidade no Nível 1	130
Tabela 6 - Relação entre as Variáveis Tonicidade da Sílab que contém a Consoante Palatal e Traço [voz] da Consoante que segue a Consoante Palatal	131
Tabela 7 - Influência da Variável Posição na Sílab para a Palatalização da Coronal Anterior Implosiva	133
Tabela 8 - Influência da Variável Posição na Sílab para a Palatalização da Coronal Anterior Implosiva (fatores amalgamados)	136
Tabela 9 - Somatória das Especificações “+” dos Traços dos Segmentos	141
Tabela 10 - Tabulação Cruzada entre os Fatores da Variável Posição na Sílab e da Variável Tonicidade	144

Tabela 11 - Influência da Variável Tipo de Item Lexical para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda	147
Tabela 11A - Influência da Variável Tipo de Item Lexical para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda (fatores com número de dados significativo)	148
Tabela 11B - Influência da Variável Tipo de Item Lexical para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda (fatores com número de dados não significativo)	152
Tabela 12 - Influência da Variável Contexto Precedente para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda	154
Tabela 13 - Influência da Variável Contexto Seguinte para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda	158
Tabela 14 - Influência da Variável Sexo para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda	160
Tabela 15 - Distribuição dos Fatores da Variável Contato Externo pelas Regiões em Estudo	162
Tabela 16 - Influência da Variável Contato Externo para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda	162
Tabela 17 - Cruzamento entre as Variáveis Sexo e Contato Externo	165
Tabela 18 - Influência da Variável Região para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda	167
Tabela 19- Cruzamento entre as Variáveis Sexo e Região	171

Tabela 20 - Influência da Variável Escolaridade para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda	174
Tabela 21 - Cruzamento entre as Variáveis Escolaridade e Região	175
Tabela 22 - Cruzamento entre as Variáveis Escolaridade e Sexo	177
Tabela 23 - Influência da Variável Idade para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda	179
Tabela 24 - Cruzamento entre as Variáveis Sexo e Idade	180

ABSTRACT

This thesis is a study of the palatalization of the non-morphemic alveolar fricative in coda position, under the focus of the *Linguistic Variation Theory* and non-linear phonological representation.

The corpus of the study embraces three Azorian colonization regions of Florianópolis : Florianópolis district, Freguesia do Ribeirão da Ilha and Sertão do Ribeirão da Ilha. The data concerning the Florianópolis district are part of the databank of the Urban Linguistic Variation Project of Southern Region (VARISUL) and the data concerning Freguesia and Sertão were collected between 1994 and 1995.

In the course of the analysis, we have tried to detect the linguistic and social contexts that regulate the phenomenon application synchronically. The phonological representation is based on the purposes of the *Feature Geometry*, in the light of the *Unified Theory of Features for Consonants and Vowels* (Clements 1991).

INTRODUÇÃO

A pesquisa a ser apresentada constitui uma análise quantitativa e fonológica do fenômeno de **palatalização do /S/ não-morfêmico em posição implosiva** na fala de informantes de três regiões do município de Florianópolis, Santa Catarina: *distrito de Florianópolis* (ocupa predominantemente a parte central da Ilha de Santa Catarina e do continente), *Freguesia do Ribeirão da Ilha* (parte meridional da Ilha, dentro do distrito do Ribeirão da Ilha) e *Sertão do Ribeirão da Ilha* (distante 2 Km da igreja matriz da Freguesia do Ribeirão da Ilha).

A maior influência cultural e étnica das três regiões em estudo provém da imigração açoriana e madeirense iniciada em 1748. O distrito do Ribeirão da Ilha (abrange as regiões da Freguesia e do Sertão) caracteriza-se, hoje em dia, por ser o “mais rico em tradições açorianas” (Pereira *et alli* 1991: 16), em contraste com o distrito de Florianópolis, centro administrativo do estado de Santa Catarina.

O fenômeno em estudo, enquanto variável, é analisado segundo postulados teóricos e metodológicos da Teoria da Variação Lingüística (Labov 1966), a qual se direciona para o estudo do valor e da função da língua no meio social. Enquanto fenômeno fonético-fonológico, procuramos analisar a palatalização do /S/ implosivo não-morfêmico à luz da Fonologia Não-linear, compreendendo a Geometria de Traços (Clements 1985, 1989 e 1991).

Esperamos encontrar predomínio da variante palatal nas três regiões em estudo, muito embora acreditemos que estas apresentem um comportamento diversificado com relação ao fenômeno, sendo a incidência de palatalização no Sertão do Ribeirão da Ilha, região mais isolada, maior do que na Freguesia do Ribeirão da Ilha que, por sua vez, é ainda maior do que para o distrito de Florianópolis. Buscamos ainda apresentar uma descrição do conjunto de variáveis lingüísticas e extralingüísticas que norteiam, de forma sistemática, a realização da pronúncia palatal na fala destas três regiões do município de Florianópolis.

O trabalho divide-se em seis capítulos, que serão descritos a seguir.

O primeiro capítulo é dividido em quatro partes, sendo que as duas primeiras caracterizam a fricativa alveolar e a palatal fonética e fonologicamente. A análise fonológica parte da visão estruturalista de Mattoso Camara Jr. (1977), chegando até a teoria pós-gerativa da unificação de traços para consoantes e vogais (Clements 1991). O item 1.3 apresenta um quadro sobre a origem da fricativa alveolar e palatal em língua portuguesa, com vistas a justificar as hipóteses levantadas por vários estudiosos sobre as causas da palatalização das fricativas alveolares em posição implosiva. O item 1.4 busca fazer um levantamento dos principais estudos realizados sobre a pronúncia da fricativa alveolar em território brasileiro, tendo como ponto de partida os três sistemas distintos de sibilantes trazidos para o Brasil pelos colonizadores portugueses.

O capítulo segundo apresenta as hipóteses norteadoras da presente pesquisa, com base em cinco estudos mais recentes sobre a palatalização do /S/ em posição implosiva, a saber, o de Callou & Marques (1975), Gryner & Macedo (1981), Furlan (1982), Pessoa (1986) e Scherre & Macedo (1989). Tais estudos buscam justificativas baseadas em condicionamentos lingüísticos e sociais para o fenômeno. A segunda parte do capítulo define as variáveis lingüísticas e sociais a serem examinadas na amostra de dados.

O método de trabalho utilizado na coleta dos dados na Freguesia e no Sertão é detalhado no capítulo terceiro, bem como a descrição física, social e histórica das regiões estudadas. Os dados referentes a Florianópolis fazem parte do banco de dados do *Projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL)*. Apresentamos ainda o procedimento adotado na codificação dos dados e o funcionamento do método de análise estatística computacional VARBRUL (versão 1988).

No quarto capítulo, expõe-se a Teoria da Variação, com ênfase às limitações dos modelos anteriores que levaram ao seu desenvolvimento e aos modelos quantitativos utilizados para a análise das variáveis. No item 4.3, salientamos os principais aspectos do primeiro estudo variacionista realizado por Labov (1963) na Ilha de Martha's Vineyard e que apresentam semelhanças importantes com a pesquisa em questão.

O quinto capítulo apresenta os resultados e a discussão da análise quantitativa dos dados em geral, realizada pelo programa computacional de análise estatística VARBRUL, oferecendo maior destaque para as variáveis sociais e lingüísticas selecionadas como estatisticamente relevantes pelo programa. Embora a análise atenha-se à variante palatal,

procuramos apresentar neste capítulo a frequência global das outras três variantes do /S/ em posição implosiva, a saber: a fricativa alveolar, a fricativa laríngea e o zero fonético. De posse, portanto, dos fatores variáveis que condicionam o fenômeno em estudo e do grau de preeminência de cada um deles, o item 5.4, com base na formulação do sistema notacional para a regra variável de Cedergren & Sankoff (1974), apresenta uma proposta de notação dos contextos em que há maior probabilidade de ocorrência da palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição implosiva.

No capítulo seis, apresentamos inicialmente a estrutura dos traços, de acordo com a proposta da Geometria de Traços (Clements 1991), definindo a constituição de cada nó da representação arbórea, bem como as regras e princípios que regem o funcionamento da representação hierarquizada dos traços. Na sequência, procuramos abordar a questão da palatalização da fricativa alveolar implosiva a partir da representação das consoantes planas e complexas dentro dos pressupostos desta teoria.

O sétimo capítulo engloba as considerações finais, onde retomaremos os grupos de fatores envolvidos no favorecimento e desfavorecimento da aplicação do fenômeno em estudo e salientaremos os aspectos fonológicos e sociais mais relevantes das análises.

Finalmente, apresentaremos as referências bibliográficas e a seção destinada aos anexos e mapas.

1- CARACTERIZAÇÃO DAS FRICATIVAS ALVEOLARES E PALATAIS

1.1 Caracterização Fonética

As chamadas consoantes *constritivas* ou *fricativas* caracterizam-se pela formação de uma obstrução incompleta à passagem do ar, porém suficiente para propiciar a formação de um estreitamento. A consequência, em termos perceptuais, deste tipo de estreitamento é um ruído de fricção, como o provocado por “algo que roça ao passar pela pequena abertura formada pelo articulante” (Malmberg 1954: 86), com ressonâncias específicas de acordo com o ponto de articulação, já que tal estreitamento pode ocorrer em qualquer lugar do aparelho fonador, da glote até os lábios.

Em língua portuguesa, encontramos os seguintes sons fricativos, de acordo com Cagliari (1981: 25), envolvendo os seguintes pontos de articulação:

- (I)
- | | |
|-------------------------|---------------------------|
| a) labiodental [f,v] | como em [f]aca e [v]aca |
| b) alveolar [s,z] | como em ca[s]a e ca[z]a |
| c) palatoalveolar [ʃ,ʒ] | como em [ʃ]a e [ʒ]a |
| d) velar [x,ɣ] | como em [x]ato e ba[ɣ]iga |
| e)uvular [χ,ʁ] | como em [χ]oda e cu[ʁ]al |
| f)glotal [h,ɦ] | como em [h]oda e [ɦ]oda |

As fricativas alveolares são também conhecidas como *sibilantes* e as fricativas palatoalveolares (ou simplesmente palatais) como *chiantes*, em decorrência da impressão

acústica provocada por suas articulações. No entanto, tal diferenciação não é reconhecida por todos os estudiosos de forma unânime.

Camara (1977:36) pertence ao grupo de lingüistas que reconhecem a distinção entre sibilantes e chiantes e justifica sua opção da seguinte forma:

Na realidade, a constrição é a aproximação muito grande entre dois órgãos fonadores, como para port. /f/ e /v/, em que a arcada dentária superior e o lábio inferior quase se juntam. A fricção, ou atrito, é a impressão que esta constrição produz em nosso ouvido. O nome de "sibilantes" e o de "chiantes", respectivamente para /s/ - /z/ e /s'/ (x em eixo) - /z'/ (j em jeito) são também uma classificação auditiva; articulatoriamente costumam ser chamados esses fonemas constrictivos alveolares e palatais, respectivamente.

Por outro lado, Hock (1986:14) não adota tal distinção para o quadro das fricativas em língua inglesa, mas agrupa [s], [z], [ʃ] e [ʒ] em um único conjunto - as *sibilantes*. A esse respeito, comenta:

*Um especial sub-conjunto de fricativas é constituído pelas **sibilantes**; cf. e.g. Ing. sip, zip (dentais), ship, measure (palatais ou pós-dentais). Diferem das fricativas comuns devido à modificação secundária da corrente de ar que cria um efeito acústico especial.¹*

Ao seguirmos a classificação de Camara, exposta anteriormente, observaremos que são várias as diferenças entre sibilantes e chiantes. Podemos citar primeiramente a diferença de zona de articulação, responsável pela classificação *alveolar* para as *sibilantes*, uma vez que a articulação ocorre no nível dos alvéolos dos dentes superiores, e

¹ "A special subset of the fricatives is constituted by the **sibilants**; cf. eg. Engl. sip, zip ('dental'), ship, measure (palatal or post-dental). These differ from ordinary fricatives through some ancillary modification of the air stream which creates a special acoustic effect" (Hock 1986:14).

palatoalveolar ou *palatal* para as *chiantes*, uma vez que a articulação ocorre no nível da parte anterior do palato duro. Segue a diferença de forma e de tamanho da abertura formada pelo articulante, sendo mais redonda e menor para [s], o que proporciona uma frequência de vibração mais alta; a diferença de forma do dorso da língua, que se abaixa para [s] e se eleva para [ʃ]; finalmente, pela diferença de posição dos lábios, sendo neutra para [s], mas arredondada para as *chiantes*, caracterizando-as como consoantes labializadas (Malmberg 1954: 87).

Num ou noutro caso classificatório, fica claro que as sibilantes e as *chiantes*, embora sejam apontadas como um sub-conjunto das fricativas, parecem foneticamente mais complexas do que estas, por exigirem um gesto articulatorio adicional. É justamente tal complexidade que justifica seu grau relativamente alto de instabilidade histórica, como veremos em 1.3. Além disso, perdem apenas para as líqüidas com relação à tendência a submeter-se a processos fonético e fonológico como de assimilação, por exemplo, e de enfraquecimento, não só em posições usuais como a medial e final, mas também em posição inicial, como o registrado para o iraniano, armênio, grego e galês (Hock 1986: 130).

Feita a caracterização em nível sonoro das fricativas alveolares e palatais, passemos à caracterização fonológica das mesmas.

1.2 Caracterização Fonológica - do Estruturalismo (Camara 1977) à Teoria Pós-Generativa da Unificação dos Traços para Consoantes e Vogais (Clements 1991)

O trabalho mais detalhado sobre o sistema fonológico da língua portuguesa, do ponto de vista estrutural, é apontado como sendo o desenvolvido pelo linguista Mattoso Camara Jr. dentro do modelo estruturalista.

Ao lidar com o fonema como a unidade mínima distintiva do sistema de som, Mattoso Camara e os demais estruturalistas trabalham com o conceito do modelo de descrição gramatical *item e arranjo* (Hockett 1954 *apud* Joos 1963: 386-399), segundo o qual os “elementos” em uma língua estão arranjados, organizados entre si. Dessa forma, postulam que os fonemas não ocorrem arbitrariamente uns em relação aos outros numa dada língua, mas estão arranjados de uma certa maneira em relação a outros fonemas. Conseqüentemente, somos levados a reconhecer um certo número de alternâncias tipologicamente diferentes entre seus alofones.

O quadro fonêmico da língua portuguesa, apresentado por Camara (1977: 76), destaca a oposição particular, existente no quadro das fricativas, provocada pela diferença de articulação, estabelecendo /ʃ/, /ʒ/ ao lado de /s/, /z/ respectivamente. Insere as chiantes /ʃ/ e /ʒ/ no plano das consoantes molhadas², ao lado de /ʎ/ e /ɲ/, visto que constituem

² “Ao lado da articulação básica da consoante, outra se estabelece que lhe dá uma tonalidade distinta. Para Bloomfield, uma modificação (do inglês, *modification*). Para Trubetzkoy, um trabalho articulatório complementar (do alemão, *nebenarbeit*).” (Camara 1977:76)

modificações determinadas pela atuação do dorso da língua em combinação com o palato médio, num fenômeno de palatalização. Estabelece-se, portanto, uma oposição entre consoante “dura” ou não-palatalizada, classificada como ântero-lingual, e consoante palatalizada, classificada como póstero-lingual³.

Assim, as consoantes ântero-linguais [s] e [z] e as consoantes póstero-linguais [ʃ] e [ʒ] contrastam em língua portuguesa tanto em posição intervocálica, quanto em início de palavra, conforme observamos nos pares mínimos abaixo:

(II)

assa: a[s]a	aza: a[z]a	acha: a[ʃ]a	aja: a[ʒ]a
cinco : [s]inco	zinco: [z]inco	chá : [ʃ]a	já: [ʒ]a

Com relação à posição pós-vocálica, Camara (*op. cit.*, pág. 80) apresenta as quatro possibilidades de realização que funcionam nesta posição de acordo com as oposições entre palatalização e não-palatalização e da oposição entre surda e sonora. Para trabalhar tal fenômeno, a fonologia estruturalista européia lança mão da *neutralização*, proposta por Trubetzkoy e seus colegas do Círculo Lingüístico de Praga (Viena 1923-39), como uma relação entre a oposição e sua validade distintiva.

³ O autor acrescenta que a articulação é póstero-lingual, “apesar de ser a obstrução mais à frente da boca do que a rigor ao fundo.” A observação baseia-se na classificação de Jakobson (1939 e 1941), segundo a qual a co-articulação palatal cria um impedimento à entrada da câmara de ressonância bucal (Camara 1977:77).

Trubetzkoy (1958: 77-83) distingue as *oposições constantes* (ambos os membros ocorrem no mesmo ambiente) e as *oposições neutralizáveis*. O sistema das sibilantes encaixa-se no segundo caso, pois abrange aquelas posições onde nenhuma oposição existe entre dois membros. Assim, em língua portuguesa, em posição final de sílaba e final de palavra, tem-se [s] ou [ʃ] antes de consoante surda ou pausa e de [z] ou [ʒ] antes de consoante sonora, apontando o fim do constraste surdo/sonoro e alveolar/palatal, pois a ocorrência do vozeamento passa a ser determinada pela qualidade surda ou sonora da consoante seguinte e a ocorrência da palatalização, pelo falar em questão. Nesse último caso, não falamos mais de neutralização, mas sim de *variação* (ver Capítulo 4, pág. 106).

Segundo determinações do Círculo Lingüístico de Praga, na posição de neutralização, a relevância está apenas nos traços que são comuns a ambos os membros. Desse modo, estabeleceu-se uma espécie de transcrição, em letra maiúscula, do conjunto de traços compartilhados pelos fonemas correlatos, excluindo-se os traços distintivos que os oporiam - o *arquifonema*. Assim, este poderia ser realizado como um som foneticamente idêntico a um dos membros da oposição ou como um som intermediário entre os dois membros. Quando o elemento que ocorre na posição de neutralização não é determinado pelo contexto, o arquifonema é representado pelo membro fonologicamente não-marcado da oposição, pois representa as qualidades comuns aos dois membros (Fischer-Jorgensen 1975:30). No entanto, em “Die Phonologischen Systeme” (TCLP IV, 1931, págs. 96-116 *apud* Fischer-Jorgensen 1975: 31), Trubetzkoy, após várias discussões sobre como transcrever o membro de uma oposição que ocorra em posição de

neutralização, considera que o “instinto lingüístico”, no caso da neutralização, sempre percebe o membro não-marcado, independente da realização fonética.

No sistema das sibilantes, convencionou-se o arquifonema como /S/, membro fonologicamente não-marcado da oposição s/z e foneticamente idêntico a um dos membros da mesma oposição. No tocante à oposição entre consoante anterior e posterior, fenômeno batizado por Camara (1982: 52) como “*shibboleth*”⁴ entre o português do Rio de Janeiro e o de quase todo o resto do Brasil”, convencionou-se representar o arquifonema também por /S/. Segundo o autor (*ibidem*), as quatro consoantes se neutralizam em proveito de um único traço distintivo permanente - a fricção produzida pela língua.

A fonologia estruturalista norte-americana pertence ao grupo das correntes lingüísticas que não operam com o conceito de neutralização. Assim, a questão passa a ser colocada em termos de *debordamento fonêmico*, isto é, da possibilidade de um mesmo som ser submembro de dois fonemas distintos (mais tarde, passou a ser conhecida como *condição de invariância*). No fenômeno em questão, teríamos um debordamento parcial dos alofones, e não total, devido à existência de um condicionamento fonético para os sons debordantes: [s], [ʃ] e [ʒ] funcionariam como alofones dos fonemas /s/, /ʃ/ e /ʒ/ respectivamente, em ambiente intervocálico e inicial de palavra; [z] funcionaria como submembro do fonema /s/ e ocorreria antes de consoante sonora, nos dialetos que não

⁴ “Palavra que serviu como teste para distinguir os Efraimitas dos Gibeonitas na Judéia antiga. Os homens de Jefá ocupavam o passo do Jordão, com ordens de não deixar nenhum Efraimita cruzá-lo. O Efraimita que tentasse cruzá-lo, era intimado a dizer *shibboleth* (sh = ʃ) que pronunciavam *sibboleth*” (*The Modern Encyclopedia*, edited by A. H. McDonald, 1934, pág.1082 *apud* Camara 1977:52).

palatalizam e, nos que praticam a palatalização, o fonema /s/ possuiria três alofones, a saber [s] em posição intervocálica e inicial de palavra, [ʃ] diante de consoante surda e [ʒ] diante de consoante sonora (Callou & Leite 1990:56).

Bloch (1941: 278-84 *apud* Callou & Leite 1990:56) adota a proibição do debordamento total, o que acaba por influir nas relações entre transcrição fonética e representação fonológica, como podemos observar pelas transcrições do vocábulo como *feira*, por exemplo, transcrito foneticamente como [ˈfɛʃtɐ] e fonemicamente como /fɛʃta/ (condição de invariância fraca). O debordamento parcial chega a ser até mesmo rejeitado por alguns lingüistas (como Pike 1947), para os quais um som atribuído a um fonema deve ser sempre representado fonemicamente por aquele fonema. Assim, o vocábulo *feira* seria representado fonologicamente como /fɛʃta/ (condição de invariância forte).

Uma condição de invariância forte simboliza o ideal do estruturalismo americano, isto é, uma espécie de transparência entre uma determinada seqüência de fonemas e sua representante seqüência de fones e vice-versa, auxiliada pelos sons adjacentes para a distribuição da alofonia. A este tipo de correspondência um-para-um entre fonemas e fones deu-se o nome de *bi-univocidade*. Ao lado desta, havia também a *condição de linearidade*, segundo a qual a seqüência de fonemas na representação fonêmica deveria ser a mesma que a de fones na representação fonética (*ibidem*).

Ao seguirmos as determinações do item e arranjo, no modelo estruturalista, teríamos a seguinte representação dos alofones de /S/ em final de sílaba e de palavra, em uma variedade que produz a palatalização:

(III)

	[s] ocorre em final de sílaba e de palavra diante de consoante surda e pausa
/s/	[ʃ] ocorre antes de consoante surda e de pausa
	[z] ocorre antes de vogal e antes de consoante sonora
	[ʒ] ocorre antes de consoante sonora e antes de vogal

Roman Jakobson desempenhou papel decisivo dentro dos estudos fonológicos ao contribuir para a reformulação do conceito de fonema (como unidade mínima, indivisível) adotado pelo Círculo Lingüístico de Praga . Já em seus primeiros artigos de 1949, utiliza a designação *traço distintivo*, com base na idéia de que o fonema é divisível em unidades menores. O termo foi extraído de Bloomfield que, em seu *Language* de 1933, apresenta a definição de fonema como um feixe de traços distintivos (*op. cit.*, pág. 79).

Segundo tal proposta, as propriedades distintivas relevantes deixam de ser encaradas como simples dimensões classificatórias que permitem o arranjo de fonemas em um sistema e passam a constituir componentes dos fonemas e conseqüentemente, unidades lingüísticas mínimas (Fischer-Jorgensen 1975: 144).

Jakobson, juntamente com Fant e Halle, com base na idéia da existência de um conjunto limitado de traços distintos universais, estabelecem, em 1961, um inventário mínimo de traços fonológicos que tem por objetivo dar conta dos contrastes das línguas

conhecidas. Os traços apresentados, definidos em termos acústicos e traduzíveis em termos articulatórios, dividem-se em *prosódicos* (tom, força e quantidade) e *inerentes*; esses últimos divididos ainda em duas classes: os de *sonoridade* (envolvem volume e concentração de energia no espectro acústico) e os de *tonalidade* (envolvem os extremos das frequências dos sons).

Estabelece-se, portanto, uma *matriz*, com os fonemas arranjados horizontalmente e as oposições distintivas verticalmente, de tal forma que uma oposição como compacto/difuso é marcada “+” para /s/ e “-” para /ʃ/. Haverá também um certo número de casos não especificados na matriz, devido a irrelevância de algum traço para os mesmos.

Para as sibilantes e chiantes, teríamos a seguinte matriz de traços:

	s	z	ʃ	ʒ
consonântico	+	+	+	+
compacto/ difuso	-	-	+	+
grave/agudo	-	-		
tenso/frouxo	+	-	+	-
contínuo/ descontínuo	+	+	+	+
estridente/doce	+	+		

Tal proposta de definição do fonema foi rapidamente aceita e tornou-se de grande importância para o modelo fonológico subsequente, cujo desenvolvimento inicial é marcado pela publicação de *The Sound Pattern of English* de Noam Chomsky e Morris

Halle em 1968. É o início do desenvolvimento da chamada Fonologia Gerativa, a partir não mais do modelo item e arranjo, mas de seu correlato *item e processo*.

Tal modelo caracteriza-se por produzir uma forma a partir de outra, envolvendo assim processos que se concretizam sobre uma forma ou item de base. O padrão de uma língua que está sendo descrita por item e processo é feito através de uma listagem dos processos que as formas de base sofrem para dar origem às chamadas formas derivadas (Hockett 1954 *apud* Joos 1963: 386-399). Assim, a diferença entre um item de base fe[s]ta e um item de base *modificado* fe[ʃ]ta, por exemplo, é descrita como o resultado do fenômeno de palatalização. É justamente neste ponto que reside uma das principais diferenças entre o modelo estruturalista e o modelo gerativista, no que se refere à terminologia utilizada, pois, para o último, o *item de base modificado* corresponde a uma *forma subjacente* na qual aplicou-se um *processo* (na terminologia de Hockett 1954), resultando na chamada *forma de superfície*.

Assim, no modelo gerativo, a expressão *transcrição fonêmica* é substituída por *representação subjacente*, a qual nada mais é do que a representação dos segmentos em nível subjacente. Tal fato se explica pela negação da existência de um nível operacional explícito na designação *transcrição fonêmica*, que acaba por revelar a imbricação das condições de bi-univocidade e determinação local, linearidade e invariância (Callou & Leite 1990: 61).

O tipo de representação fonológica adotado pelo *The Sound Pattern of English* - unilinear - consiste de uma seqüência única de segmentos e símbolos de fronteira. Os

segmentos são tomados segundo a visão *bloomfieldiana* como conjuntos não ordenados de traços especificados, expressos na matriz, onde cada traço possui valor binário.

Tal postura adotada em *The Sound Pattern of English*, acredita-se, é explicada pela adoção de um pressuposto identificado por Poser (1982: 122 *apud* Wetzels 1985: 06) como *Restrição de Bijetividade*, segundo o qual cada segmento corresponde exatamente a uma especificação em termos de traços e cada especificação em termos de traços corresponde exatamente a um segmento.

O sistema de traços assim proposto por Chomsky e Halle (1968), não pretende constituir um inventário das oposições ocorrentes em todas as línguas conhecidas, mas, antes disso, procura caracterizar as classes de sons naturais, isto é, aqueles sons que funcionam conjuntamente em regras fonológicas, e propiciar um tipo de formalização mais econômica e natural, obedecendo, no entanto, à regra de que quanto mais geral o processo, mais simples e econômica sua formalização e quanto menos natural o processo, mais custosa e marcada sua formalização (Callou & Leite 1990: 61-4).

Neste sistema, as fricativas inserem-se ao lado das oclusivas e africadas, reunidas sob o traço [-soante]; o traço soante refere-se, portanto, às consoantes nasais, líquidas, glides e vogais. Os traços difuso, compacto e grave são substituídos por alto, baixo e recuado, respectivamente, e os traços grave e agudo, por coronal e anterior. Já os traços estridente, nasal, contínuo e sonoro permanecem exatamente como no sistema anterior (*op. cit.*, pág. 65).

Para as sibilantes, teríamos a seguinte matriz de traços (Mateus 1990: 343):

	s	z	ʃ	ʒ
soante	-	-	-	-
anterior	+	+	-	-
coronal	+	+	+	+
recuado	-	-	+	+
distribuído	+	+	+	+
voz	-	+	-	+
estridente	+	+	+	+
contínuo	+	+	+	+

Conforme apresentado anteriormente (pág. 6), para algumas variantes da língua portuguesa, a sibilante em final de sílaba, ortografada *s*, e em final de palavra, ortografada *s* ou *z*, é pronunciada como uma fricativa palatal. Tal variante está condicionada ao segmento que lhe segue, sendo, portanto, denominada variante contextual.

A escolha entre suas quatro realizações básicas pode ser resumida por duas regras: se o segmento que lhe segue for [-vozeado], podemos encontrar [s] ou a sibilante torna-se [- anterior], passando a [ʃ]; se for vozeado, a sibilante adquire esse vozeamento e torna-se [z] ou, além de adquirir o vozeamento, tornar-se [- anterior], passando a [ʒ]. Se o segmento que se sucede for uma vogal, o que pode acontecer também em final de palavra, a sibilante adquire esse vozeamento, mas mantém seu traço [+ anterior], passando a [z]. Neste caso, temos a ocorrência do fenômeno de ressilabificação.

Se indicarmos apenas os traços que definem as fricativas alveolares, a saber:

(IV)

$$\left[\begin{array}{l} - \text{soante} \\ + \text{contínuo} \\ + \text{anterior} \end{array} \right]$$

teremos um segmento que possui os traços comuns a [s] e [z]. Neste caso, o referido segmento, em final de sílaba ou de palavra, para as variantes que produzem a palatal, torna-se [+voz] e [-anterior] ou [-voz] e [-anterior] conforme o sinal desse traço na consoante que lhe segue.

O fenômeno que ocorre aqui recebe o nome de *assimilação*, um dos processos fonéticos e fonológicos naturais mais comuns em todas as línguas (Mateus 1990:345). No caso em que o segmento assimila-se em vozeamento à consoante seguinte, temos a assimilação de sonoridade, como o demonstrado acima em $s \rightarrow z$ e $\int \rightarrow ʒ$. Quando o segmento consonântico altera seu ponto de articulação e adquire uma articulação palatal, temos um outro tipo de fenômeno assimilatório denominado *palatalização*. Sua representação é feita com a aposição da mesma variável (por exemplo, α) ao mesmo traço que identifica dois segmentos diferentes.

A formalização da regra poderia ser feita da seguinte forma:

(V)

$$\begin{array}{l} \left[\begin{array}{c} C \\ -soan \\ +cont \\ +ant \end{array} \right] \rightarrow \begin{array}{l} \left[\begin{array}{c} +ant \\ +voz \end{array} \right] / _ V \\ \left[\alpha \text{ voz} \right] / _ \left[\begin{array}{c} C \\ \alpha \text{ voz} \end{array} \right] \\ \left[-voz \right] / _ \# \# \end{array}$$

No entanto, pode ainda haver o caso em que a sibilante em final de palavra é seguida por uma vogal e ocorra a pronúncia [ʒ]. Tal fato significa que o segmento não só sofreu um processo de assimilação de vozeamento, como também tornou-se [-anterior], num processo de palatalização. Neste caso, teríamos:

(VI)

$$\left[\begin{array}{c} C \\ -soan \\ +cont \\ +ant \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{c} -ant \\ +voz \end{array} \right] / _ V$$

Guy (1981: 112), partindo do princípio de que /S/ é a única consoante estridente que ocorre em final de sílaba, propõe que este traço [+ estridente] passe a representar o segmento, ao invés de [-soante], [+contínuo] e [+anterior]. Por essa razão, estabelece as duas regras de assimilação, conforme apresentam as Figuras VII e VIII:

(VII)

Assimilação de vozeamento

$$[+\text{estrid}] \rightarrow [\alpha \text{ voz}] / _ \$ [\alpha \text{voz}]^5$$

(VIII)

Palatalização

$$[+\text{estrid}] \rightarrow [-\text{ant}] / _ \begin{bmatrix} +\text{cons} \\ \emptyset \end{bmatrix}$$

No entanto, o autor (*op. cit.*, pág. 112) observa que esta regra de palatalização necessita de uma regra de apoio, pois a maioria dos falantes assimilam /s/ a qualquer sibilante ou chiante que lhe siga. Dessa forma, embora a regra de palatalização preveja [ʃ] e [ʒ] antes de [s] e [z], encontramos, na verdade, [s] e [z] neste contexto. Tal regra de apoio refere-se ao fenômeno de *assibilação*, pelo qual um segmento consonântico evolui para uma consoante africada ou fricativa anterior ou posterior (Hock 1986: 76 e 442-3). A regra é expressa conforme a Figura IX:

(IX)

Assibilação

$$[+\text{estrid}] \rightarrow [\alpha \text{ ant}] / _ \begin{bmatrix} + \text{estrid} \\ + \text{cor} \\ \alpha \text{ ant} \end{bmatrix}$$

⁵ “In this rule we are using the symbol \$ to indicate a syllable boundary, and assuming that a syllable boundary accompanies a word boundary, at least underlyingly.” (Guy 1981: 112)

Finalizando sua análise, o autor apresenta o *output* das três regras para o sistema das sibilantes em língua portuguesa, variedade carioca:

O output destas três regras nos apresenta [z] intervocalicamente e diante de outro [z], [s] diante de outro [s], [ʒ] diante de consoantes vozeadas, exceto [z] e [ʃ] diante todas as consoantes [-vozeadas], exceto [s] e pausa. Tal quadro encaixa-se perfeitamente nos dados observados (Guy 1981: 113).⁶

Nas regras, arroladas acima, está claro que o falante não produz primeiro a sibilante alveolar para depois produzir a chiante. Ambas produções estão relacionadas com um mesmo segmento abstrato e este segmento é realizado de três maneiras, conforme o contexto que o segue. O segmento abstrato está mais próximo da consoante situada à esquerda da seta e algumas de suas características (os traços) são alteradas quando se produz a variante palatal. O resultado dessa alteração é a consoante que se encontra à direita da seta. Estamos nos referindo, na verdade, ao nível subjacente da estrutura quando falamos de segmento abstrato e, ao nível superficial, ao mencionarmos o resultado (Mateus 1990: 318).

As hipóteses relativas ao nível subjacente e à complexa relação entre os dois níveis orientam-se por princípios que buscam ser universais, estabelecidos pela análise das particularidades de cada língua. As regras, que representam as especificidades destas línguas, são representadas formalmente de modo que permitam uma apreensão clara do

⁶ “The *output* of these rules gives us [z] intervocalically and before another [z], [s] before another [s], [ʒ] before voiced consonants except [z], and [ʃ] before all voiceless consonants except [s], and pause. This fits the observed data fairly accurately” (Guy 1981:113).

funcionamento das mesmas. Parecem estar, justamente aqui, os principais objetivos do modelo gerativo no que se refere à descrição da língua.

Embora tal modelo tenha sofrido várias modificações com o passar do tempo, alguns pontos abordados no *The Sound Pattern of English* foram mantidos em estudos subseqüentes, como a distinção entre as representações subjacentes e de superfície, a ordenação de regras e o desejo de que as generalizações lingüísticas fossem refletidas em um sistema notacional.

A representação do traço em uma matriz bi-dimensional foi justamente o ponto a causar maior descontentamento entre os estudiosos que buscavam um tratamento adequado para os traços supra-segmentais, os quais não recebiam nenhum tipo de formalização para a representação de suas propriedades. Com relação a esta ausência no *The Sound Pattern of English*, Chomsky & Halle (1968: 329) afirmam:

Nossa investigação a respeito destes traços ainda não progrediu ao ponto de merecer a publicação de uma discussão.⁷

Neste sentido, a Restrição de Bijetividade é responsável por proibições como o apagamento parcial de um segmento e a inserção de um feixe incompleto de especificações de traços nas representações, casos que dariam origem a segmentos que violariam a exigência primordial desta restrição (cada segmento deve conter exatamente uma

⁷ “Our investigation of these features have not progressed to a point where a discussion in print would be useful” (Chomsky & Halle 1968: 329).

especificação para cada um dos traços que o definem). Exclui, também, as representações nas quais um único traço não pode ser compartilhado por dois ou mais segmentos e aquelas em que um mesmo segmento não esteja associado a dois traços, como ocorre com os segmentos que possuem melodias altas e baixas. Inclui-se aí, o caso em que uma especificação de traço não esteja associada a segmento algum.

Todas estas proibições culminaram em desafios à teoria linear, os quais levaram ao desenvolvimento de estruturas alternativas *não lineares*, como a proposta por Goldsmith em 1976 - a *teoria auto-segmental* - entendida como “uma versão enriquecida da fonologia gerativa clássica” que elimina a Restrição de Bijetividade (Wetzels 1995: 6-7). Segundo sua teoria, os traços possuem, cada um, seu próprio nível de segmentalização (ou camada segmental), sendo vistos, portanto, como auto-segmentos. O número de auto-segmentos não corresponde necessariamente ao número de fonemas presentes em uma determinada seqüência e os auto-segmentos estão ligados a suas unidades por meio de *linhas de associação*.

A representação fonológica não-linear é, portanto, considerada um objeto tridimensional, com várias camadas de segmentos (e não apenas uma seqüência como na representação linear). Estas camadas de segmentos estão ligadas a uma camada central que consiste de unidades abstratas (*slots*) - representados pelo símbolo X (ou C e V) - às quais os segmentos nas outras camadas estão associados.

Até meados dos anos oitenta, a pesquisa fonológica voltou-se para o estudo do comportamento auto-segmental dos traços individuais. Tornou-se claro, a partir de então,

que cada traço poderia exibir pelo menos algum grau de independência fonológica, assim como todos os traços poderiam estar individualmente envolvidos em processos de assimilação e apagamento.

Diante deste quadro, sentiu-se necessidade de se obter uma representação fonológica do segmento que possibilitasse a manipulação dos traços individuais e foi exatamente para esta direção que os fonólogos, nos anos subseqüentes, dirigiram sua atenção.

Muito embora a representação em matriz da fonologia gerativa não reconheça a estruturação interna dos feixes de traços, já que cada traço está igualmente relacionado a qualquer outro e nunca se agrupam em conjuntos maiores, alguns lingüistas do passado chegaram até mesmo a propor a classificação dos traços fonológicos em categorias taxonômicas (Clements & Hume 1993: 04).

Nesse sentido, destaca-se a proposta elaborada por Trubetzkoy em seu *Grundzüge der Phonologie* (1958: 85), segundo a qual conjuntos de traços possuem comportamento idêntico em regras fonológicas.

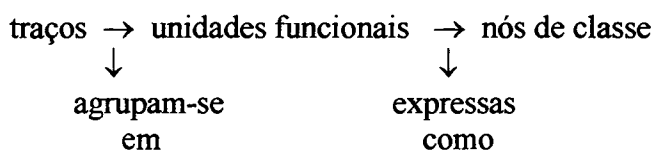
Vale ressaltar, no entanto, que as chamadas *classes relacionadas* de traços de Trubetzkoy, definidas tanto por princípios fonéticos quanto fonológicos, não chegaram a adquirir qualquer tipo de status nas representações fonológicas, muito embora alguns lingüistas, ao longo do tempo, chegassem a sugerir a existência de algum tipo de *status* cognitivo.

Assim, a fim de justificar tais *classes relacionadas*, Trubetzkoy (*op. cit.*, pág. 85) menciona o caso dos diferentes tipos de correlação, decorrentes do tipo de marca de correlação para o Francês e para o Sânscrito. Para o primeiro, salienta a correlação de voz (d-t; b-p) e para o segundo, a correlação de aspiração (t-th; p-ph), colocando-as na mesma *classe relacionada*, uma vez que suas marcas de correlação representam diferentes realizações da laringe e diferentes tipos de tensão da cavidade oral, independentemente do ponto de articulação na mesma.

Estudos iniciados há aproximadamente vinte anos apontam para a evidência de que os traços são realmente agrupados em unidades funcionais de nível mais alto, constituindo as chamadas *classes naturais*, muito semelhantes as classes relacionadas de Trubetzkoy.

Conseqüentemente, foi proposto um novo modelo de organização do traço - conhecido como *Geometria de Traços* - capaz de expressar a idéia de que os traços funcionam regularmente como uma unidade em regras fonológicas. Tais unidades funcionais são expressas como *nós de classe*. Esquemáticamente, temos:

(X)



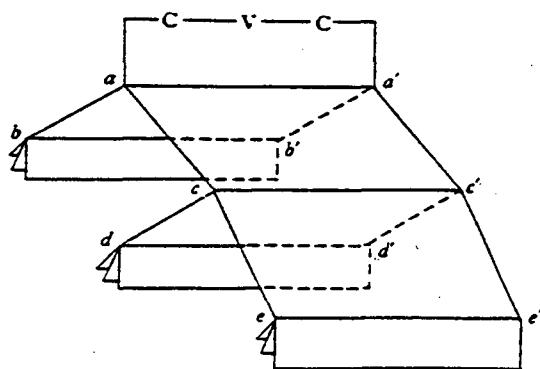
É possível estabelecer aqui uma importante analogia com a sintaxe, a qual, ao reconhecer o funcionamento de grupos de palavras como unidades em regras sintáticas, possibilita a formação de constituintes hierárquicos nas análises de estrutura da frase. A

fonologia auto-segmental fornece um dispositivo representacional natural para expressar este tipo de relação em fonologia - as representações em multi-camadas, nas quais os traços individuais e os grupos de traços ocupam camadas diferentes (Clements 1985: 226).

Da mesma forma que os traços, os nós de classe também podem estar atuando em regras, fato que torna possível expressarmos facilmente a assimilação de uma consoante a outra em termos de um dado traço, bem como em termos de um grupo de traços que estão reunidos sob um mesmo nó de classe.

Clements (1985) propõe um modelo geral de organização do traço segundo o qual a representação do traço não envolve matrizes bi-dimensionais, mas estruturas hierárquicas. O primeiro modelo apresentado por Clements (*op. cit.*, pág. 228), baseado em propostas de Mascaró (1983) e Mohanan (1983), estabelece a hierarquia de traços da seguinte forma (Figura XI):

(XI)



aa' = tira de raiz
 bb' = tira laringal
 cc' = tira supralaringal
 dd' = tira de modo
 ee' = tira de lugar

Observamos, inicialmente, que os traços individuais estão organizados em nós ordenados hierarquicamente, denominados *nós de classe* (*class nodes*), os quais são dominados por um nó de classe mais alta, o *nó de raiz* (*root node*). O nó de raiz, por sua

vez, está diretamente ligado a uma camada central denominada *camada CV (CV tier)*. O conteúdo fonético de um segmento localiza-se em dois tipos diferentes de camadas, a saber as *camadas de traço* e as *camadas de classe*. Estas últimas abrangem a *camada de raiz*, a *camada laringal*, a *camada supra-laringal*, a *camada de ponto* e a *camada de modo* (*op. cit.*, pág. 228).

Partindo-se do princípio de que os sons da fala envolvem conjuntos de traços que designam a atividade da língua, dos lábios, da úvula, da laringe etc, Clements (*op.cit.*, pág. 229) estabelece a correspondência do modelo acima descrito ao aparato de produção da fala humana. Assim, afirma que:

*A característica essencial da produção da fala é que ela é COMPONENTIAL por natureza, envolvendo a coordenação de gestos SIMULTÂNEOS e parcialmente SOBREPSTOS (cf. Halle & Clements 1983). Estes gestos apresentam graus variados de independência mútua.*⁸

Tal colocação nos leva a concluir que o modelo da Geometria de Traços oferece uma espécie de desmembramento desta componencialidade da produção da fala em gestos articulatorios elementares, definidos pelos traços, os quais são agrupados em gestos mais complexos e estes em gestos mais complexos ainda. Conseqüentemente, a coordenação precisa destes vários componentes, de forma que se execute a sobreposição de seqüências de estados articulatorios, culmina na produção da fala.

⁸ "The essential characteristic of speech production is that it is COMPONENTIAL in nature, involving the coordination of simultaneous and partly overlapping gestures (cf. Halle & Clements 1983). These gestures show degrees of mutual independence" (Clements 1985: 229).

A evolução provocada por tal modelo em estudos fonológicos, segundo Clements (1989:05), advém justamente da maior proximidade da teoria fonológica, acusada muitas vezes de ser excessivamente abstrata, de tornar-se o *input* adequado a modelos articulatórios de produção da fala, sem abandonar qualquer um de seus valores explanatórios a nível lingüístico.

Assim, tendo como presuposto central a idéia de que a fala é produzida com a utilização dos vários articuladores, os quais definem uma constrição primeira no trato vocal ou combinam-se para produzir várias constrições ao mesmo tempo, a teoria dos traços não poderia deixar de apontar os articuladores como os principais responsáveis pela estrutura do segmento.

Seguindo tal princípio, encontra-se a teoria proposta por Clements em 1991, e adotada no presente trabalho, a qual utiliza um único conjunto de traços para a caracterização do *ponto* de articulação em consoantes e vogais. Este conjunto inclui os traços *labial*, *coronal*, *dorsal* e *radical* (*op. cit.*, pág 77). A vantagem nesta simplificação do conjunto de traços de lugar permite a determinação de certas generalizações sobre a relação entre consoantes e vogais que os sistemas de traços precedentes não conseguiam captar.

O traço *labial* envolve os lábios como articulador ativo, abrangendo as consoantes labiais - bilabiais, labiodentais e labiovelares - e as vogais arredondadas. Em português, teríamos os sons /p,b,m,f,v/ e as vogais /o,u,ɔ/.

O traço *coronal* tem como articulador ativo a parte anterior da língua, agrupando todas as consoantes coronais, juntamente com as vogais produzidas com uma constrição localizada na ponta, lâmina ou parte anterior da língua, a saber as vogais anteriores e retroflexas em oposição às centrais e posteriores. Em língua portuguesa, as chamadas consoantes *sibilantes* reúnem-se sob o rótulo *coronal anterior* juntamente com os sons /t, d, n, l, r / e as *chiantes*, por sua vez, com as consoantes *palatais* [ʃ, ʒ, ʎ, ɲ]. As vogais coronais abrangem /i, e, ε/.

O traço *dorsal* envolve o corpo da língua, agrupando todas as consoantes velares, labiovelares e uvulares com as vogais produzidas com uma constrição no centro ou na parte posterior da língua. São as vogais posteriores em oposição às vogais anteriores e centrais. Tal traço em língua portuguesa caracteriza os sons /k, g, x/ e a vogal /a/⁹.

Clements (*op. cit.*, pág. 79) menciona também o traço *radical* que não utilizaremos no presente trabalho. Tal traço designa qualquer articulação formada na cavidade faringal, da laringe até a úvula, incluindo sons laringais em algumas línguas e consoantes faringais. Com relação às vogais, inclui vogais baixas e faringalizadas.

A evidência para estas classes está baseada em uma ampla variedade de fenômenos fonológicos, incluindo regras de assimilação, dissimilação, processos de fortalecimento e enfraquecimento (*op. cit.*, pág. 114).

⁹ Seguimos a classificação proposta por Battisti (1993:103) ao incluir a vogal /a/ na classe das dorsais.

Da descrição acima, concluímos que os traços *posterior* e *arredondado* tornam-se desnecessários e, portanto, são eliminados, fato que acaba por propiciar uma certa simplificação interna da teoria do traço, favorecendo o entendimento da relação próxima entre consoantes e vogais.

De modo diverso do que a teoria fonológica gerativa vinha propondo até então, os traços de ponto de articulação para as consoantes são *unitários* e não binários. A justificativa para tal fato está na escassez de regras que causem valores negativos para tais traços.

No capítulo 6, procuraremos demonstrar como tais traços funcionam na representação hierárquica das consoantes fricativas alveolares e palatais.

Diante do quadro estabelecido sobre a caracterização dos sons [s, z, ʃ, ʒ] em língua portuguesa, do ponto de vista linear e não-linear, passemos ao estudo da origem dos mesmos em final de sílaba e de palavra em língua portuguesa.

1.3 A Origem da Sibilante e da Chiante em Posição Implosiva em Língua Portuguesa

O latim falado a oeste da Península Ibérica, até a época que compreende o fim do período imperial, passa por uma série de evoluções também sofridas em todo o império romano. Após a invasão muçulmana, responsável por várias inovações lingüísticas que culminaram com o isolamento dos falares no noroeste da Península Ibérica, a língua latina toma nova forma na província da Galiza, originando o chamado *galego-português*, entre os séculos IX e XIII (data dos primeiros textos escritos em galego-português) (Teyssier 1984: 9 e 13).

Ao compararmos o sistema consonântico do galego-português e o mesmo sistema para a língua portuguesa hoje, observamos que a maior distância entre os dois é justamente com relação às *sibilantes* e às *palatais*. Desse modo, Teyssier (*op. cit.*, pág. 26) apresenta o seguinte quadro (Figura XII) para o galego-português:

(XII)

	Dentais-Alveolares		Palatais
Surdas	ts	s	tʃ ʃ
Sonoras	dz	z	(d)ʒ ¹⁰

¹⁰ “A correspondente sonora das palatais /tʃ/ e /ʃ/ - /(d)ʒ/ - perdeu seu elemento oclusivo e passou a /ʒ/ em um determinado momento, durante ou depois do século XIII” (Teyssier 1984: 28).

A ortografia para tal sistema resumia-se em *ç* e *c* diante de *e* e *i* para /ts/ (por exemplo, *cen* e *çapato*); *z* para /dz/ (p. ex.: *cozer*); *ss* em posição intervocálica e *s* em outras situações para /s/ (p. ex.: *sen* e *passo*); *s* para /z/ somente em posição intervocálica (p. ex.: *casa*); com relação às palatais *ch* para /tʃ/ e *x* para /ʃ/ (*op. cit.*, pág. 27).

Por volta de 1350, o português separa-se do galego e tal fato é ainda mais demarcado pela transferência para Lisboa, ao sul, do centro do reino independente de Portugal. O português passa a ser a língua falada nessa região, que além de abranger a cidade “onde reside o rei”, ao lado de Coimbra, forma o eixo cultural do país. É justamente desta região, longe da Galiza, que partirão as inovações destinadas a permanecer na língua (*op. cit.*, pág. 35).

Aproximadamente em 1500, as pré-dorso-dentais perdem o elemento oclusivo inicial e o sistema passa a possuir os fonemas /s/ e /z/ com articulação ainda pré-dorso-dental e /s/ e /z/ com articulação ápico-alveolar, mantendo, portanto, a oposição entre os dois pares de fonemas. Dessa forma, as palavras escritas com *s-*, *-ss-* e *-s-* eram pronunciadas segundo a articulação ápico-alveolar, “a ponta da língua próxima dos alvéolos, como no espanhol *paso* e *casa*”, provocando um efeito acústico expresso pelo som de *sx* e as palavras escritas com *c*, *ç* e *z* eram pronunciadas segundo a articulação pré-dorso-dental, com a ponta da língua virada para baixo e a parte anterior do seu dorso próxima dos dentes de cima (Teyssier 1984:50 e Silva Neto 1988: 618).

No início do século XVI, os quatro fonemas não provocam nenhum tipo de confusão com relação à ortografia. No entanto, por volta de 1550, as duas articulações

surdas e as duas articulações sonoras acabaram por gerar problemas referentes à grafia, do tipo ç em vez de -ss-; -ss- em vez de ç; z em vez de -s- e -s- em vez de z. Embora tentassem, os gramáticos nada conseguem fazer para resolver o problema e, como consequência, o sistema de quatro fonemas - dois ápico-alveolares e dois pré-dorso-dentais reduz-se em favor das pré-dorso-dentais, em fins do século XVI (Teyssier 1984: 50-1 e Silva Neto 1988:618). Assim, o quadro passa a ser:

(XIII)

Pré-Dorso-Dentais

Surda	/s/	(paço e passo)
Sonora	/z/	(cozer e coser)

A redução acima registrada refere-se ao português do centro-sul de Portugal. Ao norte, porém, a situação é bem diferente (ver Mapa I), visto que, além do sistema de pré-dorsais, tal região passa a apresentar também um sistema de duas apicais e, além deste, um outro que mantém os quatro fonemas. De maneira geral, pode-se apresentar tais regiões da seguinte forma (Teyssier 1984: 51):

a) do noroeste ao centro-leste de Portugal: a redução se faz em favor das ápico-alveolares /s/ e /z/. Esse traço de pronúncia é conhecido como “s beirão”.

b) no nordeste de Portugal, conservou-se o sistema de quatro fonemas.

Os três sistemas descritos anteriormente ainda persistem em Portugal: o centro-sul mantém o sistema das pré-dorso-dentais; no noroeste-centro-sul, o “s beirão” e a nordeste, os quatro fonemas (*op. cit.*, 1984: 51).

A redução em favor das pré-dorsais engloba vários elementos. Entre eles, podemos citar: a) um sistema de quatro sibilantes propicia uma sobrecarga para a língua, e, portanto, não consegue resistir muito tempo diante de pressões sociais, como as que se criam em situações de mistura de dialetos (Joos 1952: 223); b) o fonema pré-dorsal oferece mais eficiência em comparação ao apical, eminentemente instável. Como prova desse fato, podemos mencionar o caso equivalente do francês arcaico, para o qual a oposição entre /s/ dorsal e o /s/ apical tornou-se redundante em posição pós-vocálica - a única posição em que ambos poderiam ocorrer (com exceção da inicial). As vogais posteriores e longas surgem diante de várias consoantes, com exceção de /s/ dorsal, enquanto que as vogais não-posteriores (também baixas) surgem diante de várias consoantes, mas exceto diante de /s/ apical. Assim, ao contraste entre a apical e a dorsal já existente, acrescenta-se este novo, cuja consequência é que um deles torna-se instável - o menos “nítido” e mais próximo de [ʃ] (*op. cit.*, pág. 228 e 230)¹¹; c) a região sul de Portugal, onde se localiza Lisboa e, portanto, a Corte, caracteriza-se, por esse fato, como área “padrão” ou “modelo”; ao adotar a pronúncia pré-dorsal, assume esta como a pronúncia padrão portuguesa (Silva Neto 1988: 591).

¹¹ “Thus apical [s] articulation leaves a resonance chamber under the tongue lip and behind the lower incisors; but dorsal [s] has this same space filled up by the tongue. Therefore the apical [s] has a lower resonance and sounds rather ‘blunt’, somewhat like [ʃ], while the dorsal [s] has a higher resonance and sounds relatively ‘sharp’. The emphasis here is on the word RELATIVELY: because of personal differences, especially in the placement of the teeth, one speaker’s apical [s] may sound enough like another’s dorsal [s] so that we cannot tell which it is in isolation (Joos 1954: 222).”

O mesmo processo, sofrido pelos quatro fonemas acima descritos, ocorreu de forma semelhante para as palatais /tʃ/ e /ʃ/. No século XVII, /tʃ/ perde seu elemento oclusivo inicial e, assim, começa a haver confusões entre *ch* e *x* (p.ex., *xão* por *chão*, *roxa* por *rocha* e *axar* por *achar*). Tal inovação também iniciou-se na região sul de Portugal, fazendo parte, portanto, da língua tida como padrão. Mesmo assim, a pronúncia [tʃ] ainda sobrevive em algumas províncias do norte (ver Mapa I) (Teyssier 1984: 53-4).

Com relação à posição em final de sílaba de /S/, Teyssier (*op. cit.*, pág. 55) apresenta a hipótese de que seriam inicialmente pronunciados como sibilantes e ter-se-iam palatalizado entre os séculos XVI e XVIII, já que o primeiro registro de pronúncia palatal foi feito em 1746 por Luís Antônio Verney, em seu *Verdadeiro Método de Estudar*, na região da Estremadura, Portugal. Portanto, acredita-se que o fenômeno iniciou-se ao sul de Portugal e sua penetração ao norte ocorreu em apenas algumas poucas áreas (Révah 1957: 284 e 1958:390 *apud* Furlan 1982:221).

Já Furlan (1982:222), baseando-se em *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros* de Viana (1892), defende que, em meados do século XVI, a pronúncia das fricativas alveolares ainda não era palatal, apresentando como prova “as considerações sobre a pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões”, as quais apontam a pronúncia sibilante para /s/ e /z/ implosivos.

Com relação à pronúncia chiante de /S/, comenta Salgado Júnior em 1949:

Diz Álvaro Ferreira Vera que nenhuma dicção portuguesa deve acabar em x. Muitos, porém, acabam em x algumas palavras, e, entre elas, Felix, Simplex etc. O que eu sei é que a pronúncia portuguesa acaba em x todas as palavras que acabam em s; quero dizer que todo s final pronunciam como x, de que não quero prova mais que cada um observe como pronuncia o s final, e que diferença tem do s que pronunciam no meio das dicções /.../ Observo que não só o s final se pronuncia como x, mas também o z final, o que V.P. pode ver em Diz, Luiz, Fiz etc... (Salgado Júnior 1949: 77s apud Furlan 1989:107-8).

Outro testemunho sobre a palatalização de /s/ em final de sílaba encontra-se na tradução para o francês da gramática *New Portuguese Grammar* de Antônio Vieira Transtaganano (Londres, 1768), onde o tradutor (anônimo) faz o seguinte registro no texto original:

/.../ disse acima que se dá freqüentemente o som ch francês à letra s, quando em posição final. Está sujeita à mesma metamorfose quando antecede outra consoante, aproximando-se muito da pronúncia alemã, sem, no entanto adoptar toda a rigidez, em palavras semelhantes a estado e esposa, que se pronunciam mais ou menos echstado, echsposa (Maître Portugais 1799: 13 apud Teyssier 1984: 55).

Outra hipótese apresentada por Teyssier (1984: 55) a respeito da palatalização de /s/ e /z/ em final de sílaba, lança a possibilidade de que as antigas áptico-alveolares, transformadas em pré-dorso-dentais em início de sílaba, teriam se palatalizado em final de sílaba também no século XVI em Portugal, assim como aconteceu em alguns dialetos do alemão em posição inicial e interna (Joos 1952: 227). Mas logo após, coloca que tal hipótese é refutada devido ao fato de que em Minas Gerais não se pratica /s/ e /z/ palatais

nestes contextos e, se realmente tal transformação ocorreu em Portugal no século XVI, seria certamente praticada no Brasil no século XVIII, quando Minas Gerais já era densamente povoada.

Silva Neto (1988: 617-8) aponta duas causas para a existência de tal fenômeno. Na primeira, defende que com a redução do sistema de duas apicais e duas pré-dorsais em favor das pré-dorsais na área meridional de Portugal, poderia ter ocorrido a passagem direta das apicais às pré-palatais em posição interna antes de consoante. A segunda causa remete-se à existência de áreas em Lisboa que mantiveram a pronúncia apical em final de sílaba e de palavra. Vale ressaltar que, na região nordeste, ocorre tanto a variedade ápico-alveolar para *-s* quanto a pré-dorso-dental para *-z*, comprovando, mais uma vez, que a pronúncia inovadora originou-se na região sul e os falares da região norte apresentam-se como arcaicos e marginais (Teyssier 1984: 56).

Tanto Teyssier (1984) quanto Silva Neto (1988) parecem concordar em duas questões com relação à origem da pronúncia palatal de /s/ e /z/ em final de sílaba: a) a transformação em questão ocorreu aproximadamente no século XVII ; b) iniciou-se na área meridional de Portugal.

Com relação à distribuição da pronúncia palatal de /s/ e /z/ em final de sílaba pelo território português, escreveu Vasconcelos em 1901 (*cf.* Furlan 1989:105):

Diante de uma consoante e no final de palavras, pronuncia-se geralmente s [fricativa surda línguo-dental] enfraquecido, no Centro e no Norte (com exceção das fronteiras), e x [fricativa surda ântero-palatal] no Sul; diante de consoante sonora, pronuncia-se ʃ [fricativa sonora línguo-dental] no Centro e no Norte, (com exceção das fronteiras) e j [fricativa sonora ântero-palatal] no Sul; ex.: lus, testo, meſmo. Nas fronteiras do Norte e do Centro, o z guarda seu antigo valor de -ç; ex.: luç = luz.

Pode-se afirmar, portanto, que, no século XVIII, época da imigração açoriana para Santa Catarina, o centro-sul de Portugal já produzia a palatalização do /s/ e /z/ em final de sílaba e de palavra.

1.4 As Sibilantes e as Chiantes em Posição Implosiva em Território Brasileiro

Os colonizadores portugueses trouxeram para o Brasil três sistemas distintos de sibilantes - o de quatro sibilantes, o de duas pré-dorsais e o de duas apicais (Silva Neto 1988: 592) - que, inevitavelmente, entraram em contato. Tal fato se comprova quando reconhecemos que o povoamento europeu se fez a partir de todas as regiões de Portugal, seguindo-se, em território brasileiro, a elaboração de uma *koiné* por eliminação de todos os traços marcados dos falares portugueses do norte e por generalização dos não-marcados do centro-sul. Porém, durante parte do período colonial seguiu o esquema de evoluções do português europeu (Teyssier 1984: 78).

A pronúncia de *-s* e *-z* implosivos parece não mais seguir (talvez apenas parcialmente) as inovações européias, apresentando caráter conservador. No entanto, inova ao provocar o aparecimento de um iode antes da pronúncia chiante de *-s* e *-z* em final de sílaba, como para *atrá[y]s*, *lu[y]z* e *pé[y]s* (*op. cit.*, pág 82).

Vários autores já testemunharam a soberania da pronúncia alveolar de /s/ e /z/ em final de sílaba sobre a pronúncia palatal em território brasileiro. Furlan (1982: 226-7) faz um levantamento dos estudos realizados sobre tal assunto ao longo do país, destacando Bunse (1981:93) que aponta a pronúncia alveolar em todo o estado do Rio Grande do Sul; Ribeiro & Zágari (1977: cartas 2, 14, 26, 33, 45) e Gomes (1979: 70) também observam a

pronúncia sibilante em Minas Gerais; Teixeira (1944: 69), ao analisar a região de Goiás, afirma ser esta notadamente produtora de sibilante.

A pronúncia palatal de /s/ e /z/ em final de sílaba no Brasil parece estar relacionada às áreas de antigos portos dos séculos XVIII e XIX de acentuada influência portuguesa, a saber Santos, Salvador, Recife, Fortaleza (Furlan 1989:102), Belém/Manaus e Rio de Janeiro (*op. cit.*, pág. 109), comprovando a importância da comunicação por mar para a difusão do fenômeno.

No referente a Pernambuco e Alagoas, Marroquim (1943: 36-7 *apud* Furlan 1982: 225) menciona os contextos em que a pronúncia de /s/ e de /z/ ocorrem como sibilante e como palatal:

Aqui temos três sons para o s; s = ç quando inicial de sílaba: cedo, saber, situação, passo, persa; quando é medial, tem o valor de palatal surda, vale x, se está antes de consoante surda: cexto, caxta, caxca, extar, e é palatal sonora, vale j quando está antes de consoante sonora: majmorra, mujgo, rajga, rujga, mejmo, dejde. Final de sílaba vale também x: apoix, jamaix, extaix, péix, pexca.

Com o mesmo objetivo, o autor menciona Castro (1958: 107) no referente à pronúncia da sibilante no Ceará:

Assim, soa como x antes de t: este = exte (à carioca); como j antes de d, n e l: asno = ajno, desde = dejde, desligar = dejligar (à carioca); como z antes de b, g, m, r e v: mesmo = mezmo ... e, finalmente e de modo geral, com o som sibilante c, quando o s precede às demais letras ou está no fim das palavras ...”

Em algumas localidades, no entanto, há a coexistência das duas pronúncias - a alveolar e a palatal - como atesta o próprio autor com relação a Manaus e Belém (Furlan 1982: 226) e Salvador (Rossi 1963, carta 62). Com relação a Santos e São Paulo, esta é notadamente palatal, embora todo o restante do estado produza a alveolar (Cunha 1974:335).

Para o Rio de Janeiro, vários são os estudos que comprovam a existência da pronúncia palatal, a saber Castro (1958:107), Silva Neto (1976: 172), Callou & Marques (1975: 9-137) e Camara (1977: 41). A justificativa para o fenômeno é apontada como sendo a consequência da “relusitanização” da região, por ocasião da instalação da família real portuguesa nessa cidade a partir de 1808. Vale ressaltar que a colônia recebeu naquela época cerca de 25.000 portugueses provenientes da Corte, cuja pronúncia passou a ser o modelo imitado pela população (Furlan 1989: 109).

A este respeito, Silva Neto (1988:618) discute se a existência de tal pronúncia no Brasil é um fenômeno ligado à presença da Corte ou constitui uma inovação que se operou independentemente cá e lá. Convém lembrar que, na época da transferência da Corte portuguesa, tal inovação já estava concluída em Lisboa. Embora o autor afirme não possuir elementos decisivos a favor de uma ou de outra hipótese, apresenta uma prova sobre a influência da pronúncia padrão da Corte no Rio de Janeiro, datada de 1823, durante os debates da Assembléia Constituinte, quando se discutia a localização de uma projetada Universidade. O Visconde de Cairu, José da Silva Lisboa, advogou o Rio de

Janeiro para sede, baseado na “pureza da pronúncia da língua portuguesa nesta cidade e o caráter desagradável da fala de São Paulo” (*ibidem*):

Uma razão muito poderosa me ocorre de mais para a preferência da Universidade nesta Corte e é para que se conserve a pureza e a pronúncia da Língua Portuguesa (...) Sempre em todas as nações se falou melhor o idioma nacional nas Cortes. Nas províncias há dialetos com os seus particulares defeitos: o Brasil os tem em cada uma, que é quase impossível subjugar, ainda pelos mais doutos do país. (Anais da Assembléia Constituinte de 1823 iv, pág. 144)

Embora a variante palatal tenha passado a ser a pronúncia dos intelectuais nascidos na capital do país (até 1960), a cidade do Rio de Janeiro nunca perdeu a característica de “localismo” e, portanto, nunca teve o prestígio da variante alveolar, a qual passou a ser recomendada como a realização ideal para o canto e teatro eruditos. No entanto, os mesmos que a elegeram como tal, não deixaram de considerar a variante palatal mais ideal para outros casos (Cunha 1974: 335 *apud* Furlan 1982: 228).

Silva Neto (1977:195) aponta o litoral de Santa Catarina, notadamente Florianópolis e Itajaí (também áreas de antigos portos)¹² como “zonas de s chiado”. Tais regiões estariam incluídas no que Furlan (1989:104) denomina de *falar do centro* do estado de Santa Catarina, incluindo, além das duas cidades mencionadas, São José, Paulo Lopes e Enseada do Brito (ver Mapa II) entre outras.

A justificativa para a adoção de tal fenômeno em determinadas áreas do estado de Santa Catarina é feita a partir de duas hipóteses colocadas por Furlan (1989: 112-3). A

¹² O porto de Florianópolis foi extinto em 1950; o porto de Itajaí ainda está em funcionamento.

primeira delas procura verificar se há correlação entre a área de palatalização do /s/ implosivo e a área de povoamento açoriano, iniciado em 1748 até 1756. Quanto à região denominada pelo autor como *falar do norte* (ver Mapa II), a coincidência não é total, pois o fenômeno ultrapassa o ponto terminal da distribuição inicial de sesmarias a açorianos (limitado pelo rio Camboriú) (Furlan 1982: 83). Quanto ao *falar do sul*, poderia haver certa influência, devido à presença de um grupo de açorianos na região de Garopaba e Paulo Lopes, entre os séculos XVIII e XIX, provenientes da Enseada do Brito (Farias 1980: 237-8 *apud op. cit.*, pág. 83). A esse respeito comenta o autor:

Na falta de dados objetivos, pode-se conjecturar o seguinte: se, à época da expansão, a linguagem de Enseada do Brito já continha tal fenômeno, então, se terá expandido com os falantes; se ainda não o continha, ter-se-á expandido depois, a partir sobretudo da capital. Em todo caso, (...) é muito pouco provável que o fenômeno da palatalização do /S/ implosivo se tenha originado dos açorianos como de um ponto inicial; se açoriano é, remonta a Portugal” (Furlan 1982:83-4).

Também contra a influência açoriana na origem do fenômeno está Révah (Révah 1957: 284 *apud* Furlan 1982: 227) :

No início do século XIX, Jerônimo Soares Barbosa atribui a pronúncia palatal sibilante aos “brasileiros” sem fazer distinções regionais. É possível que a pronúncia chiente não tenha aparecido senão no decorrer do século XIX (por importação ou por evolução local) nas regiões brasileiras em que hoje ela se encontra.¹³

¹³ “Au début du XIXe siècle, Jerónimo Soares Barbosa attribue la prononciation sifflante aux ‘Brésiliens’ sans faire de distinctions régionales. Il est possible que la prononciation chuintante ne soit apparue qu’au cours du XIXe siècle (par importation ou par évolution locale) dans les régions bresiliennes où on la trouve aujourd’hui” (Révah 1957:284 *apud* Furlan 1982: 227).

Nota-se também que algumas áreas de povoamento açoriano no Brasil não produzem a variante palatal, a saber o Rio Grande do Sul, Maranhão, Pará e Amazonas. Por outro lado, o Rio de Janeiro, Pernambuco e Alagoas, que constituem áreas de forte palatalização, caracterizam-se por povoamento denso de portugueses, mas um número praticamente insignificante de açorianos (*op. cit.*, pág. 228).

Sobre a influência da povoação açoriana, do ponto de vista lingüístico, em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Silva Neto (1988:585) afirma que, o fato de sua proveniência ser das classes humildes provincianas, somado ao isolamento em que viveram por certo tempo nestas localidades brasileiras, poderiam contribuir para que se formasse aqui um falar caracterizado como um prolongamento do falar das ilhas, de caráter conservador. Afirma, ainda, que os açorianos não exerceram influência considerável sobre a pronúncia brasileira, pois se misturaram com trasmontanos, minhotos, alentejanos, algárvios constituindo um denominador comum. Assim, o prolongamento do falar das ilhas, citado acima, só poderia ter como destino ou sua absorção pela língua comum, propagada pelas escolas, ou sua absorção por outros falares brasileiros.

É interessante observar que Boléo, em seu trabalho de campo realizado em 1948, na comunidade do Rio Vermelho, situada a 42 km ao norte do centro de Florianópolis, denominado “Inquérito Lingüístico em Rio Vermelho” e publicado no “Congresso de Florianópolis Comemorativo do Bicentenário da Colonização Açoriana” (Coimbra, 1950), não aponta a pronúncia palatal do /s/ e /z/ em final de sílaba, entre outras observações fonéticas, morfológicas e lexicais que, segundo o autor, denotam a evidência da influência

do falar dos Açores no falar ilhéu catarinense. A ausência do fato levou alguns linguistas a concluir que Boléo desconhecesse tal pronúncia no português insular ou, então, que tal pronúncia não fosse marcante no falar do Rio Vermelho. Embora muitas críticas surgissem com relação a este trabalho (encontradas em Bueno 1967:292 *apud* Silva Neto: 1953), principalmente no que se refere à atribuição da influência açoriana a alguns aspectos fonéticos, morfológicos e lexicais e à falta de menção da existência de outros (como o que se refere à palatalização de /s/ e /z/ em final de sílaba), não podemos desconsiderar a própria justificativa do autor sobre a limitação dos resultados de seu trabalho:

Não me foi possível demorar-me em Rio Vermelho o tempo suficiente para realizar um inquérito lingüístico completo. Em todo o caso, algumas observações fiz que me permitiram confrontos com o falar açoriano (...) (Boléo 1950: 21-2)

A segunda hipótese de Furlan coloca que a palatalização teve sua origem com o intercâmbio entre os açorianos, aqui instalados, e a capital federal da época - Rio de Janeiro - bem como com o intercâmbio com outras cidades como Santos, Salvador, Recife, além do intercâmbio também com Lisboa. Embora menos provável, justifica tal colocação estabelecendo uma espécie de ação de reforço desta hipótese em relação à primeira:

Embora todas as áreas mencionadas (de Santa Catarina) tivessem sua povoação nascida no século XVII, na falta de dados mais objetivos, pode-se citar, entre outros, o fato de a parte capital do Estado ter sido o pólo que concentrou não só os povoadores luso-açorianos, mas também a posterior comunicação com os centros irradiadores da pronúncia palatal, a saber, Lisboa e, depois Rio de Janeiro (...) (Furlan 1982: 84).

Acrescenta também com relação ao contato de portugueses e cariocas propiciado pelo antigo porto do Desterro, em Florianópolis:

Presença de tripulações lisboenses, advindas, de navio, a esses portos, mas a influência maior deve ter-se originado do Rio de Janeiro, através do contínuo vai-e-vem da elite administrativa, social e intelectual entre a capital federal e essas cidades portuárias. (Furlan 1982: 228)

Se considerarmos que a palatalização foi introduzida no Rio de Janeiro pela Corte portuguesa em 1808 e, em Santa Catarina, pelos imigrantes açorianos a partir de 1748/56, e que as sibilantes passaram a ser palatalizadas em final de sílaba entre os séculos XVI e XVIII, concluiremos que são justamente estas duas regiões as mais antigas a produzir tal fenômeno em terras brasileiras, sendo seguidas por Salvador, Recife, Fortaleza e Natal (Furlan 1989: 112).

Muitos foram os autores que investigaram a pronúncia de /s/ e /z/ em final de sílaba nos falares portugueses ultramarinos, mais especificamente, nos Açores. As conclusões, no entanto, nem sempre entram em concordância. Furlan (1982: 223-4) menciona os estudos de Vasconcelos (1970: parágrafo 88-90), Ribeiro (1948: 262-3) e Rogers (1948 e 1950: 194-222) os quais não mencionam a realização palatal de /s/ e /z/ em final de sílaba nos Açores e na Madeira. No entanto, Furlan (1989: 106) aponta registros de pronúncia palatal nestes contextos nos Açores e também em ex-colônias portuguesas como Angola, Moçambique e Cabo Verde como equivalentes aos dialetos centro-meridionais de Portugal (*op. cit.*, pág. 102). Acreditamos que os registros referentes aos Açores e à Madeira

provenham da coleta realizada pelo autor em 1979, cujos resultados são apresentados em Furlan (1982: 224):

Na Madeira (Caniçal) é leve a palatalização que os vários pescadores dão aos /s/ implosivo; no Faial, soa geralmente um pouco palatalizado, mas há casos de pronúncia alveolar; em Santa Maria é leve e breve a palatalização nas poucas vezes em que ela ocorre; em São Miguel, a palatalização não ocorre senão em raros casos e, então, só ante silêncio e ante oclusiva velar surda; a informante terceirense palataliza as fricativas alveolares, mas muito de leve.

Outro relato em defesa da pronúncia palatal de /s/ e /z/ em final de sílaba no português açoriano é o de Bueno (1955:301):

S em final de sílaba (nos Açores) é chiente como em Lisboa.

O mesmo Bueno (1967: 291) volta a mencionar tal pronúncia no dialeto açoriano, salientando sua semelhança com a pronúncia de Lisboa. Exemplifica o fenômeno com os seguintes exemplos: *séx* (seis), *dex* (dez), *paxta* (pasta). Acrescenta ainda (*op. cit.*, pág. 292) um interessante texto - a oração Pai Nosso - proferido no português dito "açoriano", onde é possível vislumbrar os contextos que propiciam a palatalização de /s/ e /z/ finais de sílaba e de palavra. A seguir, transcrevemos o texto:

Padre nósso que xta no céü, santeficâdo sâj'ó vosse nume, vânhá'â nóx o vósso rêno, sêja fêt'â â vósso vuntád'assim na terra cume no céü; o pam nósso de cada dia nox dá hoje, perduá-nox, Sinhur, ax nossax div'dax assim cumo nox perduâmox aos nossox devidurix nam nox dêxêx cair aim tantaçam, max livrá-nox, Sinhur, de tud'ó male, améne.¹⁴

Constata-se, pelos dados acima, que dentre as 16 ocorrências de /S/ em final de sílaba, ocorrem 15 palatalizações contra 1 ocorrência de pronúncia alveolar. Considerando-se apenas as palatalizações, observamos que ocorrem em posição medial antes de consoante surda; posição final não-absoluta diante de vogal, consoante sonora ou surda; ocorre também antes de pausa (marcada por vírgula).

Pode-se observar, através dos estudos dos vários autores apresentados aqui, que a variante palatal em final de sílaba produzida na região litorânea central de Santa Catarina (o *falar do centro*, segundo Furlan 1982) diferencia-se da variante produzida em mesma posição nos estados vizinhos do Rio Grande do Sul e Paraná e no interior do próprio

¹⁴ Bueno (1967:291) apresenta uma descrição dos traços fonológicos do português açoriano que reproduziremos aqui:

- â
- é
- ê
- e (como o e mudo do francês)
- õ (do francês *oeu* em *oeuvre*)
- ó
- ü (como no francês)
- i (i tônico medial passa a ei : frio → freio)
- ai (monotonga-se em a : baixa → baxa)
- ão (reduz-se a ã : pão → pã)
- ei (simplifica-se em e : peixe → pexe)
- io (dissilabo nos nomes ti-o; fri-o)
- iu (reduz-se a i em fugiu → fugi; viu → vi)
- l (quando em final requer um e de apoio : sol → sole)
- r (quando em final requer um e de apoio : cor → core)

estado, mas assemelha-se a outros falares brasileiros de forte influência portuguesa, como o carioca e o nordestino. Assim, o denominador comum para tal fenômeno no Brasil parece ser antes o falar do centro-sul de Portugal, que chegou até aqui via imigração açoriano-madeirense.

No próximo capítulo, apresentaremos a delimitação das variáveis dependentes e independentes analisadas no presente estudo, bem como os principais artigos que tratam o fenômeno de palatalização do /S/ pós-vocálico no Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Santa Catarina.

2 - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA E DEFINIÇÃO DAS VARIÁVEIS OPERACIONAIS

2.1 Estudos Mais Recentes sobre a Pronúncia do S em Posição Implosiva no Brasil

A diversidade de formas fonéticas na realização da sibilante em posição implosiva no português falado no Brasil continua a chamar a atenção de lingüistas e pesquisadores de várias localidades do país, visto que este fenômeno constitui uma das marcas dialetais que diferenciam grupos regionais .

Assim, procuramos reunir aqui os estudos mais recentes sobre o assunto, preferencialmente aqueles que buscam justificativas baseadas em condicionamentos, tanto lingüísticos, quanto sociais para o fenômeno.

Em ordem cronológica, salientamos: o artigo de Callou & Marques (1975) sobre a pronúncia do /S/ implosivo no Rio de Janeiro, zona urbana, que constitui a referência principal de todos os outros a serem citados; o trabalho de Gryner & Macedo (1981) sobre a comunidade rural de Cordeiro, situada na divisa do estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais; a tese de doutorado de Furlan (1982), com especial referência ao capítulo terceiro, sobre os traços distintivos do linguajar catarinense de ascendência luso-açoriana, que abrange o fenômeno em questão no chamado *falar do centro* do estado, onde se situa Florianópolis; o artigo de Pessoa (1986) sobre a capital de Natal, Rio Grande do Norte; o

trabalho de Scherre & Macedo (1989), novamente retomando o fenômeno na cidade do Rio de Janeiro.

Callou & Marques (1975), levando em conta aspectos diatópicos (a região em que habita o informante dentro do Rio de Janeiro), aspectos diastráticos (em que camada social se insere, sendo esta estratificada de acordo com o nível de instrução), e sexo, analisam dados obtidos de 36 informantes entre 20 e 45 anos com o objetivo de investigar como se realiza o arquifonema na linguagem carioca. As autoras registram, além da palatalização como tratamento mais geral na região, e além da fricativa alveolar sonora em final de palavra diante de vogal, uma realização de transição articulatória, de alveolar para palatal e de palatal para alveolar, com menor grau de perceptibilidade numa das fases. Acrescentam, ainda, a realização fricativa laríngea. A palatalização surge em maior porcentagem em posição final absoluta e em posição medial, diante de [m, d] e diante de consoantes [+voz], quando também registram a possibilidade de realização alveolar. São os indivíduos de nível superior os que apresentam maior frequência e uniformidade de produção do fenômeno de assimilação palatal, o que constitui um dado importante do ponto de vista diastrático, pois pode vir a ser um elemento fundamental na difusão e irradiação da variante palatal.

Atribuem o maior grau de oscilação na realização do s implosivo às áreas que oferecem maior interação sócio-cultural e espacial, atribuindo tal resultado como consequência do fato de que o Rio de Janeiro recebe continuamente a influência da fala de indivíduos procedentes de várias outras regiões do país. Por outro lado, tais indivíduos

também incluem-se na tendência geral existente no país, em se imitar a palatalização característica do Rio de Janeiro para este contexto.

Pessoa (1986) insere seu trabalho ao projeto *O português de Natal: variantes sociolinguísticas* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Para a elaboração da pesquisa, reúne quatro mulheres, sendo duas universitárias e duas semi-alfabetizadas, em idades que variam de 20 a 25 anos.

De forma contrária aos outros estudos mencionados, a fricativa alveolar surge como a realização mais geral, com absoluta predominância no grupo das universitárias e a palatalização surge como uma regra variável, com relativo avanço nos contextos que a favorecem (apontados como coronais [t,d] em posição medial e [t,d,n,l] em juntura), sobretudo para o grupo de nível sócio-cultural baixo.

Os estudos de Gryner & Macedo (1981), Scherre & Macedo (1989) e Furlan (1982) são de especial interesse para a presente pesquisa. Os dois primeiros, por adotarem a metodologia de trabalho laboviana e o programa de análise de probabilidades VARBRUL (ver item 3.8) e o terceiro por englobar, justamente, a região por nós estudada.

Gryner & Macedo (1981) reuniram uma amostra, composta por 22 informantes dos dois sexos, de 13 a 30 anos, de 31 a 50 e de mais de 51 anos, distribuídos em três classes sociais - baixa, média-baixa e média-alta e em três níveis de escolaridade: primário, secundário e universitário, num total de aproximadamente 5.000 ocorrências de s não-

morfêmico em final de sílaba. O s marcador de plural é isolado para controle da regra de concordância nominal ou de apagamento devido a fatores específicos (*op. cit.*, pág. 135).

As variáveis selecionadas, isto é, estatisticamente relevantes, foram: o contexto seguinte, a sonoridade, o contexto precedente e a tonicidade. Com relação ao contexto seguinte, constatou-se que o fenômeno assimilatório de palatalização depende fundamentalmente do contexto fonológico que abrange S, apontando para maior incidência de palatalização diante de consoantes caracterizadas pelos seguintes traços [+ coronal] e [- voz] em sílaba tônica, isto é, um contexto caracterizado como [+ forte]. A partir destas conclusões, as autoras estabeleceram uma regra para a palatalização, segundo a qual a alveolar se palataliza diante de consoantes [+ coronal], de consoantes surdas e de sílabas tônicas (contextos tidos como [+forte]).

Apontam ainda, como resultado de seu trabalho, a confirmação da tendência universal pela simplificação do padrão silábico CVC em CV, explicada pela predominância da pronúncia alveolar em final de palavra diante de vogal, a qual provoca uma troca de CVC.V em CV.CV.

O contexto precedente parece exercer pouca influência para o processo de palatalização de S, sendo que as vogais altas /i/ e /u/ apresentam pequeno favorecimento ao fenômeno.

Para os fatores sociais, as autoras concluíram que, das quatro possibilidades de pronúncia, os universitários, tidos como elementos da classe mais favorecida, e os mais jovens, são os que apresentam mais alto índice de pronúncia palatal, talvez por grande influência do padrão da capital Rio de Janeiro. A variável sexo não é selecionada pelo programa como estatisticamente relevante.

Scherre & Macedo (1989) estabelecem a presente pesquisa sobre a variação da pronúncia do *s* não morfêmico, com vistas ao estabelecimento das relações desta variação com o *s* morfema de plural e as regras de concordância nominal. Analisam 3.914 dados produzidos por 18 falantes da amostra *Censo*, divididos por sexo, idade (de 7 a 14 anos; de 15 a 25; de 47 a 70) e escolaridade (primário, ginásio e segundo grau). Para as variáveis lingüísticas, selecionam como de interesse o contexto seguinte, a sonoridade, a posição, a tonicidade, o contexto precedente e o tipo de item lexical, cuja presença é justificada pela busca por uma explicação de ordem lexical, a qual poderia oferecer maior funcionalidade na colocação do fenômeno em estudo.

Entre os grupos de fatores selecionados como relevantes, pelo programa de análise estatística VARBRUL, está a posição, com maior incidência de palatalização em posição medial. A posição final de sílaba e de palavra é preferida para ocorrência da variante alveolar.

Para o contexto seguinte, as autoras apontam a maior ocorrência de palatalização do *S* implosivo diante de consoantes surdas, a saber [p, f, t, k]. O contexto precedente e a

tonicidade não foram selecionados pelo programa de análise estatística VARBRUL, como estatisticamente relevantes.

A variável tipo de item lexical foi selecionada como estatisticamente relevante pelo programa e os itens verbos e nomes próprios surgem como os que mais apresentam casos de palatalização de S pós-vocálico, sendo seguidos pelos substantivos, numerais e adjetivos. Os itens que menos apresentam ocorrência de palatalização são a conjunção *mas* e o advérbio *mais*, além de *mesmo*, o qual se insere também entre os itens que mais apresentam casos de apagamento. As autoras sugerem maior atenção à questão do peso relativo do contexto seguinte e do item lexical, como um meio de verificação da forma como as influências fonológicas e lexicais se inter-relacionam na questão da realização do S pós-vocálico.

Quanto aos fatores sociais, as mulheres surgem como líderes no uso de palatalização (de modo inverso aos resultados de Callou & Marques, 1975) ao lado dos menos escolarizados e mais jovens, fato este que parece apontar para uma situação de fortalecimento desta pronúncia no Rio de Janeiro.

Embora não realize um trabalho estatístico como os dois últimos descritos acima, a tese de doutorado de Furlan (1982) nos interessa por abranger, entre outros aspectos da variante catarinense, a variação do S pós-vocálico em Florianópolis, Santa Catarina. Ao dividir o estado em três regiões - falar do norte, falar central e falar do sul (ver mapa II)

atribui a pronúncia palatal do S pós-vocálico como característica do falar central, sendo seu ponto alto na Grande Florianópolis e na faixa litorânea (*op. cit.*, pág. 81).

Como prova de sua existência e da impressão que tal pronúncia causa nos que alveolarizam na mesma posição, provenientes de outras áreas do país, aponta um dito popular, de grande difusão na região, que acumula casos de S implosivo pronunciado como chiente - “se queres queres, se não queres diz” [si kɛʃ kɛʃ ≠ si nẽw̃ kɛʃ dif] (*op. cit.*, pág. 80).

No que se refere às variantes lingüísticas, o autor seleciona a posição e o contexto seguinte como influentes na realização da variante palatal. Em posição final absoluta, registra 42 casos de palatalização em um total de 138 ocorrências (89,9%), concluindo ser este o contexto mais favorecedor de palatalização ao lado dos 38 casos em posição medial (de um total de 166, o que equivale a 86,2 %), sendo seguidos pela posição final de palavra diante de consoante (67,3%) e final de palavra diante de vogal (16,6%). Para o contexto seguinte, embora não tenha realizado a quantificação dos dados, observou a tendência de favorecimento da palatalização diante de consoantes surdas, a saber [p,t,c,k,f].

Com relação à supressão da semivogal [y] diante da variante palatal em posição implosiva, o autor optou por um tratamento lexical, registrando maior incidência em numerais como *dois*, *seis* e *advérbios* como *mais* e *depois*, tanto em final de palavra seguido por consoante quanto em posição final absoluta. Conclui, afirmando que a supressão da semivogal [y] quase não ocorre na região caracterizada como *falar central* por aqueles que utilizam a variante alveolar e é praticamente inexistente no *falar do sul* e no

falar do norte, regiões onde o esperado é a ditongação. É justamente tal fato, segundo o autor, que afasta a palatalização do S implosivo catarinense do mesmo fenômeno no Rio de Janeiro, onde ocorre também a ditongação seguida pela palatalização. Notou ainda maior incidência de palatalização em prefixos (por exemplo.: escavar; exportar; descarregar etc), em palavras que possuam, na mesma, outra fricativa palatal (por exemplo: Jesus; jasmim; chispa) e ainda em proparoxítonas e paroxítonas (por exemplo.: Florianópolis; tênis).

Sem aprofundar-se muito nos fatores sociais, afirma apenas que tanto a pronúncia palatal (também aquela que segue a supressão da semivogal em determinados contextos), quanto a alveolar para o S implosivo são prestigiosas, não havendo dados que comprovem qual o seja mais, pois a variante palatal foi registrada em seu trabalho também na pronúncia de “professores universitários e indivíduos dos mais elevados cargos sociais e políticos” (*op. cit.*, pág. 79). O fenômeno parece não apresentar tendências à extinção, mas, pelo contrário, tende à expansão, pois, como justifica o autor, Florianópolis constitui a maior densidade demográfica do estado, e, além disso, desfruta do privilégio de ser a capital cultural de Santa Catarina.

A partir do exposto acima, podemos levantar alguns fatos que serão considerados em nossa análise. O primeiro deles refere-se ao contexto fonológico que abrange o S em posição implosiva, isto é, às consoantes que o seguem e às vogais e ditongos que o precedem. Realizaremos a análise da influência do contexto seguinte e do contexto precedente no fenômeno de palatalização do S implosivo com base na teoria proposta por Clements (1985, 1989, 1991) e comentada por nós no capítulo 1 (*cf.* 1.2) . Portanto,

adotaremos um único conjunto de traços para a caracterização do ponto de articulação em consoantes e em vogais, esperando encontrar *maior incidência de palatalização diante de consoantes coronais*, conforme atesta a maioria dos artigos comentados anteriormente e *após vogais coronais*.

Com relação à sonoridade da consoante seguinte, procuraremos comprovar a tendência geral da maioria dos trabalhos expostos acima, os quais apontam *as consoantes surdas como favorecedoras da palatalização do S implosivo*.

A *posição medial* foi considerada, em todos os trabalhos analisados, como *condicionadora do favorecimento da pronúncia palatal do S implosivo*, fato que pretendemos considerar em nossa análise.

Embora a tonicidade tenha recebido tratamentos bastante diferenciados nos estudos expostos acima (chegou a ser considerada não relevante para Scherre & Macedo, 1989), consideraremos tal variável com o objetivo de checar *a maior incidência de palatalização do S implosivo em contextos tônicos ([+forte])*.

Procuramos analisar o tipo de item lexical em que ocorre a palatalização, esperando que se confirmem *maior índice de palatalização para nomes próprios e verbos e a ocorrência do processo de supressão diante de palatais para os numerais “dois”, “seis” e para o advérbio “mais”*.

Além das questões lingüísticas que apresentamos, procuramos considerar a relação das mesmas com fatores extra-lingüísticos. Assim como foi verificado, colocamos a hipótese de *maior índice de palatalização entre as mulheres e nas faixas mais jovens*, conforme o verificado nos estudos para o Rio de Janeiro.

Quanto à escolarização dos informantes, embora Furlan (1982) afirme que para o falar central em Santa Catarina não haja diferenciações neste sentido, procuramos verificar se nossos resultados concordam com os obtidos para o Rio de Janeiro, isto é, *se os mais escolarizados utilizam a variante palatal com maior incidência*.

Além dos fatores mencionados pelos estudos descritos acima, optamos por incluir em nossa pesquisa o tipo de contato que o informante mantém externamente a sua comunidade de residência, a fim de verificar *se o fenômeno de palatalização tem sua incidência diminuída para aqueles informantes que mantêm contato externo freqüente*.

Assim como Callou & Marques (1975) - apesar de promovermos uma divisão diatópica na faixa litorânea de Santa Catarina - esperamos encontrar *predomínio da variante palatal nas três regiões estudadas - Florianópolis, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão da Ilha - sobre a alveolar*. No entanto, com base na afirmação de que as regiões a oferecerem maior interação sócio-cultural e espacial apresentam maior variação na pronúncia do S implosivo (Callou & Marques 1975: 133), acreditamos encontrar *maior incidência de palatalização no Sertão do Ribeirão em comparação à Freguesia do Ribeirão da Ilha, que, por sua vez, é ainda maior do que para o distrito de Florianópolis*.

Assim, intersectando elementos de caráter puramente lingüístico, com elementos de caráter puramente social, pretendemos contribuir para a descrição dos elementos condicionadores, tanto favoráveis quanto desfavoráveis, à escolha da variante palatal do S em posição implosiva.

Para tanto, procedemos à explicitação dos fatores que compõem as variáveis operacionais listadas acima.

2.2 Definição Operacional das Variáveis Implicadas

2.2.1 A Variável Dependente

O S pós-vocálico em final de sílaba e de palavra pode realizar-se como:

a) alveolar surda
fe[s]ta

b) alveolar sonora
me[z]mo

c) palatal surda
fe[ʃ]ta

d) palatal sonora
me[ʒ]mo

e) fricativa laríngea
me[h]mo

f) zero fonético (apagamento)
meØmo

No presente estudo, pretendemos apresentar um quadro geral da frequência global das variáveis dependentes fricativa palatal, fricativa alveolar, fricativa laríngea e zero fonético. Porém, ateremo-nos ao estudo do condicionamento da variante palatal.

2.2.2 As Variáveis Independentes

2.2.2.1 Variáveis Lingüísticas

Serão assinalados os contextos em que se insere o S pós-vocálico em posição final de sílaba e de palavra. Acreditamos que são os principais ambientes a exercerem influência na produção das variantes acima especificadas.

Posição na Sílaba

Procura englobar as posições em que o S pós-vocálico pode ocorrer dentro da palavra e na seqüência sintagmática, envolvendo, neste último caso, o processo de ressilabificação:

- a) Final Absoluta
(capaz)
- b) Pausa
(mas ... são)
- c) Final Não Absoluta diante de Consoante
(Deus quis)
- d) Final Não Absoluta diante de Vogal
(mas eles)
- e) Medial
(poste)

Tonicidade

Devido ao fato de trabalharmos com palavras isoladas e com seqüências maiores do que uma palavra, cuja presença na pesquisa em questão se justifica pelo estudo da posição do S pós-vocálico em *final não absoluta* seguida por consoante surda ou sonora, elaboramos um esquema de fatores para a variável em questão, que abrange tanto o acento principal (para os casos em que a palavra em análise não está classificada como “final não absoluta), quanto o acento nuclear (para os casos em oposição ao anterior); recebe esta última classificação o acento mais à direita da seqüência, desde que não haja um acento enfático na mesma. Não consideramos as ocorrências que apresentaram processos de ressilabificação para a codificação da variável independente em questão, por constituírem casos fora do escopo de nossa pesquisa. Assim, a variável dependente em estudo pode ocorrer em sílaba com acento:

- a) Tônico
(poste)
- b) Pré-Tônico
(escama)
- c) Pós-Tônico
(antes)
- d) Tônico em relação à seqüência sintagmática
(nós que)
- e) Pré-Tônico em relação à seqüência sintagmática
(faz compra)
- f) Pós-Tônico em relação à seqüência sintagmática
(nós dois)

Contexto Precedente

Consideramos as seguintes classes naturais de vogais em contexto precedente, com base na teoria unificada dos traços para consoantes e vogais de Clements (1991), exposta no capítulo 1 (*cf.* 1.2):

a) Vogais Labiais [o, u, ɔ]
([o]stentar ; [u]sp; [ɔ]stia)

b) Vogais Coronais [e, i, ε]
(m[e]smo; el[i]s; t[ε]ta)

c) Vogal Dorsal [a]
(m[a]s)

d) Semivogal Coronal
(d[oy]s passos)

e) Semivogal Labial
(m[aw]s conselhos)

f) Nasal
([i] nstante)

Contexto Seguinte

Assim como o determinado para o contexto precedente, assumimos que os mesmos conjuntos de traços caracterizam o ponto de articulação em consoantes e em vogais. Os conjuntos de traços vocálicos foram agrupados sob a denominação *vogais*.

- a) Coronal Anterior [t, d, n, l]
(es[t]rada; depois [d]aqui; as[n]o; des[l]igar)
- b) Labial [p, b, m, f, v]
(es[p]orte; dois [b]ambus; es[m]ola; as[f]alto; des[v]io)
- c) Dorsal [k, g, x]
(es[k]ada; mas [g]osta; faz [x]ifa)
- d) Vogais e Ditongos
(seis [ɔ]ras)
- e) Ausência de Contexto Seguinte

Excluimos os casos de contexto seguinte ocupado por palatais [ʃ, ʒ] (mas chamei; seis jovens) e por coronais anteriores [s, z] (mas somos; dez zonas), pois, em geral, nestes contextos ocorre a queda da sibilante.

Voz

Segundo os estudos comentados em 2.1 , há controvérsias sobre o papel do traço [voz] em consoante seguinte. Decidimos selecioná-lo para nossa análise a fim de apresentar um comportamento geral nas regiões em questão:

a) [-voz]
(as[f]alto)

b) [+ voz]
(des[l]igar)

c) Zero

Tipo de Item Lexical

Acreditando haver motivações de ordem lexical para a produção do fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva, selecionamos os seguintes itens por serem bastante recorrentes e diretamente envolvidos em tal fenômeno:

- a) Mesmo
- b) Mas
- c) Mais
- d) Nós
- e) Dois
- f) Seis
- g) Outros numerais
- h) Nomes Próprios
- i) Verbos
- j) Verbo na 2a. pessoa do singular
- k) Substantivo
- l) Advérbio
- m) Adjetivo
- n) Outros (artigo, conjunção etc)

2.2.2.2 Variáveis Sociais

Sexo

Embora tenha apresentado comportamento estatístico divergente para as pesquisas descritas em 2.1 , acreditamos ser esta variável relevante na presente pesquisa.

Idade

Dividimos a variável faixa etária em dois grandes grupos, intencionando verificar o grau de estabilidade da variável dependente nas regiões apresentadas. Portanto, temos:

- a) De 15 a 30 anos
- b) Mais de 30 anos

Escolaridade

A fim de verificarmos qual a relação entre o fenômeno de palatalização do S implosivo e o grau de escolaridade dos falantes nas regiões em estudo, apresentamos a seguinte divisão para tal variável social :

- a) 0 a 4 anos de escolaridade
- b) 5 a 8 anos de escolaridade
- c) 9 ou mais anos de escolaridade¹⁵

Contato Externo

Devido ao fato de os habitantes das regiões estudadas apresentarem graus diferentes de contato freqüente em relação ao cotidiano urbano da capital Florianópolis, concluímos

¹⁵ Para a região do Sertão do Ribeirão da Ilha não foi possível controlar este fator, pois não há moradores que se insiram nesta classificação.

ser este um importante elemento para a situação de variação na pronúncia do S implosivo.

Estabelecemos, portanto, a seguinte divisão para tal variável:

a) Total : os indivíduos trabalham e/ou estudam no centro da capital permanecendo, portanto, nesta região da cidade a maior parte do dia. É exatamente o caso daqueles que utilizam a Freguesia do Ribeirão da Ilha ou o Sertão do Ribeirão da Ilha apenas como “dormitórios”, e dos moradores de Florianópolis.

b) Parcial: passam parte de seu dia no centro da capital e parte fora dele, em sua região de moradia, onde exercem alguma atividade que propicie o aumento do grau de interação com a mesma. Possuem estreitos laços familiares na região. É o caso, por exemplo, daqueles que trabalham meio período fora de sua região, no centro da capital, e realizam outra atividade econômica em sua região, junto à família.

c) Nenhum: quase nunca se deslocam de sua região de moradia. O contato externo (isto é, fora da região de convívio) se dá quase que somente por televisão e rádio. Incluímos nesta classificação, por exemplo, a maioria das senhoras na faixa de 60-70 anos que residem na Freguesia ou no Sertão.

Região

Conforme pode ser verificado, a região de origem do informante desempenha um papel de destaque em nossa pesquisa. A divisão realizada abrange as seguintes regiões:

- a) Florianópolis
- b) Freguesia do Ribeirão da Ilha
- c) Sertão do Ribeirão da Ilha

3 - A COLETA DOS DADOS

3.1 O Método de Trabalho

O trabalho de campo, desenvolvido para a coleta dos dados nas regiões do distrito do Ribeirão da Ilha, contou como o apoio de técnicas utilizadas em trabalhos de etnografia propostas por James Spradley (1979), as quais desempenharam papel de fundamental importância à medida que nos auxiliaram a entender como interagem os moradores em cada uma das regiões.

Vale ressaltar que esta preocupação em aproximar-se do cotidiano das regiões em estudo não permite classificar a pesquisa em questão como uma etnografia, o que exigiria, principalmente, um outro tipo de atitude por parte do pesquisador, ou seja, a de assumir-se como um *insider*, na terminologia utilizada por White & Watts (*apud* Green, J. & Wallat, C. 1986: 54). Tal atitude acarretaria a transferência da residência do pesquisador para a região em estudo, por um período mínimo de um ano, onde passaria a desenvolver as mesmas tarefas cotidianas de seus membros. De acordo com White & Watts (*ibidem*), a tarefa do etnógrafo é:

(...) suspender temporariamente julgamentos e conhecimentos adquiridos como membro de sua cultura particular e tentar entender a vida como um "insider".¹⁶

¹⁶ "The task of the ethnographer is to temporarily suspend judgement and knowledge owned as a member of his or her particular culture and to try to understand life as an insider" (White, B. & Watts, C. 1986: 54).

Desta forma, nossa pesquisa insere-se perfeitamente no que Green & Wallat (1983: 52) classificaram como um *estudo etnográfico*, com o objetivo de estabelecer a diferença entre esse tipo de trabalho e a etnografia propriamente dita:

(...) Não se caracteriza como um estudo de caso, que enfoca limitadamente uma única questão, ou como um trabalho de campo que busca por dados previamente determinados, ou como um breve encontro (por algumas poucas horas por dia, por um ano ou doze horas por dia por alguns poucos meses) com um determinado grupo. Esses tipos de pesquisa são etnográficas, mas não constituem uma etnografia! Podem resultar em bons trabalhos mas, quando se passam por etnografia, constituem uma etnografia pobre e uma pesquisa pobre.¹⁷

Feita esta importante ressalva, passemos então à descrição das três regiões em estudo.

3.2 As Regiões em Estudo : Florianópolis, Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão da Ilha

3.2.1 Localização

As três regiões em estudo - *Florianópolis, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão da Ilha* - localizam-se no município de Florianópolis, capital do estado de

¹⁷ “It is not a case study, which narrowly focuses on a single issue, or a field survey that seeks previously specified data, or a brief encounter (for a few hours each day for a year, or 12 hours a day for a few months) with some group. Those types of research are ethnographic but not ethnography! They may be good research but, when are passed off as ethnography, they are poor ethnography and poor research” (Green & Wallat 1983: 52).

Santa Catarina, totalmente compreendido entre os paralelos 25° e 29° latitude sul.

De acordo com dados fornecidos pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de Santa Catarina (Censo de 1991), *Florianópolis* é o nome dado a quatro divisões regionais diferentes: *meso-região*, *micro-região*, *município* e *distrito*.

A *meso-região* é composta por três *micro-regiões* - Tijucas, Florianópolis e Tabuleiro - e a *micro-região* de Florianópolis, por oito municípios: Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Paulo Lopes, Santo Amaro da Imperatriz e São José.

O *município* de Florianópolis é composto por dez *distritos*: Cachoeira do Bom Jesus, Canasvieiras, Florianópolis, Ingleses do Rio Vermelho, Lagoa, Pântano do Sul, Rationes, Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa e São João do Rio Vermelho.

3.2.2 Histórico

Segundo Piazza & Hübener (1987), o ponto do litoral catarinense correspondente à Ilha aparece pela primeira vez com o nome de Santa Catarina no mapa-mundi de Diego Ribeiro em 1529. No entanto, o povoado só veio a ser constituído em 1679, quando o bandeirante Francisco Dias Velho partiu de São Paulo, juntamente com seus familiares e

índios domesticados, em direção à Ilha, e ali fundou a póvoa de Nossa Senhora do Desterro.

Em 1680, a Coroa Portuguesa cria a Colônia de Sacramento¹⁸ como base de apoio para os comerciantes que desejavam ter acesso à parte da prata, de propriedade espanhola, que descia dos Andes. No entanto, Sacramento estava muito distante do Rio de Janeiro, o que acarretava sérios problemas de comunicação, abastecimento e apoio logístico e militar, dificultando, assim, sua resistência aos ataques espanhóis (Caruso & Caruso 1995: 58-9). A solução encontrada foi, então, a concretização da vinda de um contingente populacional dos Açores, a fim de ocupar o vazio territorial existente e resguardar os interesses da Coroa Portuguesa no referente à posse de suas terras.

Os açorianos, por sua vez, viviam em um sistema praticamente feudal, o qual dificultava a possibilidade de que o trabalhador da terra adquirisse a posse da mesma. Embora houvesse uma produção considerável de cereais, esta era destinada aos melhores preços do mercado externo e não ao abastecimento do mercado interno. A própria geografia das Ilhas, com grandes altitudes, diminuía a quantidade de terra arável e dificultava o deslocamento para seu interior. Todas estas questões, aliadas aos constantes abalos sísmicos, criavam condições de vida bastante precárias (*op. cit.*, pág. 62-9).

¹⁸ A Colônia de Sacramento localizava-se na margem esquerda do rio da Prata, em frente à base espanhola de Buenos Aires, em terras onde é hoje o atual Uruguai.

Desse quadro, resultou a carta régia de 31 de agosto de 1746 (ver Anexo IV), seguida de um alvará, onde se estabeleceram as condições de transporte e as vantagens oferecidas aos que migrassem. A Coroa custearia o transporte por mar e por terra; providenciaria alojamento, rações alimentares, animais, utensílios e ferramentas e, principalmente, a *propriedade de terra* para os que permanecessem nela um mínimo de dois anos. Inicialmente foram transportadas um total de 6000 pessoas, que se espalharam desde São Francisco do Sul até o sul de Laguna, chegando até o Rio Grande do Sul. Fundaram na então Vila de Nossa Senhora do Desterro e arredores, as seguintes *freguesias*¹⁹ : Nossa Senhora da Conceição da Lagoa (1750), São Miguel da “terra firme” (1750), Nossa Senhora do Rosário da Enseada do Brito (1750), São José da “terra firme” (1751), Vila Nova e Sant’Ana do Mirim (1752), Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio (1755), Ribeirão (1809), Rio Vermelho (1834), Canasvieiras e Trindade (1835).

Os açorianos foram também dirigidos para o Pará, na foz do rio Amazonas, com o mesmo objetivo de ocupação e criação de uma base política e econômica. Observa-se que os dois maiores contingentes de açorianos que chegaram em território brasileiro assentaram-se no pontos extremos assinalados pelo Tratado de Tordesilhas de 1494 (*op. cit.*, pág. 68).

Após três meses de viagem pelo Atlântico, os primeiros dois navios vindos dos Açores e da Madeira chegaram à Ilha em 6 de janeiro de 1748, com 85 casais (461 pessoas).

¹⁹ Denominação portuguesa, trazida pelos açorianos, para designar uma povoação composta por paroquianos.

Sem dispor de solo apropriado para o cultivo de produtos tradicionais existentes nos Açores e na Madeira, os açorianos tiveram que se adaptar ao solo da Ilha, passando lentamente do cultivo do trigo para o da mandioca. A exploração da baleia já era realizada desde 1746 por portugueses continentais que se utilizaram da mão-de-obra escrava, bem como as atividades de pesca em alto mar, sendo esta última adotada pelos açorianos, os quais passaram a se dedicar à implementação da construção naval.

São heranças açorianas a atividade de tecelagem manual, como a renda de bilro, e técnicas de olaria utilitária e decorativa. Podemos também mencionar tradições musicais como os fandangos; religiosas, como as festividades do ciclo do Divino Espírito Santo; as lendas de bruxas e assombrações; a “farra-do-boi”²⁰, além de um rico substrato lingüístico, que foi adotado pelos demais grupos que se instalaram no litoral.

3.2.3 Aspectos da Vegetação, Clima e Topografia da Ilha de Santa Catarina

A Ilha de Santa Catarina localiza-se na área subtropical, com clima subtropical úmido, caracterizado por verão quente e alto índice pluviométrico. A ampla faixa litorânea do estado (531 Km) exerce grande influência no clima, pois a grande superfície líquida do Atlântico Sul atua no sentido de amenizar as temperaturas na planície litorânea.

²⁰ O primeiro registro sobre as “touradas” ou “farra-do-boi” é do século XVI, de Gaspar Frutuoso, comentando em seu “Saudades da Terra”, os costumes da Ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores: “os homens se desenfadavam em ver pelejar touros na praça ou em algum campo tapado” (Caruso & Caruso 1995: 127).

A ilha e a costa continental são formadas por planícies, constituídas, de maneira geral, por dois tipos de solo: um apto para culturas permanentes e outro, com baixa capacidade de retenção de umidade, apresentando restrições de fertilidade.

A Floresta Tropical estendia-se, no passado, por toda faixa litorânea, resultante da proximidade do mar e das condições climáticas locais. Atualmente, encontra-se bastante desmatada em vista da ocupação humana. Na Ilha, ocorre também a vegetação de mangue, bastante característica de áreas quentes e úmidas. Há ainda a presença de dunas e antedunas.

3.2. 4 O Distrito de Florianópolis

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-Censo de 1991), a população total do Distrito de Florianópolis é de 255.390 habitantes, sendo 123.544 homens e 131.846 mulheres.

Com relação à atividade sócio-econômica da Ilha, pode-se dizer que a maior parte da população é formada por funcionários públicos e pessoas ligadas ao comércio. Porém, o grande fluxo de turistas nos meses de verão tem propiciado o crescimento da empresa turística. Por não possuir indústrias, não há uma classe operária.

É neste distrito do município de Florianópolis que se localizam os prédios públicos onde funcionam os órgãos administrativos do estado e do próprio município, além do

comércio, composto por inúmeras lojas, dois *shopping centers* e modernos edifícios. Tradicionalmente, o mercado público congrega os moradores mais antigos da Ilha, como também é o caso da Praça XV, região central, com sua figueira do século XIX, onde senhores de mais idade reúnem-se para o jogo de dominó.

A composição étnica abrange descendentes de açorianos e portugueses, além de um número considerável de gaúchos, paulistas e estrangeiros (argentinos, uruguaios, franceses etc) que para cá se dirigiram principalmente nos últimos vinte anos. Há ainda contingentes de descendências alemã, italiana, africana, árabe e grega.

Neste distrito, notadamente urbano, há poucas construções que ainda guardam traços da arquitetura dos séculos passados, devido ao fato de que a maioria foi demolida e substituída por prédios. Nesta região, encontramos o cidadão mais urbano, que trabalha no comércio ou em algum órgão público e recebe influência constante da cultura gaúcha, paulista e de outras regiões do estado de Santa Catarina. Mesmo assim, o *ilhéu*, de maneira geral, caracteriza-se pela receptividade marcante.

Caldas (1995: 17) aponta a existência de dois tipos característicos na Ilha: o *manezinho* (de origem açoriana) e o *ilhéu urbano*. Ambos, no entanto, “com temperamento espirituoso, descontraído e galhofeiro”. A origem do termo “manezinho” é desconhecida. O autor (*op. cit.*, pág. 19) aponta duas hipóteses: a primeira defende que tal designação assumiu um tom pejorativo, pois foi criada por uma elite formada por famílias de origem européia para se referir aos descendentes de açorianos estabelecidos na Ilha. A segunda

hipótese defende que o termo nasceu nas próprias comunidades do interior da Ilha. O que se sabe com certeza é que o termo passou a designar toda pessoa nascida, criada ou incorporada à cidade de Florianópolis²¹.

A partir de 1988, o jornalista e animador cultural Aldírio Simões criou o troféu “Manezinho da Ilha” para homenagear figuras da sociedade ilhoa, popularizando, assim, a expressão. Afirmo Caldas (*op. cit.*, pág. 20) que, ao contrário de outros tempos, hoje em dia todos orgulham-se em ser *manezinhos da Ilha*, fato que denota a intenção de valorização das tradições culturais e identidade do ilhéu, um tanto quanto ameaçadas pelo grande contingente de turistas, estrangeiros e pessoas de outras localidades do país que para cá transferiram residência, principalmente nos últimos dez anos.

3.2.5 A Freguesia do Ribeirão da Ilha

A Freguesia do Ribeirão da Ilha possui uma extensão de 1,2 Km e localiza-se no Distrito do Ribeirão da Ilha, o segundo mais populoso do município de Florianópolis²². A população total do distrito é de 14.228 habitantes, sendo 7.164 homens e 7.064 mulheres.

²¹ O autor oferece uma definição para cada um dos tipos (*op. cit.*, pág. 19): *manezinho* : beira-de-praia, pescador, descendentes de pescador, contador de lorota, com seu típico linguajar açoriano, mais rápido do que uma metralhadora, adepto de um bom papo de venda quando não está no mar, onde sempre acontecem as mais incríveis aventuras. *Ilhéu urbano* : adora uma fofoca no “Senadinho” (tradicional bar na confluência entre as ruas Trajano e Felipe Schimidt) do calçadão, bebe nos bares do Mercado, é chegado a um carteadado e a jogos de azar em geral e é sempre o primeiro a chegar com as últimas.”

²² O distrito mais populoso da Ilha é o distrito da Lagoa da Conceição com 14.794 habitantes.

O distrito localiza-se na parte meridional da Ilha de Santa Catarina, costa oeste, junto à baía sul. É contornado a oeste pelo mar interno da baía sul e à leste por um conjunto de elevações; pelo norte, faz limite com o distrito de Florianópolis, tendo por demarcação os rios Tavares e Fazenda. Limita-se, ainda, com os distritos da Lagoa e Pântano do Sul.

O acesso do centro da Ilha até o distrito possui aproximadamente 14 Km. A estrada é pavimentada com paralelepípedos, mas existe um só caminho público de ida e volta, repleto por contornos. Quando inicia a Freguesia, o calçamento é substituído por losangos de cimento que perduram até o final da mesma. O Distrito é cortado longitudinalmente por uma rodovia ao longo da costa marítima que possui cerca de 30 Km de extensão.

O solo é constituído de escarpas e costeiras, portanto muito acidentado, rochoso e com apenas duas áreas planas em todo o distrito - Alto Ribeirão e Aeroporto ao norte e um vale ao sul. A região da Freguesia é banhada pelas águas de mar interno, tendo na praia a base de apoio para as atividades pesqueiras, de transporte e turismo. O distrito é banhado também por águas de mar aberto como é o caso da praia do Campeche, ao leste e de Naufragados, no extremo sul do distrito e da Ilha.

Devido às condições do solo, restam poucas áreas para uma agricultura de porte. No entanto, no Distrito, cultivam-se cana, mandioca, café, frutas, flores, hortaliças e milho. Situa-se também nessa área o principal rebanho bovino de gado leiteiro da Ilha. A vegetação original foi praticamente extinta, devido ao amplo uso da madeira e lenha na

indústria e nas residências²³. Com o fechamento das serrarias existentes, a cobertura vegetal está em processo de reconstituição.

Segundo moradores mais idosos, a Freguesia de “Nossa Senhora da Lapa” surgiu em 1760, quando Manoel de Vargas Rodrigues chegou à localidade do Simplicio (hoje Barro Vermelho), trazendo consigo uma pequena imagem de uma santa milagrosa - a Nossa Senhora da Lapa. Para abrigá-la, construiu uma pequena capela, distante aproximadamente 1500 m da matriz atual. No entanto, os ribeironenses orgulham-se do fato de que foi justamente nesta localidade que se iniciou a povoação do litoral catarinense, bem antes desta data. Conta a tradição oral que o navegador veneziano Sebastião Cabotto, contratado pela corte espanhola para empreender uma viagem de exploração ao Oceano Pacífico, cortando o Atlântico pelo Estreito de Magalhães, teria passado pelo rio da Prata e aportado na localidade em 1526.

O povoado passou à categoria de vila em 1840, mediante lei provincial durante o reinado do Imperador D. Pedro II. A Freguesia de Nossa Senhora da Lapa passou a se chamar Ribeirão da Ilha oficialmente, mediante alvará em 11 de julho de 1809. No entanto, em 1943, seu nome passou a Caiacanga, nos termos do Decreto-Lei Estadual nº. 941 de 31/12, fato que gerou forte reação popular em oposição à nova denominação. Com o advento da autonomia municipal criada pela Constituição Federal de 1946, complementada pela Lei Orgânica dos Municípios, a localidade retoma o nome de Ribeirão da Ilha, por iniciativa do Vereador Batista Pereira (Pereira *et alli* 1991: 22-3).

²³ O Ribeirão da Ilha chegou a ser o maior fornecedor de lenha para combustível e uso residencial.

O traçado da Freguesia provém do padrão fixado nas ordenações portuguesas delineadas dentro da Provisão Régia de 9 de agosto de 1747 de Dom João V, que determinava:

No sítio destinado para o lugar se assinalará um quadrado para a praça de quinhentos palmos de face e em seus lados se porá a Igreja, as ruas se demarcarão ao cordel com largura ao menos de quarenta palmos, e por elas e nos lados da praça se porão as moradas com boa ordem, deixando umas e outras e para trás lugar suficiente e repartido para quintais atendendo assim ao cômodo presente como a poderem ampliar-se as casas para o futuro (Mattos 1917: 05).

O pavimento do trecho de acesso à praça e à igreja matriz era feito, até o início da década de 70, de pedras coloniais, que, segundo a tradição, tivera sido construído pelos escravos como preparativo para a recepção ao Imperador Dom Pedro II em 1945, mas acabou sendo destruída pela prefeitura em 1972, apesar dos apelos da população local em favor do calçamento histórico, formalizados em ofícios assinados pelo Prof. Nereu do Vale Pereira.

O conjunto arquitetônico, localizado nos 1,2 Km da Freguesia, constitui o mais completo ainda existente em Florianópolis representativo da presença açoriana e que se mantém fiel a sua edificação original (*op. cit.*, pág. 41). A igreja de Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão, bem como muitos dos casarões da Freguesia acabaram, portanto, sendo tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nas décadas de 70 e 80.

Muitos dos habitantes da Freguesia têm na pesca e no cultivo de mariscos sua principal fonte de renda. Porém, há uma parcela considerável de funcionários públicos. A geração mais antiga de mulheres ainda domina a técnica de confecção de rendas de bilro, fato que faz do local um dos poucos ainda a oferecer esse tipo de trabalho artesanal na Ilha de Santa Catarina.

A Freguesia dispõe de um Centro Social, o qual desenvolve uma série de atividades de confraternização para idosos e jovens, além de fornecer assistência médica e odontológica. Este Conselho é fruto da Sociedade Amigos Pró-Desenvolvimento do Ribeirão da Ilha - SEPDR - órgão que faz parte de um programa de desenvolvimento criado pela Prefeitura do Município de Florianópolis. O distrito possui ainda um Museu de Etnologia - o Museu do Ribeirão da Ilha - de propriedade do Prof. Nereu do Vale Pereira e dois colégios de 1º. e 2º. graus, sendo que um deles se localiza na própria Freguesia.

A população jovem da Freguesia costuma freqüentar os clubes Ribeirô, Bandeirantes ou Cruzeiro, os quais localizam-se no distrito. Recentemente, a Freguesia teve um de seus casarões adaptado para a abertura de um bar noturno, muito freqüentado também por moradores das redondezas do distrito.

Por ser uma comunidade eminentemente católica, a praça da matriz - igreja de Nossa Senhora da Lapa - com seus eventos religiosos, é o local que mais congrega a família ribeironense, além de apreciadores e curiosos da cultura local.

3.2.6 Sertão do Ribeirão da Ilha

A 2 Km da praça da matriz, na Freguesia, encontra-se a subida para os “Sertões do Sul de Santa Catarina”, mais conhecido como o “Sertão do Ribeirão da Ilha” (ver Mapa III). Com cerca de 600 m de altura, caracteriza-se por ser o local onde nasce o rio Ribeirão. Do ponto mais alto, ao norte, avista-se a Lagoa do Peri, circundada pelas praias do Morro das Pedras, Armação do Pântano do Sul. Ao sul, observa-se a Ponta do Caiancanga-Açu e a Caieira da Barra do Sul.

O acesso para a localidade se dá por meio de uma estrada de terra, bastante íngreme, cuja acessibilidade está sujeita ao bom tempo. Antes da abertura da mesma (há menos de 10 anos), o único acesso existente era por meio de uma picada no mato, fato que desencadeou um intenso movimento migratório para o centro e redondezas. Atualmente, a estrada é extremamente valorizada pela população local, que se responsabiliza, inclusive, por sua manutenção.

A população que vive hoje nesta região é constituída de 92 pessoas, sendo 49 do sexo masculino e 43 do sexo feminino²⁴.

Contam os moradores, descendentes de açorianos e portugueses continentais, que seus ancestrais se dirigiram para esta região por não desejarem praticar a pesca, como atividade de subsistência, mas sim a criação de animais e a agricultura. Não sabem dizer,

²⁴ Informações fornecidas pela professora Almerinda Catarina Scotti de Souza, há quinze anos lecionando na escola primária localizada no local.

com exatidão, quando isto aconteceu, mas podemos levantar a hipótese de que a povoação do Sertão tem mais de 150 anos.

A escola primária começou suas atividades na região em 1977, desencadeando forte oposição por parte dos moradores e sérios problemas de indisciplina por parte dos alunos. Informações apontam para o uso freqüente da palmatória ainda em 1981.

A eletricidade chegou em 1986 e, em 1987, o Sertão já possuía dois aparelhos de TV. Parece ser este advento o grande responsável pelas mudanças rápidas observadas no comportamento, principalmente, de jovens e adolescentes, influenciados pelos modismos, até então distantes, veiculados pelas telenovelas e propagandas.

A região é ocupada por trabalhadores rurais em sua maioria, alguns funcionários públicos e poucos privados. Há dez engenhos de farinha de mandioca, mas só três funcionam, devido à dificuldade do produto, produzido artesanalmente, concorrer com o produto industrializado no mercado. Os engenhos de cachaça, bastante antigos, são em número de dois e funcionam com uma produção também pequena.

As casas, de madeira ou de material, estão bem isoladas uma das outras e, de maneira geral, não possuem cercas ou portões. Seus 92 habitantes apresentam algum tipo de parentesco, o que não impede a realização de casamentos entre os mesmos.

A igreja foi construída há aproximadamente quatro anos, porém as missas só ocorrem em determinados domingos do mês, assim como também batizados e casamentos, os quais constituem os acontecimentos sociais da região. Não há restaurantes, mercearias ou qualquer tipo de diversão noturna, fato este responsável pelo deslocamento dos jovens do Sertão para a praia da Armação ou para os clubes do distrito do Ribeirão da Ilha. Nos últimos dois anos, dois bares pequenos, de propriedade de moradores do local, passaram a funcionar.

3.3 A Amostra

Para a verificação do comportamento da coronal anterior implosiva, nos distritos de Florianópolis e Ribeirão da Ilha (Freguesia e Sertão), utilizamos uma amostra referente ao distrito de Florianópolis, composta por dados provenientes do Projeto *VARISUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil)*²⁵ e duas amostras coletadas por nós, referentes à Freguesia do Ribeirão da Ilha e ao Sertão do Ribeirão da Ilha.

Tanto a amostra proveniente do Projeto Varsul, quanto a coletada por nós, são constituídas por indivíduos falantes do português, descendentes de açorianos, nascidos e residentes no município de Florianópolis e filhos de pais também nascidos neste município.

²⁵ O projeto VARISUL integra as seguintes universidades brasileiras situadas na região sul do país: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC - RS).

As gravações utilizadas totalizam 32, divididas em 12 cedidas pelo Projeto Varsul, 12 realizadas por nós, na Freguesia do Ribeirão da Ilha, e 8 gravações realizadas também por nós, no Sertão do Ribeirão da Ilha, todas com duração entre 30 minutos e uma hora.

3.4 Os Informantes

A seleção de informantes segue a linha de trabalho do Projeto Varsul e, para tanto, cada informante selecionado preencheu os seguintes requisitos:

- a) ser falante da língua portuguesa;
- b) ser nascido na região estipulada;
- c) ser filho de pais também originários da região e descendentes de açorianos;
- d) ter vivido 2/3 partes de sua vida na região;
- e) incluir-se em uma das faixas etárias estabelecidas pelo projeto, a saber de 15 a 24 anos, de 25 a 54 anos e mais de 50 anos.

A decisão sobre o número de informantes a ser utilizado pela pesquisa está diretamente relacionada ao tipo de amostra adotada, a saber o tipo *aleatória estratificada*. Tal procedimento de determinação do número de informantes a ser pesquisado inicia-se com a divisão da população em células compostas por indivíduos com as mesmas características sociais que se pretende considerar na pesquisa; segue-se, então, uma seleção aleatória para preencher cada célula. Assim, o número de fatores de cada variável,

multiplicado um pelo outro, resultará no número total de informantes a ser considerado (Silva 1992: 104). Em nossa pesquisa, temos 2 fatores para a variável sexo; 2 fatores para a variável idade; 3 fatores para a variável escolaridade e 3 fatores para a variável região. Multiplicando-se $2 \times 2 \times 3 \times 3$, obtemos 36, ou seja, o número de informantes da amostra.

No entanto, não pudemos controlar a variável *escolaridade* em seus três níveis, devido ao fato de não encontrarmos indivíduos que apresentassem mais de oito anos de escolaridade no Sertão do Ribeirão da Ilha, diminuindo para 32 o número total de informantes em nossa amostra.

A variável social, *contato externo*, também não foi considerada na determinação do número de informantes, pois optamos por considerá-la como uma variável de controle do fenômeno em estudo.

3.5 A Coleta de Dados

O trabalho de campo realizado nas regiões da Freguesia e do Sertão, situadas no distrito do Ribeirão da Ilha, conforme o exposto em 3.1, procurou o ponto de intersecção entre a pesquisa de campo sociolinguística (modelo adotado pelo Projeto Varsul) e técnicas referentes à pesquisa de campo etnográfica, com o intuito de, ao enriquecer a primeira com elementos da segunda, alcançar-se uma maior interação entre pesquisador e informante e,

conseqüentemente, entre pesquisador e comunidade. Conforme o realizado, podemos dividir o trabalho de coleta em duas fases:

Na chamada *Fase 1 - a fase de observação* - , procuramos apenas conhecer a comunidade, pesquisando, num primeiro momento, o que ela oferece a seus moradores capaz de propiciar o estabelecimento de relações sociais como clubes, escolas, bares, armazéns, barbearias etc. Nesta fase, foi muito importante o contato com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que forneceu dados básicos sobre as localidades, como número de domicílios ocupados, de uso ocasional, coletivos, vagos; população masculina e população feminina; informações sobre o solo, a vegetação e o clima. Em um segundo momento, dedicamos um número determinado de horas semanais à observação das relações existentes entre os moradores da localidade, observando, por exemplo, se o fato de morar ao lado aproxima ou afasta as pessoas; em que medida tal comunidade difere da comunidade em que vive o pesquisador; qual é a rotina das pessoas de um modo geral. Para tanto, algumas medidas foram tomadas. Em primeiro lugar, escolhemos um local, na região estudada, para funcionar como “posto observatório” nesta fase do trabalho, que se estendeu por aproximadamente duas semanas²⁶, tempo suficiente para construirmos uma idéia sobre os hábitos de alguns moradores (possíveis informantes). Todas as observações foram anotadas de forma condensada, para que depois pudessem constituir um diário de campo, o qual registrou experiências, novas idéias, curiosidades sobre a localidade ou sobre alguns de seus moradores, problemas e situações

²⁶ Tempo considerado como adequado para um trabalho de pesquisa considerado como um *estudo etnográfico* (cf. item 3.1).

inesperadas. Ao final desta fase, confeccionamos um mapa, indicando o local do “posto observatório” e os principais locais, ao seu redor, que efetivamente congregam moradores.

A importância da Fase 1 está justamente na tomada de consciência, por parte do pesquisador, da constituição da comunidade a ser estudada e de possíveis tendências que o trabalho possa vir apresentar em função desta caracterização.

A fase 2 - *seleção do informante* -, é de fundamental importância para o desenvolvimento de todo o restante da pesquisa, pois envolve o primeiro contato com a comunidade, o qual, para que haja uma boa fluência na coleta de dados, deve ser feito preferencialmente através de indivíduos que promovam a interação social na região, como por exemplo, o contato inicial que realizamos através do proprietário do armazém de secos & molhados.

A partir de uma pequena conversa inicial, foi possível levantar elementos que indicaram se tal membro constituía um bom informante ou não. Utilizamos, para tanto, os itens apresentados por Spradley (1979: 47-54) a esse respeito. O primeiro deles, *enculturação total*, refere-se àquele informante que aprendeu sua cultura naturalmente, como o morador que nasceu e foi criado na região em estudo e nunca se ausentou dali por mais do que um ano e meio. O segundo item diz respeito à importância do *envolvimento corrente* do indivíduo na comunidade, uma vez que, ao se afastarem dela por algum tempo, é provável que desenvolvam um certo senso crítico em relação à sua ex-cultura, fato que poderia ser refletido na linguagem do mesmo. Por ser a comunidade em estudo *não*

familiar ao pesquisador, este acaba por desenvolver maior sensibilidade para perceber traços do falar da comunidade que já se tomaram comuns aos nativos a ponto de ignorá-los, de certa forma. Se o pesquisador for um membro da comunidade em estudo ou viver muito próximo a ela, muitos elementos também passam a ser parte de sua própria cultura e, portanto, muitos aspectos são tomados como desinteressantes. Tal fato deve-se principalmente à dificuldade do pesquisador em “suspender julgamentos e conhecimentos” comuns a sua cultura. Outro item apontado pelo autor, muito importante também para a manutenção de um banco de dados, é o *tempo adequado* do informante para conceder entrevista, a fim de que se mantenha um banco de dados com um número de horas de gravação por fita cassete equilibrado. De maneira geral, o final da tarde para os mais jovens e homens de meia idade constitui o período do dia em que estes dispõem de mais tempo para entrevista. As donas de casa e os homens aposentados parecem preferir o período da tarde. O último item apontado por Spradley é a preferência por informantes *não-analíticos*, isto é, aqueles que respondem à entrevista de forma natural, sem procurar adotar uma postura crítica a respeito de sua comunidade, fato que poderia levar à produção de itens não característicos da variedade local, mascarando totalmente o vernáculo.

Para exemplificar o método de seleção de informante adotado em nosso trabalho a partir do preenchimento dos requisitos acima, citamos o caso da informante M., 31 anos, casada, curso ginásial incompleto, residente no Sertão do Ribeirão da Ilha. A informante nasceu e cresceu na região, casou com um rapaz também nascido e crescido ali, onde também teve seus três filhos. Embora viva um pouco afastada do aglomerado de casas que compõe a localidade, frequenta a igreja e conhece todas as pessoas que ali residem

(*enculturação total*). Atualmente, além das tarefas domésticas, trabalha com o marido e um cunhado no corte de cana e preparo da cachaça. Suas horas de lazer dividem-se em domingos, pela manhã, na igreja, ou visitas realizadas pela sogra (residente também na localidade) e pela mãe, residente na praia da Armação, separada da localidade apenas por um morro (*envolvimento corrente*). Vive numa propriedade isolada, cercada por pastos e mata, onde cuida da casa, dos filhos, do marido e da fabricação da cachaça. Tal rotina só se altera na época do corte de cana (cena cultural *não-família para o pesquisador*). Fora da época de corte, não há horários fixados de forma rígida para as atividades do dia (*tempo adequado*). Durante a nossa entrevista, a informante respondeu às perguntas de modo direto e simpático, como se aspectos narrados de sua rotina e história fossem bastante comuns ao entrevistador (*não-analítico*).

A consciência da necessidade da investigação, realizada na fase 1, foi realmente atingida na etapa final do trabalho de campo, quando apenas restavam algumas poucas células para serem preenchidas, o que significa informantes com características muito específicas e, portanto, de difícil acesso. A continuidade do trabalho poderia ter sido bastante dificultada se nós não houvessemos realizado o levantamento dos locais, no distrito, que congregam moradores, para onde nos dirigimos em busca de ajuda.

3.6 A Entrevista

3.6.1 A Gravação

Após a seleção do informante, como especificado em 3.4, iniciamos a entrevista. Optamos por não iniciar a gravação desde o começo da mesma, a fim de que a presença do gravador não inibisse o informante, prejudicando, conseqüentemente, a coleta do vernáculo. Somente quando a entrevista já houvesse adquirido certa fluência é que solicitávamos ao informante autorização para ligar o gravador, justificando que a tomada de notas por escrito levaria muito tempo e, sem nenhum tipo de registro sobre o que estava sendo dito, muitos elementos correriam o risco de serem esquecidos.

A questão levantada acima retrata justamente o que Labov (1975) chama de “paradoxo do observador”, isto é, pretendemos estudar a língua falada em situações naturais de comunicação, mas ao mesmo tempo nos deparamos com a problemática de como coletar uma vasta quantidade de material sem que a presença do pesquisador interfira na naturalidade da situação de comunicação. O que desejamos, na verdade, é observar a fala do informante quando ele não é observado, ou seja, ele deve falar, mas não deve sentir-se observado sob pena de não falar naturalmente.

Nosso procedimento com relação ao início da gravação momentos depois de iniciada a entrevista tem, portanto, o objetivo de amenizar tal problema, muito embora

possa acarretar a perda de fenômenos lingüísticos interessantes e/ou a diminuição do tempo de gravação.

Utilizamos fita cassete de 60' devido sua melhor qualidade técnica, da marca Sony ou TDK e gravador do tipo Sony TCM-81. Embora seja um modelo de gravador unidirecional, houve casos em que outras pessoas chegaram ao local da entrevista e acabaram por participar do assunto em pauta, fato que não foi objetado pelo pesquisador. No entanto, a qualidade acústica da gravação destas vozes caiu bastante em relação àquela que estava próxima do fone.

A possibilidade de uso de um gravador de lapela, mais adequado para o tipo de estudo que estamos realizando, foi descartada na fase 1 do trabalho de coleta de dados, quando tomamos consciência do grau de estranheza e conseqüente desconforto que tal presença iria causar em determinados informantes, principalmente naqueles residentes na região do Sertão do Ribeirão da Ilha.

3.6.2 O Desenvolvimento da Entrevista

Procuramos explicar nossa presença na comunidade, como fruto de um trabalho realizado pela universidade a respeito do modo de vida das pessoas, hoje em dia, no distrito do Ribeirão da Ilha. Embora a orientação para a pesquisa sociolingüística, nos moldes labovianos (1972), seja no sentido de que o pesquisador não deva apresentar-se como

membro da comunidade acadêmica, optamos por fazê-lo, pois a universidade goza de imenso prestígio nesta região, justificado pelo trabalho etnográfico realizado pelo Prof. Dr. Nereu do Vale Pereira e que culminou na obra *Ribeirão da Ilha - Vida e Retratos* (Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis, 1991), um dos volumes da coleção Memórias de Florianópolis.

Das 20 entrevistas realizadas no distrito do Ribeirão da Ilha, 19 foram gravadas por apenas um entrevistador. A única entrevista gravada com dois entrevistadores²⁷ revelou-se bastante proveitosa, uma vez que o acompanhante pôde observar oportunidades nem sempre percebidas pelo entrevistador e que propiciaram a formulação de perguntas outras, de extrema importância para a eliciação de formas lingüísticas variadas.

Pudemos observar, durante a entrevista, o desenvolvimento, entre o entrevistador e o informante, de um processo de empatia que, segundo Spradley (1979:79-83), possui as seguintes etapas:

apreensão - exploração - cooperação - participação

Afirma o autor que a melhor solução para amenizar a fase de *apreensão*, existente não só por parte do informante, mas também por parte do entrevistador, é manter o informante falando. A fase de *exploração* é aquela em que o pesquisador deve estar bastante atento para observar todas as atitudes lingüísticas, ou ausência delas, por parte do

²⁷ Esta entrevista foi realizada em parceria com a colega Loremi Loregian.

informante e que possam servir de pistas para novos questionamentos, além do restabelecimento corrente de termos e expressões ditas por ele.

Em nossa pesquisa, mesmo quando o contato do pesquisador e do informante não foi além do que um pouco mais de duas horas de convívio, no geral, sempre foi possível chegar à fase de *cooperação*, isto é, confiança mútua entre as partes, percebida quando o informante indica outros possíveis informantes, fornece material fotográfico ou presenteia o pesquisador com algum tipo de artesanato local. Como nosso trabalho de pesquisa na *Freguesia* e no *Sertão* iniciou-se em agosto de 1994 e estendeu-se até 1996, pudemos desfrutar desta fase com praticamente todos os informantes, mesmo com aqueles cujas gravações não foram utilizadas na presente pesquisa.

Na última fase - *participação* -, apontada pelo autor como consequência direta da fase de *cooperação*, o informante assume o papel de professor do pesquisador e passa a apresentar a comunidade com bastante naturalidade. Concluimos ser justamente esta a fase ideal para coleta do vernáculo.

3.6.3 As Questões

Elaboramos, por escrito, um roteiro previamente organizado das questões que seriam utilizadas nas entrevistas efetuadas, tanto na *Freguesia* quanto no *Sertão*, com o objetivo de que, durante a entrevista, não ocorressem momentos de hesitação, ou vazios, por parte do pesquisador. No entanto, as maneiras como surgiam no formato da entrevista

variaram de informante para informante, em decorrência dos rumos que a conversa tomava, ou devido à idade, sexo, nível cultural e temperamento do informante.

Percebemos que, ao longo de alguns minutos de entrevista, conseguíamos traçar um perfil geral do informante, tomando por base principalmente o grau de receptividade apresentado. Mesmo assim, tomamos o máximo de cuidado para evitar abordagens desagradáveis ou que parecessem intromissoras.

Por outro lado, verificamos que quando o informante muda o tópico corrente ou o tangencia, geralmente o faz por algum motivo, o qual revela valores da comunidade em que está inserido. O pesquisador, nestes casos, deve possuir certa sensibilidade para notar se o falante hesita porque não gosta do assunto, se é por ser hesitante de modo geral, ou por ser um tema bom, mas delicado. É, portanto, exatamente nessas situações que reside a maior probabilidade de se obter o vernáculo.

A atitude que optamos por tomar, em situações como a descrita acima, foi de deixar o informante à vontade, isto é, deixá-lo hesitar e só propor outro tema se esse der mostras de que o assunto que está em pauta realmente se esgotou.

O roteiro de questões elaborado por nós baseou-se em Spradley (1979:83-91). Segundo o autor, as questões do tipo *descritivo* constituem as mais produtivas, pois exigem do pesquisador, para sua formulação, apenas alguns poucos detalhes sobre o dia-a-dia do informante em sua comunidade. Além disso, a possibilidade de expansão oferecida por este tipo de questão permite que o informante desenvolva sua fala por muito tempo e, o

mais importante, com alto grau de envolvimento, estimulado pelo interesse do pesquisador no conhecimento possuído por ele e pela ignorância demonstrada pelo primeiro em relação a sua cultura.

Para a presente pesquisa, selecionamos, a partir do roteiro apresentado por Spradley (*op. cit.*, pág. 83-91), apenas alguns tipos de questões descritivas e seus respectivos subtipos para a confecção de um roteiro de campo. No entanto, comprovando a informação acima, devido à grande produtividade que apenas um tipo de questão tem condições de oferecer, em nenhum caso chegamos a utilizar o roteiro completo.

Apresentamos abaixo o roteiro na íntegra, acrescido com alguns exemplos de questões que foram utilizadas para a Freguesia e para o Sertão.

Questão *Descritiva Geral* : “ Como era o Ribeirão quando você era pequeno? “

Questão *Estrutural* : refere-se ao geral, mas com ênfase em algum aspecto específico (*op. cit.* pág. 120-131); dessa forma, optamos por retomar o tema “infância no Ribeirão” e selecionamos, entre as inúmeras possibilidades de temas específicos relacionados ao geral, “brincadeiras”, por exemplo, e formulando “quais as brincadeiras que você e seus amiguinhos faziam quando eram pequenos aqui no Ribeirão?”

Questão *de Contraste* (*op. cit.*, pág.155-72): “qual a diferença entre o Sertão da sua época de criança, quando ainda não havia televisão, e depois que a televisão chegou?”

Tipo 1) Questão *Gran-Tour*: constitui uma descrição verbal dos traços significantes de determinado aspecto, como um local, um período no tempo, uma seqüência de eventos, um grupo de pessoas, um tipo de atividade, um grupo de objetos (*op. cit.*, pág.87).

1a) *guiada*: o pesquisador acompanha o informante, o qual começa a exercer a função de professor (*op. cit.* pág. 87); por exemplo: “Gostaria de saber como é um engenho de cachaça. Você poderia mostrar um e me explicar como funciona?”

1a) *relacionada a tarefas*: o pesquisador solicita ao informante para que desempenhe alguma tarefa (desenho de mapas é a mais comum) para ajudá-lo a entender algo (*op. cit.*, pág. 87-8) ; por exemplo: “a senhora poderia me mostrar como é que se trança os bilros para fazer um ponto na renda?”

Tipo 2) Questão *Mini-Tour*: a única diferença com relação às questões *Grand-Tour* é que estas lidam com uma unidade de experiência menor (*op. cit.*, pág. 88), por exemplo: “o que você faz quando começa a bater o noroeste e você está em alto mar?”

2a) *exemplo*: toma-se algum ato único ou evento identificado pelo informante e pergunta-se por um exemplo (*op. cit.*, pág. 88); assim, o informante X dizia que apesar do progresso, o Ribeirão de hoje é o mesmo Ribeirão de 40 anos atrás; foi-lhe então perguntado: “o senhor poderia me dar um exemplo do que permaneceu igual de lá para cá?”

2b) *experiência* (*op. cit.*, pág. 88-9): “você poderia me falar sobre alguma tempestade muito forte que você já enfrentou em uma pescaria?”

Tipo 3) *Questões de Língua Nativa*: pede-se ao informante para utilizar termos e/ou frases comuns a sua comunidade (*op. cit.*, pág. 89); por exemplo: qual é o nome destes “pauzinhos” que trançam rapidamente para a confecção da renda?”

3a) *diretas*: o pesquisador aponta um objeto e pergunta o que é (*op. cit.*, pág. 89).

3b) *termos de frases típicas*: mencionam-se alguns termos típicos da comunidade em questão e pede-se ao informante para explicar seu uso (*op. cit.*, pág. 90); por exemplo: por que uma pessoa chama a outra de “istepô”?”

Tipo 4) *Interação hipotética*: cria-se uma situação típica e estabelece-se para o informante as identidades de emissor e receptor (*op. cit.*, pág. 90); por exemplo: “imagine que os diretores do Museu do Mar marcaram um encontro com você para negociar sua baleeira; quanto você acha que eles lhe ofereceriam e qual seria a sua reação?”

Algumas observações com relação aos tipos de questões tornam-se necessárias. As questões do tipo 2b, *mini-tour* de experiência, devem ser enfatizadas. É justamente neste tipo de narrativa que o informante se envolve emocionalmente com o fato narrado e, conseqüentemente, afasta-se de qualquer tipo de preocupação com a forma, aproximando-se ao máximo do vernáculo.

Muito cuidado deve ser tomado com relação às questões do tipo 3, *de língua nativa*, pois nossa intenção não é que o informante reflita sobre a variável que estamos estudando e, portanto, de forma alguma fizemos qualquer questionamento sobre a produção, ou não, do chiamento por parte do mesmo. As questões descritivas do tipo 3 nos interessam à medida que transmitem ao informante o nosso interesse em sua cultura e, conseqüentemente, auxiliem-no a produzir narrativas o mais naturalmente possível.

Quanto ao tipo 4, questões *de interação hipotética*, concluímos que se tornam mais funcionais à medida que constituem expansões de uma outra questão descritiva, principalmente quando o informante está emocionalmente envolvido com o tema. Vale mencionar aqui, que o exemplo dado para este tipo foi provocado por uma narrativa produzida pelo informante 4, na qual mencionava o grande número de pessoas interessadas em comprar uma baleeira, construída apenas por ele com técnicas artesanais muito antigas, a preços irrisórios. A menção a tal assunto deixou-o bastante alterado, mas não o suficiente a ponto de propormos outro tema; portanto, introduzimos a questão hipotética, obtendo um excelente resultado com relação à obtenção do vernáculo.

De modo inverso ao que é exposto no roteiro acima, as questões *diretas* funcionam melhor como pontos de partida para expansão. Tomamos cuidado para não perguntar sobre objetos comuns a qualquer indivíduo, apenas porque apresentassem um S em posição implosiva na constituição de seu vocábulo. Apontar uma escada, por exemplo, e perguntar o que é, pareceria estranho ao indivíduo e, conseqüentemente, a seriedade de nosso trabalho começaria a ser questionada. Portanto, é muito mais interessante perguntar sobre um objeto

que realmente não se conhece e, a partir disso, iniciar um trabalho de expansão, do que arriscar a perder a confiança do informante.

Procuramos evitar ao máximo questões de induzíssem o informante a responder apenas “sim” ou “não”, pois este passaria a responder apenas ao que lhe foi perguntado e quase nunca realizaria a produção de narrativas. Nesses casos, só conseguíamos coletar fragmentos de narrativa que em nada se relacionam com o vernáculo. Dessa forma, ao invés de perguntarmos “você vai ao Ribeirão no final de semana?”, optamos por “o que você faz geralmente nos finais de semana, à noite?”

As entrevistas realizadas e que não foram incluídas na amostra constituíram contatos estratégicos estabelecidos com moradores que não preenchiam as células necessárias no momento, mas que possuíam informações muito valiosas sobre o modo de vida dos moradores e dispunham de uma extensa rede de parentes e amigos, os quais poderiam constituir possíveis informantes.

3.7 Codificação dos Dados

Das 32 entrevistas que compõem a amostra da presente pesquisa, utilizamos um total de 320 minutos (aproximadamente 5,3 horas) de gravação, isto é, o correspondente a dez minutos de gravação de cada informante, totalizando 2.663 ocorrências de S em final de sílaba e de palavra.

A codificação de todas as ocorrências deu-se de acordo com as variáveis consideradas em 2.2.1 e 2.2.2 (págs. 60 e 61, respectivamente), a fim de que os dados pudessem ser submetidos ao pacote de análise computacional VARBRUL. Exemplificamos abaixo como se deu a codificação para *gosto*:

ocorrência	variante	fatores
[gɔʃtu]	1	f 1 h t 4 f a p p r l b v

Temos, portanto, que na ocorrência *gosto*, houve palatalização (1); que a mesma ocorreu em posição medial (f), tônica (1); é precedida por vogal labial (h), seguida por consoante coronal anterior (t), [-voz] (4). O informante é do sexo feminino (f), inclui-se na faixa de 15-30 anos de idade (a); possui de 0-4 anos de escolaridade (p) e mantém um contato com o centro da capital classificado como parcial (p). A informante reside na Freguesia do Ribeirão da Ilha (r) e é identificada como (1). A ocorrência apresentada pela informante classifica-se como um S não morfêmico (b) e o tipo de item lexical que carrega a ocorrência é um verbo (v).

3.8 O Método de Análise

Com o intuito de propiciar uma análise estatística para os dados lingüísticos variáveis de nossa pesquisa, utilizamos o conjunto de programas do pacote VARBRUL,

versão 1988, desenvolvidos na University of Pennsylvania em 1984 e apresentados por David Sankoff em 1986 (Scherre 1992:1).

A versão de 1988 possui dez programas dos quais utilizamos oito, sendo que três deles executam as funções indispensáveis para o processamento dos programas de regras variáveis e o de cruzamento de variáveis, a saber CHECKTOK, READTOK E MAKECELL.

Para que possam ser rodados, tais programas necessitam de três arquivos de base: o *arquivo de dados*, o *arquivo de especificação de fatores* e o *arquivo de condições*. O arquivo de dados reúne todas as ocorrências que compõem a amostra, codificadas conforme o exemplificado em 3.6. O arquivo de especificação de fatores é formado pelas variáveis dependentes e independentes, classificadas com um símbolo escolhido entre os caracteres existentes no teclado do computador, exceto / e (), os quais possuem um significado específico dentro dos programas.

Já de posse destes dois arquivos, é possível rodar o programa CHECKTOK, o qual efetua um trabalho de comparação entre os símbolos do arquivo de dados e os símbolos do arquivo de especificação de fatores, detectando eventuais erros de digitação ou de classificação no arquivo de dados. O usuário deve corrigir tais erros para que o programa READTOK possa ser rodado.

O arquivo corrigido, *output* do programa anterior, servirá de *input* para o programa READTOK, cuja função é agrupar as seqüências idênticas, somando-as para a criação de um arquivo de símbolos - o arquivo de ocorrências.

Para que o MAKECELL possa ser rodado, além do arquivo de ocorrências, há necessidade de se criar um outro arquivo, o de condições. Tal arquivo é formado pelos números de ordem dos grupos de fatores das variáveis em estudo, que serão consideradas na criação do arquivo *output*. Além disso, o arquivo de condições possibilita o reconhecimento por parte do usuário dos fatores de um ou outro grupo que devem ser agrupados (amalgamados) e os grupos de fatores que podem formar novos grupos, seja através da redução de grupos ou da expansão dos mesmos (Scherre 1992: 19).

O programa MAKECELL utiliza como *input*, além do arquivo de condições, o arquivo de ocorrências e cria o chamado arquivo de células. Tal programa calcula as porcentagens de aplicação da regra em cada grupo de fatores, recodificando as ocorrências do arquivo de ocorrências de acordo com as especificações do arquivo de condições e do arquivo de definição dos fatores (Pintzuk 1988:35-6).

Nesta etapa da pesquisa, o usuário deve fazer sua opção para a escolha do quarto programa a ser utilizado (IVARB, TVARB E MVARB), cujo critério é o número de fatores na variável dependente. No caso do trabalho em questão, realizamos duas escolhas, ou seja, inicialmente trabalhamos com o programa MVARB, para a obtenção da freqüência global das quatro variantes e após, utilizamos o programa IVARB para o estudo dos

condicionamentos da variante palatal, quando passamos a operar, portanto, com duas variáveis (*c.f.* 2.2.1, pág. 61).

O *input* para tal programa é o arquivo de células, desprovido das ocorrências de variáveis que resultaram em 100% de aplicação (os *knockouts*) e das variáveis que apresentaram aplicação zero.

Assim como o MVARB e TVARB, o IVARB é um programa de regra variável capaz de calcular as probabilidades dos fatores de cada variável em níveis diversos de análise, efetuando comparações progressivas entre os pesos relativos atribuídos aos diversos fatores das variáveis independentes e realizando uma seleção estatística de variáveis a cada passo da análise (Sankoff 1988: 991-2 *apud* Scherre 1982: 27).

Dessa forma, no nível tido como zero, obtemos o chamado *input* da regra, isto é, a média global de sua aplicação, vista como “a probabilidade de aplicação da regra quando o efeito de todos os fatores de todas as variáveis é neutro” (Lemle & Naro 1977:26-7 *apud* Scherre 1982: 27). No nível 1, o programa calcula os pesos relativos dos fatores de cada uma das variáveis isoladamente, apenas em comparação ao *input*, atribuindo a cada conjunto de fatores de cada variável, um valor de representação do cálculo de verossimilhança máxima (*log likelihood*), o qual gera o nível de significância responsável pela adequação dos valores estatísticos projetados em relação aos observados.

Baseando-se em tais parâmetros estatísticos e no número de fatores da variável, o nível 1 termina com a seleção de uma das variáveis. O nível 2 retoma a variável

selecionada anteriormente e promove a conjugação desta, com cada uma das outras variáveis, duas a duas, atribuindo pesos relativos a cada um de seus fatores, além de *log likelihoods* e níveis de significância a cada par de variáveis. Finaliza da mesma forma que o nível 1, selecionando uma outra variável.

Seguem-se outros níveis da mesma forma, ou seja, processa-se a comparação do número de variáveis selecionadas até o nível anterior com as demais. Teoricamente, o número de níveis de uma dada análise é igual ao número de variáveis selecionadas.

Como situação ideal, podemos mencionar o caso em que os pesos relativos do primeiro nível permanecem os mesmos ou bastante semelhantes até o último nível da análise, fato que revela a não sobreposição ou enviesamento entre as variáveis (não se constata interferências). No entanto, a situação de sobreposição das variáveis é um fato corrente e, neste caso, o programa atribui pesos relativos em função da importância estatística de cada uma destas variáveis.

Os resultados em termos de pesos relativos compreendem um valor de zero a um, o qual quantifica a atuação de cada variável independente, na aplicação de cada uma das variáveis dependentes.

Este tipo de análise progressiva recebe o nome de *step up* e constitui o único nível em que se processa a análise realizada pelo MVARB. O IVARB realiza ainda a análise *step down*, espécie de análise regressiva que elimina, a cada nível de análise, o grupo de fatores

que é considerado como não relevante. A vantagem deste tipo de análise é funcionar como uma prova para os resultados do *step up*, uma vez que a situação esperada é a ocorrência de uma distribuição complementar entre os resultados finais dos dois tipos de análises.

Utilizamos ainda outros dois programas oferecidos pelo pacote VARBRUL - o TSORT , o TEXTSORT - os quais constituem espécies de programas de apoio para a análise dos dados, uma vez que auxiliam o usuário na conferência dos dados e na procura de uma codificação específica.

Apesar de tanto um quanto outro receberem como entrada o arquivo de dados corrigido e exigirem a especificação do que lhes é solicitado, suas funções são bastante diferentes. O TSORT efetua a procura de uma codificação específica e o TEXTSORT , a procura do que foi digitado após a cadeia de codificação.

Estes programas efetuam a cópia para um outro arquivo de todas as ocorrências ou de todas as codificações que contenham as informações necessárias, especificadas pelo usuário em uma espécie de arquivo de controle.

Geram como saída os arquivos *arq.sor* , no caso do TSORT e *arq.dat* para o TEXTSORT , os quais satisfazem as condições especificadas pelo usuário sem efetuar qualquer modificação no arquivo de dados corrigido. Foram de muita utilidade em nosso trabalho por permitirem a elaboração de especificações complexas, combinando códigos

de uma mesma coluna ou de colunas diferentes, tornando assim mais econômico o processo de correção do arquivo de dados, quando se fez necessário.

Para a análise de possíveis interferências entre dois grupos de fatores, utilizamos ainda o programa CROSSTAB do pacote VARBRUL. Recebe como entrada um arquivo de células gerado pelo MAKECELL e produz um arquivo de saída (arq.cro), contendo o cruzamento das percentagens atribuídas a dois grupos de fatores previamente especificados. Para dados binários, o programa fornece ainda o cálculo de qui-quadrado para os totais e a significância.

4 - TEORIA DA VARIAÇÃO

4.1 Aparato teórico

A divisão sistemática da língua, proposta por Saussure em seu *Curso de Lingüística Geral* (1973), em *langue* (sistema) e *parole* (uso da língua, fala), constituiu a base sobre a qual o modelo estruturalista desenvolveu-se.

Considerada o verdadeiro objeto de estudo da lingüística, a *langue* é tida pelo autor como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social, para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (*op. cit.*, pág. 17). No entanto, os sucessores de Saussure tomaram a língua como um sistema de regras, abstrato e homogêneo, deixando de lado os tipos diferentes de processos sociais a que estava sujeita.

Surge, a partir desta postura, o que se convencionou chamar de *Paradoxo Saussureano*, ou seja, o aspecto social da língua é estudado através da observação de um indivíduo, mas o aspecto individual, por sua vez, apenas pela observação da língua em seu contexto social (Labov 1972: 186).

Bloomfield, um dos principais representantes do estruturalismo americano, embora tenha adotado a visão saussureana de imutabilidade e homogeneidade da língua, apresenta um passo a mais no reconhecimento da relação entre língua e sociedade ao apontar a

existência de “falas diferentes”, em seu artigo de 1927, sobre a fala do letrado e do iletrado em língua inglesa (*op. cit.*, pág. 433-4 *apud* Dittmar 1976: 113), muito embora não reconheça nenhum tipo de correlação entre as formas lingüísticas e seus sentidos cognitivos.

O processo de análise proposto pelo modelo estrutural (como, por exemplo, a análise distribucional fonológica), no entanto, veio a exercer influência decisiva no desenvolvimento do estudo da língua em seu contexto social nos anos subsequentes.

O modelo gerativo-transformacional de Chomsky (1965) apresenta uma aparente reformulação da dicotomia saussureana *langue/parole*, ao estabelecer a distinção *competência/performance*. A *competência* constitui o sistema de regras interiorizado pelos falantes (gramática), responsável pela capacidade dos mesmos em pronunciar e compreender um número infinito de frases inéditas. A *performance* é a manifestação da competência dos falantes nos seus múltiplos atos de fala.

O objetivo dos estudos lingüísticos, segundo Chomsky (1965), é a *competência* lingüística do falante-ouvinte ideal, pertencente a uma comunidade de fala lingüisticamente homogênea. Os aspectos sociais são designados à esfera da *performance*, a qual se refere a fatores psicológicos como, por exemplo, a memória, a atenção, a relação entre emissor e receptor.

Desse modo, os gerativistas lidam com as formas variantes em termos da execução ou não de *regras opcionais*. Nesse sentido, *não* se considera o fato de que a opção esteja

sujeita à covariação com elementos lingüísticos e não-lingüísticos, como idade, classe social, sexo etc.

No entanto, observou-se que a noção de regra opcional não consegue captar a natureza da variação sistemática que existe até mesmo a nível da gramática de um único indivíduo. Além disso, não considera as relações entre a presença de certos traços no ambiente lingüístico de uma regra e a freqüência de operação da mesma. A questão do favorecimento ou da restrição da operação de uma regra é designada para fora da competência do falante nativo, deixando de transmitir qualquer informação sobre como atuam os elementos de sua descrição estrutural (Cedergren & Sankoff 1974: 333).

Tais limitações levaram à conclusão de que os aspectos da *performance*, sistemáticos em um indivíduo e em uma comunidade, são reflexos da *competência* lingüística.

Diante desse quadro, surge o modelo de análise lingüística denominado *Teoria da Variação*, iniciado por Willian Labov (1966) e que enfoca a variabilidade como o aspecto central da *competência* lingüística. É também conhecida como *Sociolingüística Quantitativa* por operar com números e tratamento estatístico dos dados coletados (Tarallo 1986: 8).

Desenvolveu-se a partir daí o conceito de *regra variável*, cujo objetivo é descrever a variação interna e socialmente determinada dos dados lingüísticos da forma como ocorrem

em situações de fala concretas. Tal conceito foi posteriormente desenvolvido, teórica e tecnicamente, por David Sankoff, Gillian Sankoff e Henrietta Cedergren, chegando a constituir, nos dias atuais, o instrumento descritivo disponível mais prático para o estudo da variação lingüística (Dittmar 1976: 134).

O modelo da Teoria da Variação, ao assumir a existência de uma estrutura heterogênea, elimina a busca por falantes ideais e torna as comunidades de fala diretamente acessíveis ao lingüista.

As regras variáveis, desenvolvidas por Labov e entendidas como parte da competência individual, são funções não só da presença ou ausência de elementos lingüísticos, mas também de fatores extra-lingüísticos como a idade, sexo, escolaridade, classe sócio-econômica etc. Devido ao fato de envolver o tratamento de um grande número de dados, a fim de abarcar o efeito de diferentes fatores, a análise da regra variável deve ser necessariamente quantitativa. Além destes fatores, a análise deve ser multivariada, já que a alternância entre duas ou mais formas pode se dar por influência simultânea de vários fatores independentes. Tal situação exigiu a busca por uma teoria matemática que fosse consistente com os dados lingüísticos.

4.2 Modelos Quantitativos para o Estudo da Regra Variável

A Teoria da Variação propõe-se a medir o efeito com que uma categoria postulada contribui para a realização ou não de uma variante através de modelos que dão conta, estatística e probabilisticamente, de aspectos lingüísticos e extralingüísticos interferentes na aplicação de uma regra. Tais aspectos do sistema lingüístico são governados por um conjunto de efeitos fixos de operação que se combinam de modo a predizer um caminho para a regra.

Labov, em 1969, propõe o modelo denominado *aditivo*, pelo qual a regra de probabilidade (p) em um dado ambiente é a soma de um certo número de quantidades, uma para cada traço relevante no ambiente (Cedergren & Sankoff 1974: 336). A fórmula básica do modelo aditivo é apresentada na figura XIV:

(XIV)

$$p = p_0 + \alpha_i + \alpha_j + \dots$$

P_0 refere-se ao *input* comum a todos os ambientes e α_i , um número fixo que só entra na fórmula se i estiver presente no ambiente. O efeito de um dado traço depende de sua presença e não de outros aspectos do ambiente.

Este modelo foi abandonado, no entanto, devido à sua incapacidade em predizer probabilidades de aplicação que não se encaixassem no intervalo entre zero e um, além de

também não conseguir prever probabilidades de aplicação em um grande número de ambientes diferentes (*op. cit.*, pág. 337).

Em 1974, Henrietta Cedergren e David Sankoff propõem outro modelo para a análise de regra variável - o modelo *multiplicativo* -, onde cada fator é associado a um efeito fixo, como postula o modelo aditivo, porém estes efeitos fixos são multiplicados a fim de se chegar a um valor pertinente em um dado ambiente. Para as probabilidades de aplicação, segue-se a fórmula apresentada na Figura XV :

(XV)

$$p = p_0 \times p_i \times p_j \times \dots$$

Para as probabilidades de *não aplicação*, a fórmula sofre alterações. Se p é o símbolo para a probabilidade de aplicação, $1-p$ é a probabilidade de que a regra não se aplique. Diante disso, temos a fórmula da *não aplicação* das probabilidades, reescrita conforme apresenta a Figura XVI:

(XVI)

$$(1-p) = (1-p_0) \times (1-p_i) \times (1-p_j) \times \dots$$

Vale ressaltar, no entanto, que a troca contínua de um modelo para outro, visando ao melhor tratamento para a massa de dados, acaba por comprometer os resultados finais devido à falta de uniformidade no processo de análise.

Com vistas a solucionar tal problema, Pascale Rousseau e David Sankoff introduziram, em 1978, o chamado modelo *logístico*, o qual se constitui numa junção dos modelos multiplicativos de *aplicação* e de *não aplicação*. O primeiro é dividido pelo segundo, eliminando, assim, a independência entre os eventos de aplicação e de não aplicação (Naro 1992: 23). A Figura XVI apresenta a formulação logística:

(XVII)

$$\frac{P_t}{(1-p_t)} = \frac{P_0}{(1-p_0)} \times \frac{P_i}{(1-p_i)} \times \dots \times \frac{P_j}{(1-p_j)}$$

P_t refere-se à probabilidade global de aplicação de uma determinada regra variável no contexto em que ocorre um fator de cada grupo e P_0 caracteriza o *input* correspondente à média geral de aplicação da regra, o qual mede a tendência da presença da variante em estudo, abstraindo do efeito dos fatores. Desse modo, por não mais seguir o modelo de eventos independentes da teoria da probabilidade, o termo “probabilidade” para p_i é substituído pelo termo “peso relativo” (*ibidem*).

A equação do modelo logístico não é suficientemente capaz de determinar valores únicos para os p_i , fato que conduziu à determinação de uma convenção arbitrária, segundo a qual a média dos valores para todos os fatores de cada grupo deve ser igual a 0,5. Para podermos interpretar os pesos calculados de acordo com o modelo em questão, como favoráveis ou desfavoráveis à aplicação da regra, devemos ter em mente que os valores

absolutos dos pesos relativos devem ser analisados de acordo com a ordenação relativa dos valores dos diversos fatores que compõem um grupo.

Os modelos matemáticos apresentados, apesar de suas diferenças, descrevem a ocorrência de formas alternativas que estão em competição em contextos determinados pelas combinações dos p_i . O favorecimento de uma das formas no decorrer do tempo e o conseqüente desaparecimento da forma desfavorecida sinalizam que a regra variável em estudo caracteriza um processo de *mudança lingüística*. Desse modo, a análise da freqüência e peso relativo possibilita a apreciação do desenvolvimento de uma dada forma lingüística na comunidade onde ocorre, valorizando, de forma idêntica, tanto o papel do condicionamento social, quanto o papel do condicionamento lingüístico no processo de mudança lingüística. A esse respeito, afirma Labov (1972: 1-2):

Estas variações podem ser causadas por processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos nos quais o sistema lingüístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. Muitas dessas variações ocorrem somente uma vez, e são extintas tão rapidamente como surgem. Porém, algumas retornam e, num segundo estágio, podem ser imitadas mais ou menos amplamente, e podem alastrar-se até o ponto onde as formas novas estão em contraste com as formas mais antigas em número significativo. Finalmente, em algum estágio posterior, uma ou outra das duas formas geralmente vence, e a regularidade é obtida²⁸.

²⁸ "These variations may be induced by the process of assimilation or differenciation, by analogy, borrowing, fusion, contamination, random variation, or any number of process in which the language system interacts with the physiological or psychological characteristics of the individual. Most such variation occur only once, and are estinguished as quickly as they rise. However, a few recur, and, in a second stage, they may be imitated more ou less widely, and may spread to the point where the new forms are in contrast with the older forms along a wide front. Finally, at some later stage, one or the other of the two forms usually triumphs, and regularity is achieved." (Labov 1972: 1-2)

O modelo logístico, atualmente o mais utilizado na Sociolinguística Quantitativa (*op. cit.*, pág 20), parece constituir o modelo mais apto a computar em seus resultados as inter-relações existentes entre as categorias, lingüísticas e extralingüísticas, que atuam em uma regra variável.

4.3 Principais Aspectos do Estudo Variacionista realizado na Ilha de Martha's Vineyard (Labov 1963)

O primeiro estudo realizado por William Labov sobre a importância dos fatores sociais na mudança lingüística constitui a pesquisa sobre o movimento na posição fonética dos primeiros elementos dos ditongos [ay] e [aw], na Ilha de Martha's Vineyard, no estado norte-americano de Massachussets em 1963. Esta centralização da altura da vogal do ditongo, aparentemente não controlada pelos falantes de forma consciente, possui, segundo o autor, a característica de uma regra variável.

Consideramos tal estudo de grande importância devido a algumas semelhanças entre este e o que desenvolvemos no presente, principalmente no que se refere a aspectos das duas localidades e de condicionamentos sociais das variáveis.

A Ilha de Martha's Vineyard, distante três milhas do continente, apresenta uma divisão interna informal em duas partes: a parte de baixo (*down island*), onde vivem $\frac{3}{4}$ da população permanente da Ilha e a parte de cima (*up island*), caracteristicamente rural, com

número considerável de residências de veraneio. É nesta parte da Ilha que vivem 103 índios, descendentes dos habitantes originais da localidade.

As variáveis independentes sociais selecionadas foram região, idade, ocupação e grupo étnico. Quanto às variáveis lingüísticas, observou-se a influência dos contextos precedente e seguinte, tonicidade, tipo de item lexical e o estilo de fala.

Os 6000 habitantes nativos pertencem aos seguintes grupos étnicos, caracteristicamente endogâmicos: descendentes das famílias antigas de origem inglesa, que colonizaram a Ilha nos séculos XVII e XVIII; descendentes de portugueses, provenientes de Cabo Verde, Açores e Madeira; índios; pequeno contingente de ingleses, franceses, canadenses, irlandeses, alemães e poloneses.

Com relação à idade, a faixa entre 31 e 45 anos apresenta um maior aumento na aplicação do fenômeno em estudo. A faixa mais jovem encontra-se dividida entre baixo índice de produção de centralização e alto índice de produção de centralização. Constatou-se que o primeiro grupo diz respeito aos jovens descendentes de famílias inglesas que não pretendem permanecer na Ilha e o segundo, de forma oposta, abrange aqueles que pretendem permanecer na Ilha e ali construir suas vidas.

Após obter todos os dados numéricos baseados nas variáveis independentes, o autor estabelece a necessidade de se considerar a estrutura social da ilha e as pressões que

motivaram as mudanças sociais observadas na época de realização do estudo. Nesse sentido, foram de grande valia as informações etnográficas fornecidas pelos líderes da comunidade.

Como resultado deste tipo de análise etnográfica, foi possível delinear o quadro econômico e social da Ilha, o qual apresenta salários baixos e desemprego; altas taxas de emprego sazonal; inexistência de indústrias; decadência do mercado pesqueiro; grande número de mulheres casadas, com filhos pequenos, que trabalham fora; invasão de proprietários não nativos; dependência econômica crescente por parte da população nativa nos meses de veraneio, fato que constitui uma ameaça à sua independência.

Além destes fatores, também foi possível entender melhor como se dá a centralização nas faixas etárias em estudo. O pico observado, entre 30 e 45 anos abrange indivíduos que viveram a II Guerra Mundial e o conflito da Coreia, vivenciando uma economia decadente no país, fato que influenciou a opção de permanecer na Ilha e não tentar ganhar mais dinheiro fora dela.

Também é esta faixa, entre 30-45 anos, que apresenta casos de hipercorreção, explicados pelo fato de que tal faixa abrange aqueles que saíram da Ilha e retornaram um tempo depois, buscando agora uma maior identidade com seus conterrâneos. Entre os muito jovens, a vontade de sair da Ilha é dominante, o que justifica, desse modo, o índice considerado médio-baixo de centralização.

Embora a variante em questão não seja prestigiada socialmente, surge como a marca de uma forte resistência à presença dos veranistas, justificada pela necessidade de identificação de espaço e cultura dos habitantes da comunidade da Ilha de Martha's Vineyard.

Os pescadores, grupo mais fechado, mais independente e que mais se opõe à invasão de veranistas, constituem o grupo étnico responsável pelo aumento súbito da centralização nos ditongos (ay) e (aw), numa tentativa de imitar uma tendência semelhante, porém mais fraca, da geração mais velha. Segundo o autor (*op. cit.*, pág. 38-9), a centralização expressa sentimentos positivos em relação à Ilha e, dessa forma, os indivíduos que apresentam este sentimento em relação à localidade são justamente os que possuem maior índice de produção de centralização.

A tendência apresentanda pelos outros dois grupos étnicos, os portugueses e os índios, é seguir a mesma linha dos ilhéus, muito embora tal identificação seja preterida pelo primeiro grupo, mas refutada, de certo modo, pelo segundo, devido à tentativa de manutenção da identidade índia.

As técnicas desenvolvidas neste estudo sobre a centralização dos ditongos na Ilha de Martha's Vineyard foram aperfeiçoadas e aplicadas por Labov em sua dissertação sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de New York, publicada em 1966 e considerada como a obra inaugural da Teoria da Variação. Outro trabalho importante na história da variação constitui seu estudo sobre o inglês vernáculo dos adolescentes negros

do Harlem, em New York (Estados Unidos). A abordagem básica, em todos estes trabalhos, ou seja, “o isolamento das variáveis socialmente significantes e a correlação das mesmas com os padrões de força sociais gerais”²⁹ (*op. cit.*, pág. 42) foi a mesma.

²⁹ “Yet the basic approach, of isolating the socially significant variables, and correlating them with the patterns of general social forces, was the same as that which was used on Martha’s Vineyard.” (Labov 1972: 42)

5 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS OPERACIONAIS

5.1 Introdução

O capítulo que se inicia visa apresentar e discutir os resultados da análise quantitativa, procurando justificar o papel favorável apresentado por alguns fatores frente ao fenômeno de *palatalização da coronal anterior implosiva não-morfêmica* na fala das três regiões do município de Florianópolis - distrito de Florianópolis, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão da Ilha.

A ordem de apresentação das variáveis operacionais independentes obedece à ordem de seleção efetuada pelo programa VARBRUL, com base no grau de relevância das mesmas em relação à variável dependente. Porém, procuramos evidenciar, nesta seção, a relação existente entre as variáveis, quando esta aponta para tendências importantes nos dados.

Passemos, então, à apresentação da frequência global das variáveis da coronal anterior em posição implosiva.

5.2 Frequência Global das Variantes da Coronal Anterior Implosiva

Observamos que, de fato, a variante *palatal* é a mais característica com 61% dos dados, seguida pela coronal anterior com 32%. As formas menos frequentes são o apagamento com 8% e a aspiração com 1%.

TABELA 1 Frequência Global das Variantes da coronal anterior não morfêmica em posição implosiva

VARIANTE	APLIC./TOTAL	%
palatal	1613/2663	61
coronal anterior	351/2663	32
apagamento	181/2663	8
aspiração	18/2663	1

A supremacia da variante *palatal* sobre as outras variantes também é o resultado apresentado por Scherre & Macedo (1989: 167) para o Rio de Janeiro. Nesta localidade, tal variável atinge a frequência de 63% , sendo seguida também pela *alveolar*, com 23%. As frequências para *apagamento* e *aspiradas* são de 8% e 6% respectivamente.

O fenômeno de aspiração ocorre, em nossos dados, em número bastante reduzido - 18 dados (*cf.* Tabela 1) - fato que limita em muito a possibilidade de afirmações seguras a respeito de seu comportamento, além de gerar um número bastante grande de fatores categóricos (*knockouts*). Por este motivo, não foi possível submeter tais dados à análise estatística computacional realizada pelo programa IVARB do pacote VARBRUL.

Tal fato, aliado à extensão do presente estudo, contribuiu para que decidíssemos apresentar os resultados da variável *aspiração* e da variável *apagamento* em um próximo trabalho.

Passemos, então, ao item 5.3, onde apresentaremos os resultados para a variável palatal.

5.3 Palatalização

5.3.1 Variáveis Lingüísticas

Traço [voz]

A variável *traço [voz]* foi a primeira a ser selecionada na análise progressiva *step up* realizada pelo programa IVARB. Os segmentos seguintes, portadores do *traço [-voz]*,

segundo resultados da Tabela 2 abaixo, favorecem a palatalização da coronal anterior implosiva (.60), fato que vem confirmar nossa hipótese inicial.

TABELA 2 Influência da Variável Traço [voz] para a Palatalização da coronal anterior implosiva

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
[-voz]	1121/1295	87	.60
zero	179/273	66	.47
[+voz]	310/598	52	.31
TOTAL	1610/2166	74%	

A maior frequência e peso relativo apresentados pelo traço [-voz] parecem apontar para o favorecimento do fenômeno de palatalização pelos contextos que dispõem maior energia articulatória para sua realização, como os contextos [-voz]. Os contextos [+voz] (.31) inclinam para o desfavorecimento do fenômeno.

A análise da variável tonicidade parece confirmar tal resultado.

Tonicidade

A variável tonicidade foi a nona a ser selecionada na análise progressiva *step up*.

O resultados da Tabela 3 apontam para a maior incidência do fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva em contextos *tônicos e pré-tônicos*, tanto quando se considera o *acento de palavra* (.46 para *tônicas* e .55 para *pré-tônicas*), como quando se considera o *acento do grupo de intensidade* (.57 para *tônicas do grupo* e .49 para *pré-tônicas do grupo*).

TABELA 3 Influência da Variável Tonicidade para a Palatalização da Coronal Anterior Implosiva

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
pré-tônica	594/661	90	.55
átona	19/24	79	.67
tônica	421/560	75	.46
tônica do grupo	183/281	65	.57
pré-tônica do grupo	319/508	63	.49
pós-tônica do grupo	37/62	60	.36
pós-tônica	37/70	53	.25
TOTAL	1610/2166	74	

A predominância das maiores frequências e pesos relativos em *contextos tônicos e pré-tônicos* vem confirmar, de maneira geral, nossa hipótese de que os contextos mais fortes favorecem o fenômeno em estudo. No entanto, esperávamos que as *tônicas da palavra* possuísem peso relativo ainda mais elevado do que as *pré-tônicas da palavra*, assim como acontece para as *tônicas e pré-tônicas do grupo de intensidade*.

Observa-se, na Tabela 3, que não existe um comportamento uniforme decrescente entre as frequências e os pesos relativos de cada um dos fatores. Caracterizando tal fato como um tipo de *enviesamento*, procuramos detectar a causa do mesmo no decorrer dos níveis da análise binomial e concluímos que o cruzamento da variável traço [voz] com a variável *posição na sílaba* no nível 3 da análise progressiva *step up* é justamente o responsável pelo fenômeno.

A fim de confirmar se o enviesamento nos resultados para a variável *traço [voz]* seria causado apenas pela variável *posição na sílaba*, realizamos uma outra rodada eliminando esta variável. O enviesamento desapareceu, confirmando nossa suspeita. Os resultados desta nova rodada encontram-se na Tabela 4 a seguir.

TABELA 4 Influência da Variável Tonicidade na Palatalização da Coronal Anterior Implosiva (Sem a Conjugação com a Variável Posição na Sílabas)

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
pré-tônica	594/661	90	.62
átona	19/24	79	.71
tônica	421/560	75	.50
tônica do grupo	183/281	65	.47
pré-tônica do grupo	319/508	63	.41
pós-tônica do grupo	37/62	60	.31
pós-tônica	37/70	53	.24
TOTAL	1610/2166	74	

Observando as Tabelas 3 e 4, notamos que os fatores *tônica do grupo* e *pré-tônica do grupo* apresentam uma queda no valor numérico de seus pesos relativos quando não são cruzados com a variável *posição na sílaba* (Tabela 4), fato que permite o desaparecimento do enviesamento mostrado na Tabela 3.

O único fator que ainda apresenta um alto peso relativo é a *sílaba átona*. No entanto, não consideramos tal fato um enviesamento, devido a duas características principais apresentadas pelo mesmo no *corpus* do presente estudo. Inicialmente, observamos que o fator *sílaba átona* apresenta alto peso relativo desde o nível 1 da análise

progressiva *step up*, quando o programa calcula os pesos relativos dos fatores de cada uma das variáveis isoladamente, apenas em comparação ao *input* (Tabela 5).

TABELA 5 Pesos Relativos dos Fatores da Variável Tonicidade no Nível 1

FATOR	NÍVEL 1
pré-tônica	.73
átona	.54
tônica	.48
tônica do grupo	.36
pré-tônica do grupo	.34
pós-tônica do grupo	.31
pós-tônica	.26

Em segundo lugar, o fator *sílaba* átona possui um pequeno número de dados - 24 - se comparado ao número de dados dos outros fatores da variável (ver Tabela 4) e, além disso, todos os 24 dados concentram-se no item lexical *mas*.

Os resultados nas Tabelas 2, 3 e 4 parecem apontar para a preferência da consoante palatal em posições mais salientes, que exigem maior esforço articulatorio. A Tabela 6

confirma tal posicionamento ao relacionar a variável *sonoridade* com a variável *traço [voz]*.

TABELA 6 Tabulação Cruzada entre as Variáveis Tonicidade da Sílabas que contém a Consoante Palatal e Traço [voz] da Consoante que segue a Consoante Palatal

	TÔNICA PALAVRA	TÔNICA GRUPO	TOTAL
DIANTE [-VOZ]	244/278 = 88%	99/121 = 82%	1121/1295 = 87%
DIANTE [+VOZ]	79/138 = 57%	72/144 = 50%	310/598 = 52%
TOTAL	421/560 = 75%	183/281 = 65%	

$X^2 = 1368.304$
significância = .000

Os resultados da Tabela 6 apontam para a maior frequência de consoantes *palatais* implósivas em contextos mais salientes e que dispõem maior energia articulatória. Por outro lado, os pesos relativos para as sílabas *pós-tônicas*, tanto da palavra (.25) quanto do grupo de intensidade (.36), apesar do pequeno número de dados (70 e 62, respectivamente; ver Tabela 4), apresentam uma tendência a inibir o fenômeno de palatalização em um contexto menos saliente, com menor esforço articulatório.

Posição na Sílabas

A variável em questão foi a terceira selecionada pelo programa de análise estatística VARBRUL.

Os fatores que compõem a variável *posição na sílaba* foram, inicialmente, submetidos à análise computacional sem nenhuma espécie de amalgamento, isto é, todos os casos presentes nos dados - *posição medial, final absoluta, final diante de pausa, final diante de consoante e final diante de vogal* - receberam, cada um, uma única codificação. A posição *medial* surge como a posição na sílaba que mais favorece o fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva (.81), confirmando nossa hipótese inicial.

Os resultados são apresentados na Tabela 7.

TABELA 7 Influência da Variável Posição na Sílabas para a Palatalização da Coronal Anterior Implosiva

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
medial	956/1121	85	.81
final absoluta	77/116	66	.68
final diante de pausa	102/156	65	.74
final diante de consoante	475/773	61	.65
final diante de vogal	3/497	1	.01
TOTAL	1613/2662	61	

Devido à pequena quantidade de dados em relação aos outros fatores da variável e à semelhança apresentada entre suas frequências e pesos relativos, os fatores *posição final absoluta* e *posição final diante de pausa* parecem apontar para um comportamento idêntico em nossa análise. Além disso, o fator *posição final de palavra diante de pausa* refere-se ao caso em que o indivíduo promove um espaço entre duas palavras em seu discurso para a realização de uma busca lexical, o que dificilmente exerceria influência fonética na palavra proferida antes desta pausa.

A fim de testarmos se a distinção entre *final absoluta* e *final diante de pausa* é significativa ou não, lançamos mão de um teste não paramétrico de significância - *qui-quadrado* (X^2). Estabelecemos inicialmente duas hipóteses. Pela primeira, denominada

hipótese nula, os fatores em questão não estão amalgamados, pois a distinção realmente é significativa. Já a segunda hipótese, a chamada *hipótese experimental*, defende que os fatores podem ser amalgamados pois a distinção não é significativa.

O primeiro passo é tomarmos o *log likelihood* do nível de maior significância do *step up* da rodada em que os fatores *posição final absoluta* e *posição final diante de pausa* estão distintamente apresentados. Temos o valor de -989.228. Em seguida, realizamos outra rodada, agora com os fatores mencionados acima, amalgamados em um único fator, que denominamos *posição final absoluta*. Extraímos também o *log likelihood* do nível de maior significância da análise progressiva *step up*, obtendo o valor de -971.528.

Com estes dois valores em mãos, subtraímos o menor valor absoluto de um *log* (971.528) do maior valor absoluto do outro *log* (989.228), obtendo assim 17.700. Tal resultado é então multiplicado por 2 e o resultado desta multiplicação - 35.400 - é a chamada *freqüência observada*.

O próximo passo é a obtenção do chamado *grau de liberdade (gl)*, valor numérico equivalente ao número de fatores que desaparecerão da variável em decorrência do amalgamento. Como nossa hipótese propõe que o fator *posição final diante de pausa* apresente o mesmo comportamento que o fator *posição final absoluta*, concluímos que apenas o primeiro será eliminado; portanto nosso $gl = 1$.

Com o valor de gl , nos dirigimos a uma tabela de *qui-quadrado* (Levin 1987:361), a fim de obtermos o chamado *qui-quadrado crítico* (X^2 crítico). Como nosso $gl = 1$, o $X^2 = 3.841$.

Em posse de todos estes valores, já podemos testar nossas hipóteses comparando a *freqüência observada* (f_o) e o X^2 crítico obtidos. A relação encontrada foi de que a *freqüência observada* (35.400) é maior do que o X^2 crítico (3.841), o que significa dizer que devemos rejeitar a hipótese nula e aceitar a hipótese experimental, isto é, a distinção pode ser eliminada sem problemas, pois não é significativa.

O caso contrário seria $f_o < X^2$ crítico, resultado que nos levaria a rejeitar a hipótese experimental e aceitar a hipótese nula, mantendo, dessa forma, a distinção entre *posição final absoluta e posição final diante de pausa*, por ser esta significativa³⁰.

Apresentamos, na Tabela 8, os resultados desta nova rodada com o amalgamento das duas posições em questão em favor da *posição final absoluta*. Observamos que a *posição medial* continua a ser a *posição* que mais favorece (.62) o fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva. Nesta rodada, retiramos os dados referentes ao caso de *posição final de palavra diante de vogal* por constituírem casos de ressilabificação, com apenas três ocorrências de palatalização diante de vogal (retomaremos este fator na pág. 145).

³⁰ A técnica de aplicação do cálculo *qui-quadrado* para o teste de significância de fatores em uma variável foi apresentada pelo Prof. Dr. Gregory Guy em comunicação pessoal.

TABELA 8 Influência da Variável Posição na Sílabas para a Palatalização da Coronal Anterior Implosiva (fatores amalgamados)

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
medial	956/1121	85	.62
final absoluta	179/272	66	.40
final diante de consoante	475/773	61	.36
TOTAL	1610/2166	74	

A posição *final absoluta* e a posição *final diante de consoante* distanciam-se significativamente da *posição medial* em termos de frequência (66% e 61%, respectivamente, em comparação à 85%) e peso relativo (.40 e .36, respectivamente, em comparação à .62), porém aproximam-se entre si. A probabilidade de a *posição final diante de consoante* favorecer o fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva é praticamente a metade da probabilidade de a *posição medial* favorecer o mesmo fenômeno, ou seja, reduz-se consideravelmente naquela posição.

Embora não seja o objetivo principal do presente estudo apresentar uma descrição do fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva à luz da *Teoria da Sílabas*, propomos algumas informações essenciais a respeito da mesma, a fim de que nos auxiliem a avaliar resultados significativos da variável *posição na sílabas*.

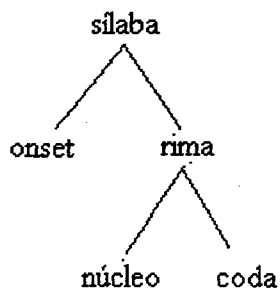
A sílaba

A sílaba tem sido tradicionalmente vista, segundo Mattoso Camara Jr. (1977: 43), como composta por um movimento de ascensão, ou crescente, culminando num ápice, seguido por um movimento decrescente. A estrutura da sílaba depende deste ápice ou centro silábico, ocupado pela vogal, e do possível aparecimento da fase crescente e da fase decrescente nas suas margens.

Goldsmith (1990: 108) refere-se a estas três subpartes da sílaba como *onset* (*ataque*), ocupado por zero ou mais consoantes; *núcleo*, ocupado por uma vogal e *coda*, ocupada por zero ou mais consoantes.

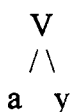
O *núcleo* constitui a subparte obrigatória da sílaba e é precedido por um *ataque* consonantal opcional e seguido por uma *coda* consonantal opcional. O núcleo mais a coda estão mais estreitamente ligados do que o ataque mais o núcleo. Consequentemente, formam um sub-constituente adicional chamado *rima*, conforme a figura XVIII.

(XVIII)



A estrutura da sílaba é uma estrutura hierárquica organizada no *camada do esqueleto*. Tal afirmação significa que se uma vogal está no núcleo ou se uma consoante está no *ataque*, a vogal está, na verdade, associada a uma posição no esqueleto em uma posição de núcleo ou que a consoante está associada a uma posição no esqueleto em uma posição de *ataque*. Porém, se dissermos que há apenas uma posição no núcleo, não eliminamos a possibilidade de que mais de um auto-segmento se associe a ela, conforme mostra a figura XIX (Goldsmith 1990 :109).

(XIX)



O *núcleo* é o único constituinte obrigatório na sílaba. A fim de ilustrar tal afirmação, Kenstowicz (1994: 253) menciona um dos inventários silábicos mais primitivos e também um dos mais comuns às várias línguas do mundo - {CV, VC, V, CVC} - o qual possui como único fator constante - a vogal nuclear V. O *status* especial do núcleo também é mostrado em seu papel como o elemento que carrega o tom e o acento, os quais são imediatamente reposicionados se o núcleo vocálico é apagado. Porém, a perda do ataque ou da coda não modifica a sílaba e, portanto, não reposiciona o acento ou o tom.

O ataque e a rima podem receber vários elementos, diferentemente do núcleo, o qual possui apenas uma posição. A perspectiva mais corrente sobre a ordem dos segmentos

dentro do ataque e dentro da coda baseia-se na *sonoridade* inerente de um segmento. Assim, estabeleceu-se o *Princípio de Sonoridade*, segundo o qual a) o material segmental no ataque da sílaba deve estar arranjado em uma ordem linear de aumento de sonoridade do início da sílaba para o núcleo da sílaba; b) de modo inverso, o material segmental na coda de uma sílaba deve estar arranjado em uma ordem linear de diminuição de sonoridade, a partir da vogal nuclear para o segmento final da sílaba (*op. cit.*, pág. 110).

Segundo o Princípio de Sonoridade acima exposto, a sonoridade é maior no centro e menor à medida que se aproxima de seus limites, o que nos leva a concluir que toda a sílaba possui um pico de sonoridade.

Dessa forma, Goldsmith (*op. cit.*, pág. 111) propõe uma *hierarquia de sonoridade*, entendida como um alinhamento em escala que reflete o grau de abertura do aparato vocal durante a produção do som, ou a quantidade relativa de energia produzida durante a produção do mesmo. Acrescenta, adiante, que talvez seja um alinhamento motivado por tais noções, mas distinto das mesmas³¹. De modo geral, a hierarquia de sonoridade apresenta-se conforme a figura XX abaixo:

³¹ "Roughly speaking, it (sonority) is a ranking on a scale that reflects the degree of openness of the vocal apparatus during production, or the relative amount of energy produced during the sound - or perhaps it is the ranking that is motivated by, but distinct from, these notions." (Goldsmith 1990: 110-1)

(XX)

Vogais
 baixas
 médias
 altas
 Glides
 Líquidas
 Nasais
 Obstruintes
 fricativas
 africadas
 oclusivas

Clements (1989: 14-5) propõe uma escala de sonoridade universal baseada nas especificações de um determinado segmento para os seguintes traços de sonoridade: *sonorante*, *aproximante* e *vocóide*. O traço [+ sonorante] possui uma amplitude maior e formantes mais bem definidos, o que resulta em maior proeminência se comparado à [- sonorante]. O traço [+ aproximante] define sons produzidos com uma constrição do trato oral aberta o suficiente, de forma que o fluxo de ar através dele seja turbulento apenas se for surdo. São as líquidas, os glides e as vogais. O traço [vocóide] constitui uma reformulação apropriada do correlato fonético de [consonantal] (*op. cit.*, pág. 15).

O valor positivo de cada traço de sonoridade, somado aos outros idênticos, fornece um valor *x* que representa a sonoridade relativa de um determinado som. Assim, a posição de qualquer segmento na escala de sonoridade torna-se equivalente à soma de especificações “+” de seus traços de sonoridade, conforme apresenta a Tabela 9.

Tabela 9 Somatória das Especificações “+” dos Traços dos Segmentos

	obstruinte	nasal	líqüida	vocóide
vocóide	-	-	-	+
aproximante	-	-	+	+
sonorante	-	+	+	+
	0	1	2	3

Por exemplo, no vocábulo *mesmo* teríamos a seguinte descrição de proeminência relativa dos sons que compõem o vocábulo: **M E S M O** .

1	3	0	1	3

Os números mais altos indicam a ocorrência de uma sílaba, cujos limites estão nos números relativamente mais baixos.

As regras fonológicas segmentais são sensíveis à estrutura da sílaba de três formas (Goldsmith 1990: 112):

1- As regras fonológicas podem ser condicionadas para aplicação a um segmento, quando a estrutura da sílaba do segmento satisfaz uma condição. Por exemplo, as sílabas que contém

uma consoante na coda acabam por promover o relaxamento da vogal que antecede esta consoante. São as *sílabas fechadas*.

2- Uma regra fonológica pode ser condicionada para aplicação a um segmento, somente se este segmento estiver em um local específico na sílaba. Por exemplo, o tipo mais comum de restrição deste tipo envolve processos que se aplicam somente a segmentos na coda de uma sílaba e não a segmentos no ataque.

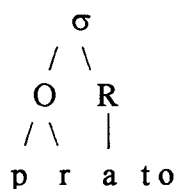
3- As regras segmentais podem ser sensíveis à estrutura da sílaba, quando consideramos as regras de epêntese e apagamento.

Segundo Newman (1972 *apud* Goldsmith 1990: 113), as línguas freqüentemente dividem as sílabas em dois tipos - as chamadas *sílabas leves* e as *sílabas pesadas*.

As sílabas leves possuem um lugar na rima e as sílabas pesadas, dois ou mais lugares na rima, conforme a figura XXI.

(XXI)

Sílaba leve



Sílaba pesada



Afirma ainda o autor que os sistemas de acento geralmente designam o local do mesmo com base no peso da sílaba, a qual é definida por si só, somente em termos da composição da rima. Assim, as sílabas pesadas apresentam uma tendência a atrair o acento.

As sílabas pesadas são de especial interesse para nós, uma vez que nosso estudo envolve apenas este tipo de sílaba. Assim, procuramos analisar em qual das posições em discussão encontramos a maior frequência de ocorrência do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda. Os resultados, apresentados na Tabela 10, onde amalgamamos os fatores em favor do acento de palavra, apontam para uma maior concentração de dados (1191) para as coronais anteriores tônicas, confirmando assim o exposto acima no que diz respeito à tendência das sílabas pesadas em atrair o acento. De modo inverso, as sílabas pesadas não acentuadas, caracterizadas como pós-tônicas, apresentam o menor número de dados (162).

A análise do *corpus* parece concordar ainda com a afirmação de Massini-Cagliari (1992:129) a respeito da maioria das palavras paroxítonas em português: “todas as palavras cuja penúltima sílaba for pesada são paroxítonas”.

TABELA 10 Tabulação Cruzada entre os Fatores da Variável Posição na Sílabas e da Variável Tonicidade

	coda final absoluta	coda diante de ataque consonantal da palavra seguinte	coda dentro do vocábulo	TOTAL
tônico	117/168 = 70%	354/568 = 60%	341/437 = 78%	812/1191 = 68%
pré-tônico	1/1 = 100%	3/3 = 100%	614/683 = 90%	618/687 = 90%
pós-tônico	42/78 = 54%	56/83 = 67%	1/1 = 100%	99/162 = 61%
TOTAL	179/272 = 66%	475/793 = 61%	956/1121 = 85%	

$X^2 = 2720.902$
significância = .000

A maior frequência de ocorrência do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda (sem considerar os casos de *knockout*, os quais apresentam poucos dados) está na posição de *coda dentro do vocábulo pré-tônica* (90%). Tal resultado parece apontar para o fato de que, em nossos dados, a relação entre sílabas pesadas acentuadas e palatalização da coronal anterior em posição de coda não é direta, isto é, não podemos afirmar que as maiores frequências envolvendo o fenômeno de palatalização da coronal anterior ocorram em ambientes tônicos.

Os resultados da Tabela 7 apontam para a quase inexistência de variação da pronúncia da coronal anterior diante de vogais (.01), fato que evidencia a afirmação de que

as coronais anteriores em posição de coda, diante de vogal, passam a ocupar a posição de ataque da sílaba seguinte. Assim, temos que VC # V silabificam como V. C # V, devido à alguma regra pós-lexical.

No entanto, a presença de três casos de palatalização da coronal anterior diante de vogal (qui[ʒ] arrumar; ma[ʒ] os; ma[ʒ] assim) em nossos dados, tendem a desconfirmar a afirmação de que a consoante em estudo, assumindo a posição de ataque em decorrência da ressilabificação, não está mais sujeita à variação de pronúncia comum à posição de coda.

Neste sentido, Kenstowicz (1994: 282) apresenta um dos casos do espanhol em que a regra afeta a coda consonantal e é mantida na ressilabificação. Assim, no processo de aspiração da coronal anterior em posição de coda diante de vogal, tem-se: *tienes espacio como tiene. [h]e[h]. pacio*

Segundo o autor (*ibidem*), tais casos, em que temos a aplicação de regras sensíveis à coda para seqüências VC # V, servem como uma pista indicativa da relação de divisão da palavra.

Assumimos, no entanto, que tal questão merece maior aprofundamento em estudos que adotem pressupostos fonológicos lexicais e pós-lexicais, o que pretendemos realizar em estudos futuros.

Tipo de Item Lexical

A variável tipo de item lexical é a sétima selecionada na análise progressiva *step up*. A importância de cada fator que compõe a variável para a produção do fenômeno em estudo é apresentada na Tabela 11.

TABELA 11 Influência da Variável Tipo de Item Lexical para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
dois	28/31	90	.90
substantivo	445/524	85	.52
verbo na 2a. pessoa do singular	16/19	84	.78
verbos	462/547	84	.47
adjetivo	28/34	82	.33
outros numerais	71/89	80	.71
nós	57/74	77	.64
seis	13/17	76	.74
nomes próprios	37/130	67	.50
mas	84/134	63	.38
advérbio	122/201	61	.46
mesmo	68/117	58	.31
mais	125/227	55	.54
outros (pronomes, conjunções)	5/22	23	.12
TOTAL	1610/2166	74	

Podemos notar, na Tabela 11, que os pesos relativos mais altos referem-se aos fatores que apresentam um número pouco significativo de dados, a saber *dois* (.90), *verbos na 2ª. pessoa do singular* (.78), *seis* (.74).

Tal diferença no número de dados levou-nos a distribuí-los em duas tabelas - a Tabela 11A com fatores que apresentam um número significativo de dados e a tabela 11B com fatores que apresentam poucos dados - a fim de facilitar nossa análise.

TABELA 11A Influência da Variável Tipo de Item Lexical para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda (fatores com número de dados significativo)

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
substantivo	445/524	85	.52
verbo	462/547	84	.47
outros numerais	71/89	80	.71
nós	57/74	77	.64
nomes próprios	87/130	67	.50
mas	84/134	63	.38
advérbios	122/201	61	.46
mesmo	68/117	58	.31
mais	125/227	55	.54

Os resultados da Tabela 11A não confirmam nossa hipótese inicial a respeito do maior índice de palatalização para os itens lexicais *nomes próprios* e *verbos* e, conseqüentemente, diferem dos resultados apresentados pelo artigo de Scherre & Macedo (1989:177).

O item lexical *outros numerais* apresenta-se como o mais favorecedor do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda, muito embora apresente a terceira maior freqüência de ocorrência do mesmo (80%). Já o item *substantivos*, com a maior freqüência de favorecimento do fenômeno (85%), tem seu peso relativo reduzido para .52, o que denota grande distribuição deste fator pelos outros fatores das outras variáveis em estudo. Tal fator localiza-se ainda um pouco abaixo de *mais* (.54) e de *nomes próprios* (.50)

Os itens *verbos* (.47) e *advérbios* (.46) apresentam pesos relativos praticamente idênticos, porém afastam-se quanto à freqüência de favorecimento da palatalização da coronal anterior em posição de coda (84 % para os verbos e 61% para os advérbios).

Entre os itens menos favorecedores do fenômeno em termos da análise de seus pesos relativos estão *mas* (.38) e *mesmo* (.31). Porém, a análise baseada em suas freqüências não acompanha tais resultados, pois *mas* apresenta-se palatalizado em 63% dos casos e *mesmo*³² em 58% dos casos³³.

³² Os itens que menos favorecem o fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva são exatamente os que mais favorecem seu apagamento, a saber:

	apagamento	palatalização
<i>mesmo</i>	.88	.31

O enviesamento observado na Tabela 11 A é consequência do cruzamento desta variável, principalmente com as variáveis *sonoridade*, *posição na sílaba*, *contexto precedente e tonicidade* (ver Anexo I).

Considerando, inicialmente, apenas os dados da tabela 11 A, observamos durante o desenvolvimento dos níveis da análise progressiva *step up*, que a variável sonoridade, selecionada no nível 1, afeta principalmente o peso relativo do fator *mesmo*, devido ao fato de que após a consoante palatalizada encontramos sempre a consoante *sonora labial*.

Já a variável *posição na sílaba*, selecionada no nível 3, afeta principalmente os fatores *mais* e *mas*, os quais nunca ocorrem em *posição de coda dentro do vocábulo* mas principalmente em *posição de coda final absoluta* (83% dos casos de *mas* e 69% dos casos de *mais*). O fator *mesmo* também sofre uma queda em seu peso relativo, devido a sua concentração total na *posição de coda dentro do vocábulo*. No caso do fator *nós*, o qual nunca ocorre em *posição de coda dentro do vocábulo*, apresenta-se de forma equilibrada em *posição de coda final absoluta* (88% dos casos palatalizados) e em *posição de coda diante de ataque consonantal* (76% dos casos palatalizados).

A variável *tonicidade*, selecionada no nível 9, afeta principalmente os itens *substantivo* e *nomes próprios*, os quais têm seus pesos relativos aumentados devido a maior

mas	.85	.38
advérbio	.62	.46

³³ Os resultados apresentados por Scherre & Macedo (1989:177) para os fatores *nós* (.61) e *mais* (.56) referentes à cidade do Rio de Janeiro assemelham-se muito aos nossos resultados para os mesmos fatores, conforme os resultados da Tabela 11a.

distribuição dos fatores da variável *tonicidade* entre tais itens, isto é, encontramos *substantivos tônicos palatalizados* (85%), *tônicos do grupo* (63%), *pré-tônicos* (91%), *pré-tônicos do grupo* (82%), *pós-tônicos* (60%) e *pós-tônicos do grupo* (57%). Não temos nenhum dado para os *substantivos e nomes próprios átonos* pois o fator *sílaba átona* é preenchido apenas pelo item *mas* (cf. pág. 128-130).

Com relação aos *nomes próprios palatalizados*, verificamos que existem casos *tônicos* (74%), *tônicos do grupo* (50%), *pré-tônicos* (91%), *pré-tônicos do grupo* (100%), *pós-tônicos* (47%) e *pós-tônicos do grupo* (63%).

Trataremos a relação entre a variável *contexto precedente* e a variável *tipo de item lexical* na próxima seção.

Passemos à análise dos dados da Tabela 11B.

TABELA 11 B Influência da Variável Tipo de Item Lexical para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda (fatores com número de dados não significativo)

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
dois	28/31	90	.90
verbos 2a. pessoa do singular	16/19	84	.78
adjetivos	28/34	82	.33
seis	13/17	76	.74
outros (pronomes, conjunções etc)	5/22	23	.12

Os resultados da Tabela 11B apontam para a tendência do item *dois* (.90) em ser o maior favorecedor do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda. Em seguida, temos os *verbos na 2ª. pessoa do singular* (.78), o item *seis* (.74), os quais apontam para pesos relativos de favorecimento do fenômeno bastante próximos.

Os itens que apresentam tendências a menos favorecer o fenômeno em estudo são os *adjetivos* (.33), embora possuam uma frequência de favorecimento elevada (82%) e o item *outros* (conjunções, pronomes etc) (.12).

Observamos durante o desenvolvimento dos níveis da análise progressiva *step up* (ver Anexo II), que a variável *traço [voz]*, selecionada no nível 1, afeta principalmente o peso relativo dos fatores *adjetivos* e *seis*. O fator *adjetivos* tem seu peso relativo diminuído consideravelmente devido à quase totalidade de concentração dos casos que apresentam palatalização diante do *traço [-voz]* (88%). O fator *seis*, de modo inverso, tem seu peso relativo aumentado, devido a maior distribuição de casos palatalizados pelos traços [+voz] (63%), [-voz] (100%) e pelo fator *zero* (88%).

Passemos, então, à análise da influência do *contexto precedente* para a palatalização da coronal anterior em posição de coda, quando também trataremos da questão sobre a supressão da semivogal diante de palatais para os itens *dois*, *seis* e *mais*.

Contexto Precedente

A variável contexto precedente surge como a oitava variável selecionada na análise progressiva *step up*.

Os resultados da Tabela 12 parecem refutar nossa hipótese inicial, a respeito da maior ocorrência de palatalização da coronal anterior implosiva após *vogais coronais*. A *vogal dorsal* (.63) surge como a maior favorecedora do fenômeno de palatalização

da coronal anterior em posição de coda, sendo seguidas pelas *vogais labiais* (.58) e pelas *vogais coronais* (.50).

TABELA 12 Influência da Variável Contexto Precedente para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda³⁴

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
vogais labiais [u, o, ɔ]	338/401	84	.58
vogais coronais [i, e, ε]	753/943	80	.50
vogal dorsal [a]	222/288	77	.63
semivogal labial [w]	17/30	57	.30
semivogal coronal [y]	280/504	56	.37
TOTAL	1610/2166	74	

A fim de reagrupar de uma forma mais econômica os fatores da variável em questão, procuramos testar a significância do amalgamento do fator *semivogal coronal* e

³⁴ As vogais nasais foram codificadas de acordo com o traço correspondente, devido ao pequeno número de dados. Temos, portanto:

nasal labial	11/20	55%
nasal coronal	7/20	35%
nasal dorsal	2/20	10%

semivogal labial aos fatores *vogal coronal* e *vogal labial*, respectivamente. Para tanto, lançamos mão novamente do teste de significância qui-quadrado.

Já sabemos que o *log likelihood* do nível mais significativo da rodada padrão é de -971.528. Amalgamando os fatores mencionados acima, realizamos uma outra rodada obtendo o *log likelihood* de -981.292, um valor absoluto maior do que o anterior e, portanto, considerado menos significativo que o mesmo. Diante disso, optamos por não realizar o amalgamento mencionado.

Os resultados provenientes da análise por peso relativo, apresentados na Tabela 12, não recebem, no entanto, o mesmo tratamento na análise baseada em frequências, cujo resultado posiciona as *vogais labiais* (84%) e *coronais* (80%) como as maiores favorecedoras do fenômeno, sendo seguidas pela *vogal dorsal* (77%).

Tal fato nos leva a indagar qual seria o motivo do enviesamento nestes resultados. Observando o desenvolvimento destes fatores por nível, na análise progressiva *step up* (ver Anexo III), percebemos que o peso relativo do fator *vogal dorsal*, juntamente com o peso relativo do fator *semivogal coronal* aumentam, consideravelmente, quando ocorre a conjugação desta variável com as variáveis *traço [voz]* e *posição na sílaba*. No que se refere ainda à *vogal dorsal*, seu peso relativo continua a subir quando ocorre a conjugação da variável *contexto precedente* com a variável *tipo de item lexical*, no nível 8. Analisando tal conjugação mais detalhadamente, notamos que a vogal [a] possui uma ampla distribuição pelos itens lexicais em estudo, sendo ausente apenas nos itens *mesmo*, *dois*,

adjetivos e seis. Esta melhor distribuição do fator pelos itens parece contribuir para que seu peso relativo suba.

O peso relativo e a frequência favorecedores do fenômeno em estudo, apresentados pelas *vogais labiais*, parecem apontar para a ocorrência de um fenômeno acústico. A consoante palatal em posição de coda parece surgir como consequência da continuação da labialização da vogal que a antecede. Isto ocorre porque a característica acústica da palatal é possuir frequências baixas no espectro acústico, enquanto que a coronal anterior apresenta frequências bem mais altas (*cf.* Cap.1, item 1.1, pág. 7). Assim, o efeito da labialização seria o de cortar frequências altas. Embora o objetivo de nossa análise atual não seja um estudo acústico do fenômeno, assumimos a intenção de testar tal hipótese em um próximo trabalho sobre o assunto.

A tabulação cruzada entre as variáveis *tipo de item lexical e contexto precedente* permitiu-nos testar nossa hipótese sobre a ocorrência do processo de supressão da semivogal diante de palatais para os itens *seis, dois e mais*. Para o item *seis*, nossos dados não apresentam nenhum caso de supressão da semivogal, ou seja, os 13 dados que apresentam a variante palatal em posição de coda ocorrem após uma *semivogal coronal*. Já para o item *dois*, os 4 casos em que a *semivogal coronal* é suprimida ocorrem diante da variante *palatal* em posição de coda (100% dos casos), fato também observado com relação ao item *mais*, pois dos 26 casos em que há supressão da *semivogal coronal*, 23 ocorrem diante de consoante *palatal* em posição de coda (88%).

Embora o número de dados seja insuficiente para realizarmos afirmações seguras, os resultados parecem apontar para a existência de uma relação estreita entre a supressão da *semivogal coronal* e o fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda para os itens *dois e mais*.

Contexto Seguinte

A variável *contexto seguinte* é a décima e última selecionada pela análise progressiva *step up*. De todas as variáveis que compõem a presente pesquisa, esta parece ser, estatisticamente, a menos significativa, sendo eliminada pela análise regressiva *step down* em dois momentos: quando retiramos da rodada a variável social *contato externo* e quando subdividimos seus fatores de acordo com o traço [voz]. Neste último caso, a variável *traço [voz]* é selecionada pelo programa como relevante, mas a variável *contexto seguinte*, cujos fatores encontram-se separados pelos traços do ponto de articulação e [voz], é eliminada.

Na Tabela 13, podemos notar que há uma diferença considerável entre o número de dados dos fatores que compõem a variável *contexto seguinte*. O fator *coronal* possui praticamente o dobro do número de dados do fator *labial*; três vezes o número de dados do fator *dorsal* e quatro vezes o número de dados do fator *zero*.

Os resultados apontam para as consoantes *dorsais* como maiores favorecedoras do fenômeno em estudo (.58), fato que vem a refutar nossa hipótese inicial sobre a maior ocorrência de palatalização da coronal anterior diante das consoantes coronais, assim como também discorda dos resultados apresentados por Gryner & Macedo (1981: 136).

TABELA 13 Influência da Variável Contexto Seguinte para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
dorsal [k, g, x]	276/322	86	.58
coronal [t, d, n, l]	777/1028	76	.45
labial [p, b, m, f, v]	378/542	70	.54
zero	179/272	66	.55
TOTAL	1610/2166	74	

A queda observada no fator *coronal* ocorre já no nível 2 da análise progressiva *step up*, quando a variável *contexto seguinte* entra em conjugação com a variável *traço [voz]*. Atribuímos tal queda do peso relativo à maior concentração de casos de palatalização diante de *coronais surdas* ($649/742 = 87\%$). É justamente nesta etapa que ocorre o enviesamento nos resultados, com o aumento significativo do fator *labial*.

A frequência para o fator *zero* equivale exatamente à frequência para o fator *posição final absoluta* da variável *posição na sílaba* (ver Tabela 8), apresentando o segundo peso relativo mais alto da Tabela 13, com relação ao favorecimento da palatalização da coronal anterior em posição de coda.

Ainda analisando a relação entre esta variável e o *contexto seguinte*, realizamos duas outras rodadas, uma envolvendo apenas o fator *posição de coda dentro do vocábulo* e outra, envolvendo apenas o fator *posição de coda diante de ataque consonantal*. No primeiro caso, a variável *contexto seguinte* é eliminada pela análise regressiva *step down* e, no segundo caso, é selecionada, apontando as consoantes *dorsais* como maiores favorecedoras do fenômeno de palatalização em posição de coda.

5.3.2 Variáveis Sociais

Sexo

A variável *sexo* foi a segunda selecionada pela análise progressiva *step-up* e a primeira entre as variáveis sociais. Os resultados apresentados na Tabela 14 confirmam nossa hipótese inicial sobre a maior incidência de palatalização entre as mulheres.

Tabela 14 Influência da Variável Sexo para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
feminino	851/1087	78	.60
masculino	759/1079	70	.40
TOTAL	1610/2166	74	

A maior incidência de palatalização para o sexo *feminino* parece estar relacionada ao processo de socialização das mulheres, principalmente nas regiões estudadas. Com uma vida social menos intensa e mais voltada para o lar, assumem uma atitude conservadora, garantindo a manutenção da tradição e de costumes do passado dentro da família. Acreditamos, portanto, que esta postura se reflita na preferência inconsciente pelo uso da variante palatal em posição implosiva, caracteristicamente açoriana.

Ao realizarmos a rodada considerando apenas o fator *feminino*, notamos que a única variável eliminada pela análise regressiva *step down*, como estatisticamente não relevante, foi o *tipo de item lexical*. Já a rodada realizada apenas com o fator *masculino*, revela a irrelevância estatística, para a produção do fenômeno em questão, das variáveis *contexto precedente*, *escolaridade*, *tonicidade* e *contato externo*. A variável *contexto seguinte* não foi selecionada como estatisticamente relevante e nem eliminada na análise regressiva *step-down*, o que revela seu *status* estatístico indefinido (conforme aponta Sankoff, 1988).

Contato Externo

A variável *contato externo*, quarta selecionada pelo programa entre as variáveis independentes, e segunda entre as variáveis sociais, apresenta uma distribuição não balanceada pelas regiões em estudo, conforme mostra a Tabela 15 a seguir.

Tabela 15 Distribuição dos Fatores da Variável Contato Externo pelas Regiões em Estudo

	TOTAL	PARCIAL	NENHUM
FLORIANÓPOLIS	12	0	0
FREGUESIA	2	4	6
SERTÃO	1	4	3

Esta irregularidade na distribuição dos fatores pelas regiões, levou-nos a retirar a variável *região* da rodada, a fim de que pudéssemos analisar a interferência da variável *contato externo*, sem prováveis enviesamentos. A Tabela 16 apresenta os resultados obtidos em termos de frequência e peso relativo.

Tabela 16 Influência da Variável Contato Externo para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
total	830/1085	76	.55
parcial	402/536	75	.51
nenhum	378/545	69	.39
TOTAL	1610/2166	74	

Os resultados da Tabela 16 apontam uma maior incidência do fenômeno em estudo para os indivíduos que mantêm um grau de interação sócio-cultural maior, ou seja, aqueles que mantêm contato externo do tipo *total* (.55) e *parcial* (.51). Desse modo, nossa hipótese inicial sobre a diminuição de incidência da palatalização da coronal anterior implosiva para os indivíduos incluídos nessa categoria é refutada.

O fator contato externo do tipo *nenhum* engloba os indivíduos que menos produzem o fenômeno em questão (.39).

Os resultados apontam para o fato de que a menor interação sócio-cultural está relacionada à menor incidência de palatalização da coronal anterior implosiva e a maior interação sócio-cultural, de forma oposta, à maior incidência do mesmo.

Causa-nos estranheza que os indivíduos do *Sertão* e da *Freguesia*, de maneira geral, sejam os que menos palatalizem a coronal anterior implosiva, já que são justamente estes os que menos contato têm com turistas e com pessoas provenientes de outras localidades do país, constituindo, portanto, o grupo com mais condições propícias à manutenção das tradições açorianas.

A maior incidência de palatalização apresentada pelos indivíduos que mantêm o tipo de contato externo *total* parece estar relacionada ao processo de valorização das tradições culturais da Ilha, desencadeado nos últimos anos, em reação à crescente presença de pessoas provenientes de outras partes do país (notadamente do Rio Grande do Sul e de

São Paulo). Este novo contingente populacional trouxe consigo traços culturais peculiares, os quais passaram a ser introduzidos e assimilados pelo povo ilhéu. Desse modo, com a ameaça da perda de sua identidade, o ilhéu reage de forma a protegê-la, resgatando elementos mais tradicionais de sua cultura³⁵.

Este processo de valorização da cultura e tradições do povo ilhéu, apresenta características muito semelhantes ao processo apontado por Labov (1966) na Ilha de Martha's Vineyard (*cf.* pág. 118) onde a alta centralização da vogal dos ditongos decrescentes [ay] e [aw] parece estar correlacionada com expressões de forte resistência à incursão de veranistas.

Com o objetivo de verificar a correlação entre as variáveis *sexo* e *contato externo*, realizamos o cruzamento das mesmas, cujo resultado é apresentado na Tabela 17 a seguir.

³⁵ Além da criação do troféu “Manezinho da Ilha” (conforme mencionado na pág. 79), nas últimas eleições para prefeito do município, foi utilizada a figura do “manezinho” como forma de estabelecimento da identidade de um determinado candidato com o eleitorado ilhéu.

Tabela 17 Cruzamento entre as Variáveis Sexo e Contato Externo

	FEMININO			MASCULINO		
	Aplic./Total	%	P.Rel.	Aplic./Total	%	P.Rel.
Total	416/513	81	.62	414/572	72	.48
Parcial	181/206	88	.82	221/330	67	.29
Nenhum	254/368	69	.39	124/177	70	.42
Total	851/1087	78		759/1079	70	

Ao analisarmos os resultados da Tabela 17, observamos que as mulheres que mantêm um tipo de contato externo *parcial* são as que apresentam maior ocorrência de palatalização da coronal anterior implosiva (.82), fato que entra em concordância com o resultado apresentado na Tabela 16, ou seja, as mulheres que ainda mantêm vínculos com a vida social de sua comunidade, seja o Sertão ou a Freguesia, mesmo não sendo o tempo todo (contato externo do tipo parcial), produzem a pronúncia característica do local.

Nota-se também maior polarização para o tipo de contato *parcial* (.82 para mulheres e .29 para homens) e uma diferença praticamente insignificante para o contato do tipo *nenhum* (.39 para mulheres e .42 para homens).

De forma inversa ao que ocorre às mulheres, os homens com contato *total* são os que mais palatalizam, sendo seguidos pelos que apresentam contato *nenhum* e *parcial*. Porém, os pesos relativos apresentam valores de favorecimento bastante baixos em relação aos valores obtidos para as mulheres.

Região

Região foi a quinta variável independente, e a terceira social, selecionada pela análise progressiva *step-up*.

Nossa hipótese inicial sobre o predomínio da variante palatal nas três regiões em estudo - *Florianópolis, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão da Ilha* - sobre a variante coronal anterior é parcialmente refutada, segundo os resultados da Tabela 18.

Tabela 18 Influência da Variável Região para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda³⁶

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
Freguesia	638/819	78	.56
Florianópolis	639/851	75	.51
Sertão	333/496	67	.38
TOTAL	1610/2166	74	

As regiões da *Freguesia* e de *Florianópolis* apresentam resultados bastantes próximos, em termos de favorecimento da presença da variante palatal, tanto em relação à frequência (78% e 75%, respectivamente), quanto ao peso relativo (.56 e .51, respectivamente). Já a análise da frequência e peso relativo referentes à região do *Sertão*, mostra resultados discordantes a este respeito, pois enquanto a frequência (67%) favorece estatisticamente a presença da variante palatal, seu peso relativo a desfavorece (.38).

Embora esperássemos encontrar maior incidência de palatalização na região do *Sertão* em comparação à região da *Freguesia*, e que tal incidência fosse ainda maior do que em *Florianópolis*, os resultados obtidos e expressos na Tabela 18 apontam para uma situação exatamente oposta, ou seja, a região mais isolada (*Sertão*) possui menor incidência

³⁶ Para a realização desta rodada, eliminamos a variável *tipo de contato externo* no arquivo de condições.

de palatalização em comparação à Freguesia e Florianópolis, as quais apresentam praticamente a mesma incidência de ocorrência do fenômeno.

Para entendermos melhor tais resultados, é necessário que retomemos nossas anotações referentes ao trabalho de campo realizado nas três regiões em estudo. Em primeiro lugar, observa-se que há uma diferença grande entre a atividade econômica principal do Sertão (agricultura e pecuária) em comparação à da Freguesia (pesca) e de Florianópolis (comércio, turismo, serviço público etc), bem como divergências quanto ao processo de identificação de seus moradores com a herança cultural da Ilha, como um todo.

Nesse sentido, observamos que a *Freguesia* surge como uma das comunidades mais tradicionais da Ilha de Santa Catarina. A população masculina pratica a pesca e alguns poucos ainda constroem embarcações artesanalmente. As mulheres, principalmente as mais velhas, confeccionam rendas de bilro e dedicam-se basicamente à família e à manutenção dos costumes religiosos de seus antepassados. Enquanto *Florianópolis* desenvolve, de forma crescente, o processo de valorização da cultura ilhoa, aproximando-se, nesse sentido, cada vez mais da *Freguesia*, o *Sertão* dá mostras de que sua identificação com a própria localidade é muito mais forte do que sua identificação com o aspecto tradicional da Ilha.

Os interesses desta pequena comunidade giram em torno, basicamente, da agricultura e criação de animais para subsistência e das relações de parentesco estabelecidas também no local. Não praticam a pesca e muitos deles raramente “descem o

morro” para dirigirem-se à Freguesia ou até o centro de Florianópolis. A ausência total de pessoas de outras localidades do país residindo no *Sertão*, bem como a dificuldade de acesso à comunidade, parecem garantir seu isolamento, constituindo a barreira física ao engajamento de seus moradores no processo acima descrito.

Informações fornecidas pelos moradores mais idosos do *Sertão*, levaram-nos a formular a hipótese de que a motivação para o deslocamento de alguns descendentes de açorianos e portugueses para tal região distante do mar, ou seja, o desejo de praticar atividades como a criação de animais e a agricultura (e não a pesca), foi a principal responsável pelo distanciamento observado hoje em relação às outras regiões da Ilha.

Dessa forma, enquanto podemos estabelecer uma relação de correspondência entre os habitantes da *Freguesia* e de *Florianópolis* com os pescadores da Ilha de Martha's Vineyard (Labov 1966), no sentido de que são estes os grupos a apresentar sentimentos positivos em relação à tradição da localidade em que vivem, não podemos fazer o mesmo em relação aos habitantes do *Sertão* e os outros grupos analisados por Labov. Esses dividem-se, de maneira geral, entre os que desejam identificar-se com o grupo mais tradicional e os que desejam deixar a Ilha de Martha's Vineyard; no entanto, os moradores do *Sertão* possuem uma identidade própria, a qual, atualmente, não sofre nenhum tipo de influência consistente, seja por parte de veranistas, seja por parte de pessoas de fora que tenham transferido residência para o *Sertão*³⁷. Além disso, com a abertura da estrada

³⁷ Segundo o etnólogo Prof. Nereu do Vale Pereira, as poucas comunidades da Ilha que apresentam tais características são indiferentes ao processo de valorização da cultura e tradição da Ilha.

ligando o Sertão à Freguesia, houve um decréscimo bastante significativo do número de migrantes para outras áreas do município.

Apesar do quadro apresentado sobre o movimento recente de valorização das tradições ilhoas, o qual justifica, portanto, o favorecimento da ocorrência do fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva para a região de *Florianópolis*, permanece sem resposta a questão relativa ao momento em que o *Sertão*, região mais isolada, reduziu consideravelmente a produção da variante palatal em posição de coda.

A fim de analisar a interação entre os fatores das variáveis *região* e *sexo*, realizamos uma outra rodada, contendo o cruzamento entre as mesmas. A Tabela 19 apresenta os resultados, os quais apontam para a maior incidência do fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva para a região da *Freguesia* (confirmando os resultados da Tabela 18) e para o sexo *feminino* (de acordo com os resultados da Tabela 14).

Tabela 19 Cruzamento entre as Variáveis Sexo e Região

	FEMININO			MASCULINO		
	Aplic./Total	%	P.Rel.	Aplic./Total	%	P.Rel.
Freguesia	338/413	82	.63	300/406	74	.48
Florianópolis	349/443	79	.58	290/408	71	.45
Sertão	164/231	71	.50	169/265	64	.29
Total	851/1087	78		759/1079	70	

Observamos ainda, nos resultados da Tabela 19 acima, que a ordem de favorecimento do fenômeno apresentada pelas regiões na Tabela 18 mantém-se ao lado da supremacia do sexo *feminino* no favorecimento do mesmo, ou seja, os maiores pesos relativos referem-se às *mulheres da Freguesia* (.63), *mulheres de Florianópolis* (.58) e *mulheres do Sertão* (.50). Seguindo esta hierarquia apresentada pelas regiões, tem-se como menos favorecedores do fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva, os *homens da Freguesia* (.48), os *homens de Florianópolis* (.45) e os *homens do Sertão* (.29).

Ao realizarmos rodadas por região, obtivemos resultados bastante diferenciados para cada uma delas, como também em relação ao resultado geral. Desse modo, para a região da *Freguesia*, a análise progressiva *step-up* selecionou:

- 1- Traço [voz]
- 2- Contato Externo
- 3- Contexto Precedente
- 4- Tonicidade
- 5- Sexo

Já para a região *Florianópolis* , o programa selecionou

- 1- Traço [voz]
- 2- Escolaridade
- 3- Contexto Seguinte
- 4- Sexo
- 5- Tonicidade

sendo que a variável *tonicidade* também foi eliminada na análise regressiva *step-down* e as variáveis *posição na sílaba*, *contexto precedente* e *tipo de item lexical* não foram nem selecionadas e nem eliminadas, fato que aponta para a necessidade de um estudo mais aprofundado dessas variáveis para esta região.

No caso da região *Sertão*, as variáveis selecionadas foram

- 1- Posição na Sílaba
- 2- Traço [voz]
- 3- Contato Externo
- 4- Contexto Precedente
- 5- Escolaridade

muito embora a variável *posição na sílaba* tenha sido também eliminada pela análise regressiva *step-down* e a variável *tonicidade* não tenha sido nem selecionada e nem eliminada.

As únicas variáveis selecionadas em comum pelas três regiões foram, portanto, o traço [voz] e o contato externo³⁸. A variável idade foi eliminada pela análise regressiva *step-down* em todas as regiões.

Escolaridade

A variável *escolaridade* foi a sexta selecionada pelo programa e a quarta na ordem de seleção das sociais.

Nossa hipótese inicial, sobre a maior incidência de palatalização da coronal anterior implosiva entre os mais escolarizados, como o observado para a cidade do Rio de Janeiro (Scherre & Macedo (1989), parece ser refutada, como apontam os resultados da Tabela 20

³⁸ O cruzamento entre as variáveis *região* e *tipo de contato externo* foi eliminado pela análise regressiva *step-down*.

Tabela 20 Influência da Variável Escolaridade para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
0 - 4 anos de estudo	632/811	78	.60
5 - 8 anos de estudo	621/858	72	.45
9 anos ou mais de estudo	357/497	72	.43
TOTAL	1610/2166	74	

Os indivíduos com nível *primário completo ou incompleto* apresentam o maior peso relativo (.60) e a maior frequência (78%) de ocorrência do fenômeno em questão. Já os indivíduos com *5 - 8 anos de estudo* e *9 anos ou mais de estudo* possuem frequências idênticas de favorecimento da palatalização da coronal anterior implosiva (72%) e pesos relativos também bastante próximos (.45 e .43 respectivamente).

Conforme o apresentado anteriormente, a variável *escolaridade* possui *status* diferenciado para cada uma das regiões em estudo. Devido a esse fato, realizamos o cruzamento entre estas duas variáveis para melhor entender tal relação. Os resultados são apresentados na Tabela 21.

Em Florianópolis, os indivíduos com *0-4 anos de estudo* palatalizam mais (.67) e a diferença estatística com relação à incidência do fenômeno para os indivíduos com *5-8 anos de estudo* e *9 anos ou mais de estudo* é insignificante (.45 e .40, respectivamente).

Tabela 21 Cruzamento entre as Variáveis Escolaridade e Região

	0 - 4 ANOS DE ESCOLARIDADE			5 - 8 ANOS DE ESCOLARIDADE			9 OU MAIS ANOS DE ESCOLARIDADE		
	aplic./total	%	P.Rel.	aplic./total	%	P.Rel.	aplic./total	%	P.Rel.
FREGUESIA	209/257	81	.57	245/320	77	.51	184/242	76	.57
FLORIANÓPOLIS	262/315	83	.67	204/281	73	.45	173/255	68	.40
SERTÃO	161/239	67	.42	172/257	67				
TOTAL	1610/2166	74							

Na Freguesia, nota-se que não há diferença estatística significativa entre os três níveis de escolaridade (*0-4 anos de estudo*, .57; *5-8 anos de estudo*, .51; *mais de 9 anos de estudo*, .57), fato que comprova a não seleção, por parte do programa, desta variável para tal região.

Os resultados para o Sertão, embora não apresentem diferença significativa, posicionam os indivíduos com *primário completo ou incompleto* como os que mais produzem o fenômeno em estudo (.42), seguidos de perto pelos indivíduos com *5-8 anos de estudo* (.37).

Realizamos, ainda, o cruzamento entre os fatores da variável *escolaridade* e da variável *sexo*, obtendo, para o sexo *feminino*, maior polarização entre os resultados máximos e mínimos, e uma diferença pouco significativa para o sexo *masculino*. Tais resultados são apresentados na Tabela 22.

Tabela 22 Cruzamento entre as Variáveis Escolaridade e Sexo

	FEMININO			MASCULINO		
	Aplic./Total	%	P.Rel.	Aplic./Total	%	P.Rel.
0- 4 anos	369/440	84	.77	263/371	71	.39
5 - 8 anos	301/399	75	.55	320/459	70	.36
mais de 9 anos	181/248	73	.41	176/249	71	.42
Total	851/1087	78	—	759/1079	70	

As *mulheres* com 0-4 anos de estudo apresentam maior favorecimento ao uso da variante palatal implosiva (.77), confirmando os resultados na Tabela 14 e da Tabela 20. O pólo oposto é ocupado pelas *mulheres* com mais de 9 anos de estudo (.41), fato que denota a manutenção da distinção de pronúncia da coronal anterior implosiva entre as mais escolarizadas e as menos escolarizadas.

Uma leitura horizontal aponta para a grande polarização existente entre *mulheres* e *homens* para o fator 0 -4 anos de estudo (.77 e .39, respectivamente) e uma menor diferença entre ambos os sexos para o fator 5-8 anos de estudo (.55 e .36, respectivamente).

Com relação ao nível de escolarização mais alto, *mais de 9 anos de estudo*, os resultados são praticamente idênticos para *mulheres* (.41) e *homens* (.42). Observamos, portanto, que à medida em que aumenta o nível de escolarização de homens e mulheres, ocorre a diminuição da diferença de aplicação do fenômeno em estudo entre eles, geralmente em direção ao desfavorecimento do uso da variante palatal. Tal fato nos leva a concluir que as *mulheres menos escolarizadas* são as grandes responsáveis pela manutenção da pronúncia tradicional da coronal anterior em posição de coda.

Embora os resultados apontem para o fato de que a palatalização da coronal anterior em posição de coda seja uma variante não portadora de prestígio, visto que os indivíduos menos escolarizados são os que a produzem com maior incidência, acreditamos que esta colocação mereça uma discussão mais cuidadosa.

O processo de valorização das tradições da Ilha, desencadeado principalmente nos últimos anos como uma reação ao grande afluxo de pessoas provenientes de outras partes do país, parece ainda não constituir regra na comunidade, mas um movimento crescente. Diante desse posicionamento, parece claro que *Florianópolis* apresente distinção de uso da variante entre os mais escolarizados e os menos escolarizados. Já no caso da *Freguesia*, onde a regra é a tradição, entende-se perfeitamente o equilíbrio de prestígio da variante palatal, observado pela insignificante diferença estatística entre os três níveis de escolarização estudados.

Idade

A variável *idade* foi a única variável independente a ser eliminada na análise regressiva *step-down*. No entanto, ao retiramos a variável *contato externo* ou a variável *região* da rodada, a variável *idade* passa a ser selecionada como a última estatisticamente relevante.

Embora tenha sido eliminada como estatisticamente não relevante em todas as rodadas realizadas por região (*cf.* pág.173), optamos por apresentar, na Tabela 23, os resultados obtidos quando ocorre sua seleção. Esses resultados tendem a confirmar nossa hipótese inicial sobre a ocorrência de maior índice de palatalização da coronal anterior implosiva na faixa mais jovem.

Tabela 23 Influência da Variável Idade para a Palatalização da Coronal Anterior em Posição de Coda

FATOR	APLIC./TOTAL	%	PESO RELATIVO
15 -30 anos	756/989	76	.53
mais de 31 anos	854/1177	73	.47
TOTAL	1610/2166	74	

Observamos que tanto a análise por frequência (76% e 73%), quanto a análise por peso relativo (.53 e .47) não apresentam diferenças significativas para as faixas etárias em estudo. Ainda assim, os mais jovens (15- 30 anos) apresentam incidência um pouco maior na produção da palatalização da coronal anterior em posição de coda.

O comportamento da variável em questão, ao cruzar com a variável sexo, é apresentado na Tabela 24.

Tabela 24 Cruzamento entre as Variáveis Sexo e Idade

	15 - 30 ANOS			MAIS DE 31 ANOS		
	Aplic./total	%	P.Rel.	Aplic./total	%	P.Rel.
FEMININO	376/486	77	.53	475/601	79	.63
MASCULINO	380/503	76	.49	379/576	66	.32
TOTAL	756/989	76		854/1177	72	

Observamos, nos resultados da Tabela 24, que há uma maior aproximação entre *mulheres e homens* quanto aos pesos relativos referentes à faixa de 15-30 anos (.53 e .49,

respectivamente), em comparação à faixa de *mais de 31 anos* (.63 e .32, respectivamente). Segundo Silva & Paiva (In Silva & Scherre 1996: 369-70), tal aproximação dos resultados nas faixas mais jovens é justificada pela redução, atualmente, da separação social entre homens e mulheres, uma vez que o trabalho é compartilhado entre ambos e a divisão de tarefas é menos rígida.

A análise horizontal apresenta as *mulheres com mais de 31 anos* com maior incidência de produção da variante palatal (.63), não muito distantes, porém, das *mulheres de 15-30 anos* (.53). Os resultados para o sexo *masculino*, de forma oposta aos anteriores, apontam para o maior peso relativo entre os *homens mais jovens* (.49) em relação à faixa de *mais de 31 anos* (.32).

A análise das Tabelas 23 e 24 aponta para a necessidade de uma divisão etária menos abrangente, a fim de que possamos obter uma melhor representação da influência desta variável para o fenômeno em estudo.

5.4 Variação Condicionada

A incorporação da variação sistemática na teoria e descrição lingüísticas permite que consideremos os resultados apresentados em 5.3.1, como os condicionamentos lingüísticos mais favoráveis e menos favoráveis à ocorrência da variante palatal em posição de coda.

A esse respeito, Cedergren & Sankoff (1974: 340) procuram mostrar como certas entidades morfológicas e fonológicas, cujas manifestações são extremamente heterogêneas a nível da comunidade, podem ser, cada uma delas, abarcadas por apenas uma regra, a qual descreve a escala de variação presente nesta comunidade.

O sistema notacional para tal regra variável adota o uso de colchetes angulados para a representação da lista de fatores que fazem parte do condicionamento da regra, os quais são em forma de chave na notação para as *regras opcionais* do modelo gerativo (ver pág. 111). Assim, enquanto uma *regra opcional* é tradicionalmente escrita como

(XXII)

$$X \rightarrow (Y) / \left\{ \begin{array}{l} [\text{traço A}] \\ [\text{traço B}] \\ \vdots \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} - \\ [\text{traço I}] \\ \vdots \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} [\text{traço P}] \\ [\text{traço Q}] \\ \vdots \end{array} \right\} [\text{traço Z}]$$

a *regra variável* correspondente é

(XXIII)

$$X \rightarrow \langle Y \rangle / \left\langle \begin{array}{c} [\text{traço A}] \\ [\text{traço B}] \\ \vdots \end{array} \right\rangle \left\langle \begin{array}{c} \text{—} \\ [\text{traço I}] \\ \vdots \end{array} \right\rangle \left\langle \begin{array}{c} [\text{traço P}] \\ [\text{traço Q}] \\ \vdots \end{array} \right\rangle [\text{traço Z}]$$

Os colchetes angulados, na regra variável, indicam que os fatores concorrentes estão em relação de disjuntividade, ou seja, exatamente um item da lista ocorre em cada ambiente de X. O fato de o traço Z estar fora dos colchetes angulados sinaliza a obrigatoriedade de sua presença para que a regra se aplique. A disposição vertical dos traços nas listas reflete a preferência de favorecimento do fenômeno: o primeiro constitui o que mais favorece o fenômeno naquela posição, o segundo possui um grau de favorecimento abaixo do primeiro e assim por diante.

Desse modo, para a formulação da regra variável, é necessário que conheçamos quais os fatores variáveis que condicionam o fenômeno em questão e qual o grau de preeminência de cada um deles.

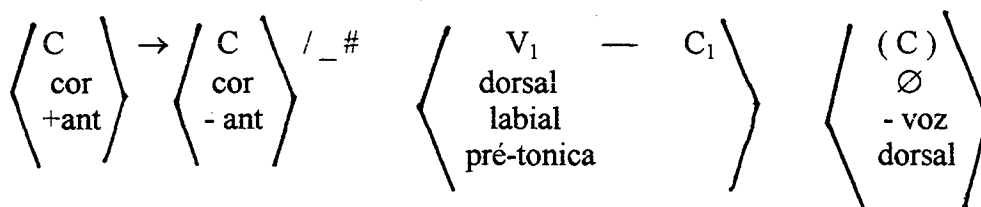
Em nosso estudo, o programa IVARB (*cf.* item 3.8), realiza a seleção das variáveis que condicionam a palatalização da coronal anterior em posição de coda, indicando quais os fatores mais fortes no condicionamento do fenômeno. Dessa seleção, apresentada em 5.3.1, procuramos elaborar generalizações sobre os fatores lingüísticos que estariam presentes em um sistema notacional do tipo exposto em XXIII.

No caso da variante palatal em posição de coda, as variáveis linguísticas foram, por ordem de seleção, conforme o apresentado em 5.3.1: 1) traço [voz]; 2) posição na sílaba; 3) contexto precedente; 4) tonicidade; 5) contexto seguinte.

Na variável traço [voz], o traço [-voz] é o mais relevante. Para a variável posição na sílaba, a maior ocorrência de palatalização da coronal anterior em posição de coda ocorre na posição medial. O contexto precedente vocálico apresenta as dorsais, seguidas de perto pelas labiais, como as mais influentes. Quanto à tonicidade, as pré-tônicas surgem como as maiores favorecedoras do fenômeno em questão. O ponto de articulação da consoante em contexto seguinte mostrou-se pouco relevante neste caso, embora as consoantes dorsais apresentem certo grau de favorecimento do fenômeno quando ocupam a posição de ataque do vocábulo seguinte.

Desse modo, para o fenômeno em questão, propomos:

(XXIV)



Lê-se: a consoante /S/ torna-se, variavelmente, [ʃ] em posição de coda, quando precedida por vogal dorsal e labial, de acentuação pré-tônica. Também pode receber influência da consoante [-voz] dorsal, na posição de ataque do vocábulo seguinte.

A representação em XXIV não constitui uma regra para a ocorrência da palatal em posição de coda em língua portuguesa, mas apenas uma notação dos contextos em que há maior probabilidade de ocorrência da mesma. A ausência de certos contextos não significa que estes não sejam relevantes, mas apenas que não são os mais fortes condicionadores.

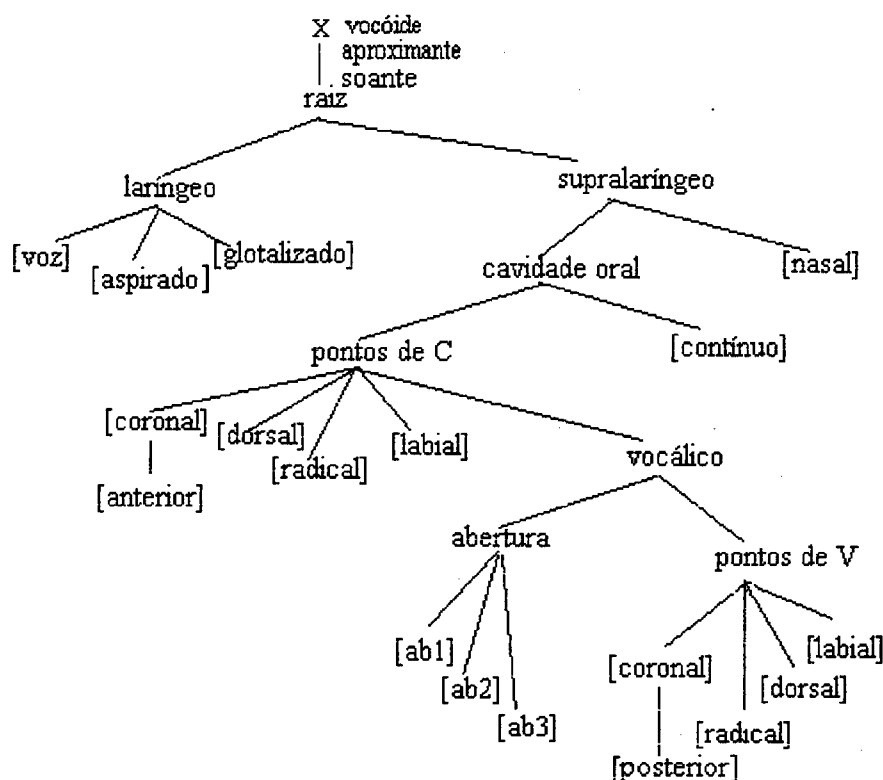
6 - A PALATALIZAÇÃO EM UMA PERSPECTIVA NÃO-LINEAR - A GEOMETRIA DE TRAÇOS

6.1 A Estrutura dos Traços

A representação proposta por Clements em 1985 (ver item 1.2) sofreu algumas modificações que culminaram em uma organização em forma de móbile.

Os segmentos são representados em termos de configurações de nó hierarquicamente organizados, cujos nós terminais são valores de traço e cujos nós intermediários representam constituintes, fato que torna explícita as relações de dominância existentes entre os traços. A representação é apresentada na Figura XXV.

(XXV)



(Clements 1991)

Embora apresentada com outra configuração, a representação em XXV mantém o esquema organizacional geral da versão de 1985. Assim, os *traços* agrupam-se em *nós de classe*, a saber: *nó laríngeo*, *nó supralaríngeo*, *nó da cavidade oral*, *nó do ponto de articulação das consoantes* e o *nó vocálico*, o qual domina o *nó de abertura das vogais* e o *nó do ponto de articulação das vogais*. Os nós de classe, por sua vez, são dominados pelo *nó da raiz*, que é o nó mais alto da estrutura e expressa a unidade fundamental do segmento analisado.

A relação entre os nós pode ser assim exemplificada: dizemos que [coronal] domina imediatamente [anterior] pois há uma ligação entre ambos, sem a interferência de nenhum outro nóculo e [coronal] está mais perto do nó da raiz do que [anterior]. Assim, [anterior] caracteriza [coronal] e é dependente do mesmo. Tal fato torna [anterior] um *constituente* de [coronal]. Temos aqui o acréscimo de mais uma função para as linhas de associação, ou seja, agrupar elementos em constituintes, os quais funcionam como unidades em regras fonológicas.

O *nó da raiz*, que domina todos os outros traços, sustenta os traços de classe maior [sonorante], [aproximante] e [vocóide] (Clements & Hume 1993: 26), cujo papel é definir as classes maiores de sonoridade (obstruintes, nasais, líquidas e vocóides, *cf.* pág. 141). A atribuição dos traços de sonoridade diretamente ao nó da raiz prevê que estes nunca se espraíam, isto é, não são assimilados por outros segmentos. Assim, o nó da raiz possui a seguinte representação:

(XXVI)

$$\begin{array}{l} X \\ \text{raiz} \end{array} \left[\begin{array}{l} \pm \text{vocóide} \\ \pm \text{aproximante} \\ \pm \text{sonorante} \end{array} \right] \quad (\text{op. cit., pág. 27})$$

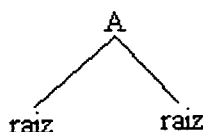
Dado que todos os vocóides são aproximantes e todos os aproximantes são sonorantes, Clements (1988: 17-8 *apud* Clements 1989: 15) estabelece o seguinte conjunto de regras de redundância:

[+ vocóide] → [+ aproximante]
 [+ aproximante] → [+ sonorante]

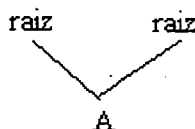
O nó denominado *X*, no topo da representação, é uma unidade temporal necessária para explicar segmentos que apresentam duas raízes e apenas um só tempo, como acontece, por exemplo, com os segmentos *countour* (a) e os segmentos *geminados* (b), expressos na Figura XXVII (*op. cit.*, pág. 06):

(XXVII)

(a) segmento countour



(b) segmento geminado



O nó *laríngeo* domina os traços [sonoro], [aspirado] e [glotalizado], os quais podem espriar-se ou desligar-se tanto individualmente, quanto como uma unidade. Além disso, sua constituição na representação arbórea, distinta da constituição do nó *supralaríngeo*, explica-se pela possibilidade de que regras afetem os traços supralaríngeos como uma unidade sem afetar os traços laríngeos (Clements 1985: 233).

O nó *supralaríngeo* domina a cavidade oral e o traço [nasal]. A *cavidade oral* domina o traço [contínuo] e os nós *de Pontos de C*, definidos pelos traços articuladores [labial], [radical], [dorsal] e [coronal] (*cf.* pág.128), o qual apresenta, por sua vez, o

traço subarticulador [anterior]. A justificativa para a reunião destes traços sob o nó de lugar denominado *pontos de C*, está na possibilidade destes traços do trato oral espriarem-se como uma única unidade, independentemente de traços outros, pertencentes a outras ramificações (Clements & Hume 1993: 28).

O nó dos pontos de C domina ainda o *nó vocálico*, que compreende as mesmas ramificações do nó dos pontos de C acrescido do *nó de abertura* das vogais. Nota-se, neste ponto, que os traços de ponto de vocóides são designados a um plano diferente na representação fonológica em relação aos traços de ponto de consoantes. A justificativa para tal separação está no fato de que os traços de *pontos de V* espriam mais livremente do que os traços de *pontos de C*, conforme o verificado em processos de harmonia vocálica e assimilação, nos quais os traços de *pontos de V* não são bloqueados pela presença de consoantes interferentes (Clements 1991: 77).

6.1 O Nó de Abertura das Vogais

A motivação para o estabelecimento do *nó de abertura* para vogais provém da dificuldade de se encontrar um conjunto de traços binários capaz de dar conta da problemática relacionada à altura das vogais.

O sistema mais conhecido, proposto por Chomsky & Hale (1968) propõe dois traços para altura de vogais - [alto] e [baixo] - os quais combinam-se para definir três alturas, conforme a Figura XXVIII a seguir:

(XXVIII)

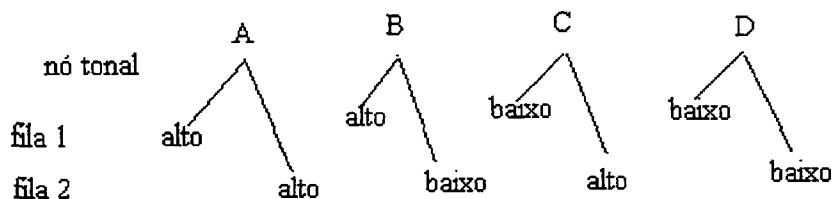
	i,u	e,o	a
alto	+	-	-
baixo	-	-	+

No entanto, tal representação apresenta uma série de problemas. Inicialmente, exigem uma restrição universal que exclua a combinação *[+ alto, + baixo], fisiologicamente impossível. Além disso, há também o fato de que estes dois traços são insuficientes para a definição de sistemas de vogais que empreguem quatro ou mais alturas de vogais .

Clements (1989: 20) afirma que a análise de todos os sistemas de traço não binários leva à generalização de que a altura em vogais forma um parâmetro articulatório e acústico uniforme, com um número ilimitado de valores. Dentro desse parâmetro, as distinções de altura formam uma série de graus ordenados. São exatamente estas mesmas propriedades que caracterizam o *tom*, o qual organiza um único parâmetro articulatório e acústico em uma série de registros e sub-registros organizados hierarquicamente.

Na notação em árvore em XXIX, observamos que cada traço tonal liga-se a um nó de classe denominado *nó tonal*. Esta análise expressa o fato de que todos os traços tonais podem espriar-se como uma unidade em regras de assimilação tonal. A fila 1 designa a divisão em registros primários e a fila 2, em registros secundários:

(XXIX)



(*op. cit.*, pág. 21)

O autor segue a mesma estrutura formal da altura de tom para tratar da altura de vogais e propõe que um único traço - [aberto] - divida as vogais em dois registros primários de altura, mais alto e mais baixo. Tal divisão cria um sistema de duas alturas que pode ainda ser subdividido, originando sistemas com duas ou três alturas. Assim, podemos afirmar que a língua portuguesa possui um sistema de três alturas, apresentado em XXX.

(XXX)

	i,u	e,o	ɛ,ɔ	a
aberto 1	-	-	-	+
aberto 2	-	+	+	+
aberto 3	-	-	+	+

Segundo tal proposta, as diferentes alturas de vogais estão em uma relação hierárquica, de forma que o desligamento de um traço como [aberto 2], por exemplo, acarreta a perda automática do traço [aberto 3] no nível imediatamente inferior.

As consoantes não possuem o nó de abertura e portanto não são caracterizadas pelos traços [-abertura] ou [+abertura], fato que as torna transparentes à regras de assimilação de altura de vogal (*op. cit.*, pág 24-5).

Nota-se, portanto, que há, na representação arbórea do sistema de traços de consoantes e de vogais, um conjunto uniforme de parâmetros fonológicos, os quais são projetados em planos separados, onde recebem interpretações dependentes do contexto em nível fonético (Clements 1991: 116).

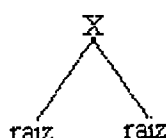
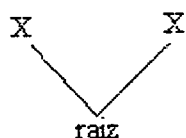
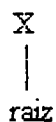
6.3 Regras e Princípios

A estrutura teórica geral do funcionamento da representação hierarquizada de traços é apresentada por Clements (1989: 5) em três subteorias: a *teoria das representações*, a *teoria das regras* e a *teoria das derivações*.

A subteoria *das representações* caracteriza o conjunto de configurações fonológicas consideradas universalmente bem-formadas. Os segmentos representativos dessas configurações são apresentados na Figura XXXI.

(XXXI)

(a) segmento simples b) segmento geminado (c) segmento countour

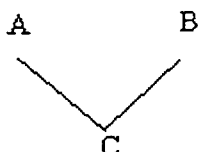


Os *segmentos simples* (a) não possuem nós que estejam ligados a dois ou mais nós mais altos e nem tão pouco nós que estejam ligados a dois ou mais nós mais baixos. A maioria dos segmentos são deste tipo nas línguas e, a menos que haja algum tipo de especificação, uma língua possui apenas segmentos simples em suas representações subjacentes. Os *segmentos geminados* (b) são caracterizados em termos de

um único nó de raiz ligado a duas posições na camada temporal e os *segmentos countour* (c), em termos de uma única posição na camada temporal ligada a dois nós de raiz.

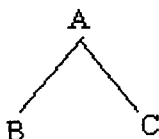
A introdução da estrutura interna do segmento abre espaço para uma série de possibilidades representacionais. Assim, qualquer nó pode estar ligado a dois ou mais nós acima dele, como ocorre nas representações de espraiamento (figura XXXII a seguir).

(XXXII)



Porém, a ramificação de um nó à camadas mais baixas é proibida, constituindo a chamada *Condição de Não Ramificação (No Branching Condition)*, conforme a figura XXXIII:

(XXXIII)



A configuração em XXXIII, considerada mal-formada, pode ser eliminada utilizando-se critérios definidos pela subteoria das derivações, como mostraremos adiante.

A subteoria *das regras* especifica o conjunto de operações elementares a partir das quais as regras são formadas. São em número restrito, a saber:

- a. *espraie X*
 - b. *desligue X*
 - c. *insira X*
 - d. *apague X*
 - e. *divida X*
 - f. *faça a fusão de X,Y*
 - g. *permuta X,Y*
 - h. *mapeie X em Y*³⁹
- (op. cit., pág. 07)

A operação *espraie X* caracteriza regras de assimilação e *desligue X*, a operação inversa, isto é, regras de dissimilação. *Insira X* designa regras de epêntese; *apague X*, regras de apagamento; *divida X* e *faça a fusão de X,Y* descreve regras de fissão e fusão respectivamente; *permuta X,Y* caracteriza regras de metátese e *mapeie X em Y*, regras de associação de tom.

A subteoria de regras também especifica a forma geral das mesmas, apresentando seus elementos básicos, os quais são: a) a especificação da configuração estrutural; b) um nó agente; c) o modo de aplicação (obrigatório ou opcional); d) o domínio da regra.

³⁹ "(6) elementary operations:

- a. spread X
- b. delink X
- c. insert X
- d. delete X
- e. split X
- f. fuse X,Y
- g. permute X,Y
- h. map X to Y"

O estabelecimento de operações elementares discretas, restringindo consideravelmente a teoria, levou à elaboração de uma hipótese forte com relação à forma e funcionamento das regras fonológicas. Assim:

(...) todas as regras fonológicas são expressas em termos de uma única operação elementar (op. cit., pág. 08)⁴⁰.

Tal princípio prevê, por exemplo, que uma regra fonológica possa afetar os traços [coronal], [dorsal], [labial] através de uma única operação no constituinte pontos de C. No entanto, nenhuma regra pode afetar somente os traços [coronal] e [sonoro] em uma única operação, pois estes não formam um constituinte. Este princípio sustenta que “apenas os conjuntos de traços que formam constituintes podem funcionar juntos em regras fonológicas”⁴¹ (Clements & Hume 1993: 6), fato que vem a constituir uma hipótese empírica forte com relação à classe de possíveis regras fonológicas, pois o conjunto de traços que formam constituintes é bastante pequeno em relação a todas as possibilidades lógicas existentes.

A subteoria *das derivações* compreende princípios e convenções que definem como devem ser as estruturas bem-formadas resultantes das representações.

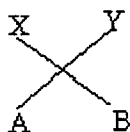
Podemos citar inicialmente a condição mínima de boa formação, denominada *Convenção de Linhas Cruzadas* (*Line Crossing Convention*) (Goldsmith 1976), a qual

⁴⁰ “(...) all elementary phonological rules are expressible in terms of a single elementary operation” (Clements 1989:8)

⁴¹ “ (...) only features sets which form constituents may function together in phonological rules.”

proíbe o cruzamento de linhas de associação. Assim, a convenção prevê o apagamento das que venham a se cruzar durante a derivação (figura XXXIV).

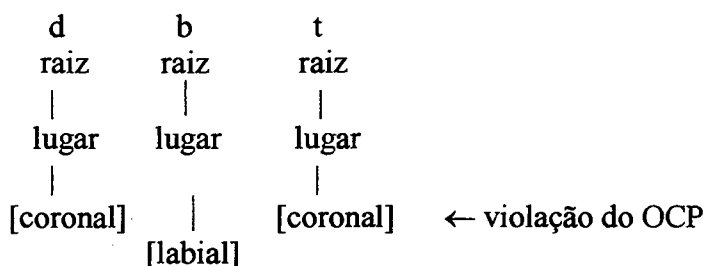
(XXXIV)



O *Princípio de Preservação do Sistema* (*System Conservation Principle*) proíbe que regras originem estruturas que violem condições de boa-formação universais ou particulares de uma língua (Clements 1989: 8). Tal princípio impossibilita que as representações originem segmentos ou seqüências de segmentos que não existam na língua em questão.

O *Princípio do Contorno Obrigatório* (*Obligatory Contour Principle - OCP*) estabelece que dois traços ou nós idênticos não podem ser adjacentes em uma dada camada. A fim de ilustrar tal proibição, consideremos abaixo, na Figura XXXV a representação da raiz mal-formada */dbt/ do Árabe Clássico (Clements & Hume 1993: 20):

(XXXV)



Já a *Convenção de Poda (Branch Pruning Convention)* é aplicável apenas no caso de uma regra criar uma configuração de ramificação (*cf.* pág. 190). Neste caso, ocorre a remoção da ramificação mais velha das duas ramificações (Clements 1989: 9)

Observa-se que a autonomia de traços, o agrupamento dos mesmos em classes e a organização hierárquica destas em uma estrutura de camadas, além do estabelecimento de um conjunto restrito de regras elementares de representações bem-formadas conferem ao modelo em questão a qualidade de um sistema auto-regulador e natural, que funciona de forma a preservar a forma das representações do começo ao fim das derivações, apesar do efeito causado pelas operações individuais.

Passemos, então, ao estudo das articulações secundárias e sua relação com a representação da consoante palatal.

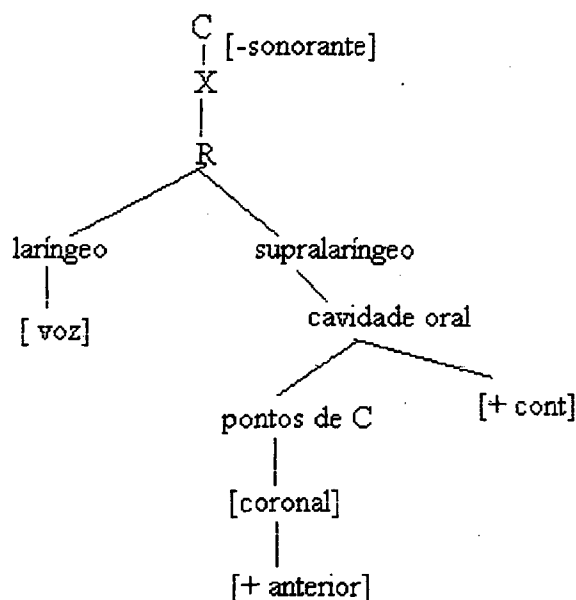
6.4 A Representação das Consoantes Plana e Complexa e a Palatalização

Podemos afirmar que o presente estudo apresenta a situação de dois grupos de variáveis em concorrência em posição implosiva - as fricativas alveolares [s, z] e as fricativas palatais [ʃ, ʒ]. Ambas possuem representações diferenciadas dentro da teoria da Geometria de Traços em decorrência de suas diferenças articatórias.

Assim, em um primeiro passo, estabelecemos a necessidade de reconhecimento do(s) nó(s) pertinente(s) para a elaboração de suas representações.

As fricativas alveolares envolvem a atuação do traço [coronal] e de seu dependente [+ anterior], diferenciando-se apenas com relação a especificação para o traço [voz], sob o nó laríngeo (Figura XXXVI).

(XXXVI)

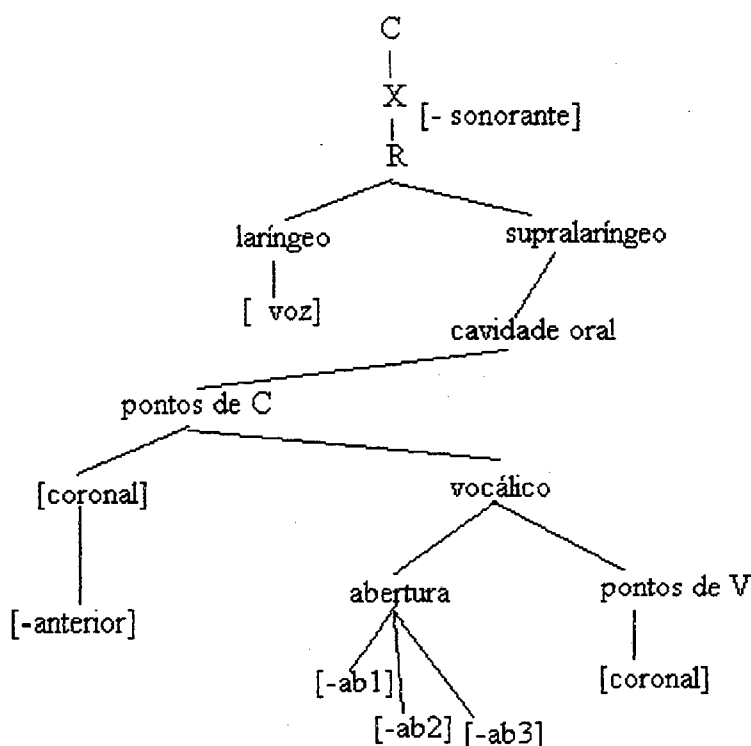


De acordo com Clements (1991:98), uma consoante é do tipo *plana* quando apresenta apenas um traço de articulação oral. Portanto, podemos inserir as fricativas alveolares, representadas na Figura XXXVI, neste grupo, uma vez que sua representação neste modelo envolve apenas o traço [coronal] e seu dependente [+anterior].

No caso das fricativas palatais, nota-se que a atuação do dorso da língua na produção de [ʃ,ʒ], aproxima-se, em termos articulatórios, da atuação do mesmo na produção da vogal alta [i], ou seja, ambas articulações envolvem o levantamento da língua. Tal fato permite que concebamos as fricativas palatais como consoantes com duas articulações sobrepostas, ou seja, uma articulação primária, envolvendo o traço [coronal] e seu dependente [-anterior] e uma articulação secundária vocálica envolvendo, portanto, o

nó dos *pontos de V* sob o nó vocálico e o nó de abertura, o qual apresenta como dependentes os traços [- aberto 1, - aberto 2, - aberto 3], característicos de uma vogal alta (cf. Figura XXX). De acordo com essa interpretação, a geometria que representa as fricativas palatais teria a seguinte configuração, expressa na Figura XXXVII:

(XXXVII)

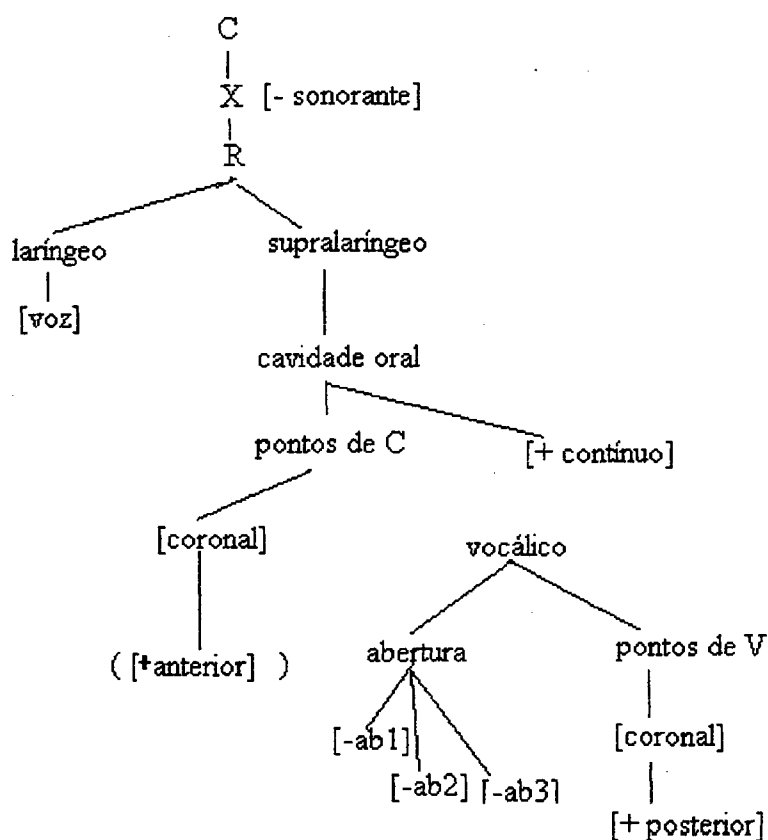


A representação das fricativas palatais como consoantes portadoras de uma articulação secundária, fato este traduzido pela inclusão de um nó vocálico sob o nó de pontos de C, permite que as denominemos consoantes *complexas*, segundo a terminologia apresentada em Clements (*op. cit.*, pág. 98).

Em uma análise que adota modelos fonológicos gerativos (*cf.* item 1.1), o fenômeno de palatalização da coronal anterior implosiva é explicado em termos de operações de mudança de traços. No entanto, o modelo não-linear, pelo qual propomos visualizar o fenômeno em questão, a Geometria de Traços, elabora uma interpretação com base na competição entre duas variáveis.

Conseqüentemente, a análise das representações em XXXVI e XXXVII permite-nos concluir que tal competição em posição implosiva, traduz-se na presença ou na ausência do nó vocálico (Figura XXXVIII).

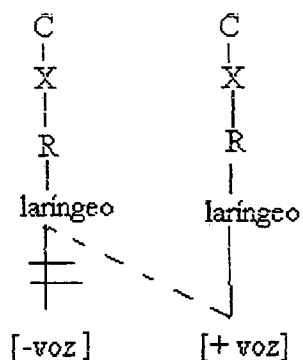
(XXXVIII)



Dessa forma, a *ausência do nó vocálico* estabelece a representação das fricativas alveolares, de articulação primária, e a *presença do nó vocálico*, realizada pela ligação do mesmo ao nó pontos de C, estabelece a representação das fricativas palatais.

Quanto ao processo de assimilação do traço [voz], podemos representá-lo pelo espraçamento deste traço (Figura XXXIX), localizado sob o nó laringeo, de um segmento [+ voz] em contexto seguinte ao da fricativa alveolar ou palatal, caracterizada pelo traço [-voz] sob o nó laringeo em sua representação.

(XXXIX)



Após o espraçamento, ocorre o desligamento do traço [-voz], mais antigo, da fricativa alveolar ou palatal, de acordo com a *Convenção de Poda* (cf. pág. 199).

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As variáveis *lingüísticas* estatisticamente mais atuantes no favorecimento do fenômeno de palatalização da coronal anterior não-morfêmica, em posição de coda, para as três regiões do município de Florianópolis, Santa Catarina (*Freguesia do Ribeirão da Ilha, Sertão do Ribeirão da Ilha e distrito de Florinópolis*) foram:

- 1) Traço [voz]
- 2) Posição na Sílabas
- 3) Tipo de Item Lexical
- 4) Contexto Precedente
- 5) Tonicidade
- 6) Contexto Seguinte

A variável Traço [voz] foi a única do grupo das *lingüísticas* a ser selecionada como estatisticamente relevante por cada uma das regiões em estudo. Na análise realizada conjuntamente com as três regiões, observou-se que os segmentos [-voz] em contexto seguinte, ou seja, os que exigem maior dispêndio de energia articulatória para sua realização, surgem como os maiores favorecedores do fenômeno em estudo. Tal afirmação parece ser confirmada quando analisamos os resultados para a variável Tonicidade, os quais apontam maior incidência do fenômeno em contextos tônicos, quando se considera o acento do grupo de intensidade e em pré-tônicos, quando se considera o acento de palavra.

Na análise da variável Posição na Sílabas, constatamos que a posição de coda dentro do vocábulo confirma-se como a maior favorecedora da palatalização da coronal anterior não morfêmica em posição de coda. Vale ressaltar que embora nossos dados apontem para uma relação direta entre sílabas pesadas e acento, o mesmo não ocorre entre sílabas pesadas acentuadas e palatalização, quando se considera o acento de palavra, fato que vem confirmar os resultados referentes à variável Tonicidade.

Ainda com relação à variável Posição na Sílabas, a presença de três ocorrências de palatalização da coronal anterior em posição de coda, diante de vogal, sinalizam a necessidade de um estudo mais detalhado sobre a possibilidade de ocorrência de tal fenômeno em casos de ressilabificação, tendo como base os pressupostos da fonologia lexical e pós-lexical.

A análise da variável Tipo de Item Lexical revelou-se de grande importância para a interpretação dos resultados das outras variáveis em estudo. O alto peso relativo apresentado pelo fator *sílabas átonas* (variável Tonicidade) desde o nível 1 é justificado pela total concentração do mesmo no item lexical *mas*. Com relação à variável Contexto Precedente, o Tipo de Item Lexical permitiu que levantássemos a hipótese sobre a existência de uma relação estreita entre a supressão da semivogal coronal e o fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda para os itens *dois* e *mais*.

Ainda sobre a variável Contexto Precedente, obtivemos, como resultado geral, a maior ocorrência do fenômeno em estudo após vogal dorsal e vogais labiais, fato que

aponta a necessidade de estudos acústicos capazes de comprovar o efeito da labialização nas altas frequências apresentadas pela consoante coronal anterior.

A última variável lingüística selecionada como relevante - Contexto Seguinte - revela o comportamento estatístico pouco significativo dos *traços de ponto de articulação* de consoantes nessa posição, para a realização do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda. De forma idêntica aos resultados para o contexto precedente, as consoantes dorsais e labiais surgem como as maiores favorecedoras do fenômeno.

A análise fonológica, com base na teoria pós-gerativa da Geometria dos Traços (Clements 1991), permite-nos visualizar o fenômeno em estudo como fruto da competição, ocorrendo em posição de coda, entre duas variantes: a fricativa alveolar e a fricativa palatal. Tal competição traduz-se na ausência ou na presença, na representação, do nó vocálico sob o nó de pontos de C. O segundo caso, ou seja, a presença do nó vocálico sob o nó pontos de C, expressa a situação de uma consoante que apresenta uma articulação secundária vocálica, com uma “coloração de [j] ou [i] característica” (Shane 1975: 43), bastante comum às consoantes palatalizadas.

Salientamos que não é possível sustentar dentro desta abordagem fonológica a existência de um espriamento a partir do traço coronal da vogal em contexto precedente, visto que há casos de palatalização não só após vogais que carregam este traço, mas sobretudo após vogais dorsais e labiais.

Com relação às variáveis sociais em estudo, observa-se que, em termos estatísticos, surgem como mais relevantes do que as lingüísticas (com exceção do Traço [voz] e da Posição na Sílabas), devido ao fato de serem selecionadas antes destas pelo programa de análise estatística VARBRUL. A ordem de seleção das sociais foi:

- 1) Sexo
- 2) Contato Externo
- 3) Região
- 4) Escolaridade

Os resultados estatísticos obtidos para as variáveis sociais apontam a relação existente entre a produção do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda, e o processo crescente, desencadeado nos últimos anos, de resgate da identidade do ilhéu florianopolitano, como forma de reação ao grande afluxo de veranistas e pessoas de outras localidades do estado e do país, que para cá transferiram residência.

A Freguesia do Ribeirão da Ilha, uma das comunidades mais tradicionalmente açorianas da Ilha., lidera a incidência de aplicação do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda, sendo seguida de perto pelo distrito de Florianópolis, onde se observa notadamente a mudança de postura do ilhéu urbano frente aos referenciais da cultura açoriana, em direção à valorização dos mesmos.

De forma oposta ao que esperámos, o Sertão do Ribeirão da Ilha surge como a região a apresentar menor incidência do fenômeno, muito embora desfrute de condições ideais à manutenção dos traços da cultura açoriana trazidos por seus antepassados. Tal fato nos leva a inquirir sobre o momento em que ocorreu a diminuição de produção da variante palatal e quais foram as causas desse fenômeno na localidade.

A predominância das mulheres na produção do fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda, no referente à variável social sexo, parece relacionar-se a uma atitude mais conservadora com relação à manutenção da tradição e costumes do passado. Observa-se que esta tendência é confirmada pela maior produção de palatais em posição de coda pelas mulheres residentes na Freguesia do Ribeirão da Ilha.

Com relação à variável Contato Externo, os indivíduos que apresentam o tipo de contato externo total e parcial são justamente os que mais palatalizam em posição de coda, resultado este que aponta para a inexistência da relação entre o menor grau de interação sócio-cultural e a palatalização da coronal anterior em posição de coda. Vale ressaltar que esta variável foi selecionada como estatisticamente relevante pelas três regiões em estudo.

A última variável social selecionada em nossa análise foi a Escolaridade. Constatamos, de maneira geral, que os indivíduos com primário completo ou incompleto são os que mais praticam a palatalização, e à medida em que aumenta o nível de escolarização para ambos os sexos, ocorre a diminuição na diferença de aplicação do fenômeno em direção ao desfavorecimento do mesmo.

No entanto, nota-se que as regiões do Sertão e da Freguesia não apresentam diferenças significativas quanto à aplicação do fenômeno nos diferentes níveis de escolaridade. Tal fato parece apontar para uma pronúncia de prestígio local, diferenciado do prestígio existente no distrito de Florianópolis, onde a diferença de incidência de palatalização entre os três níveis de escolaridade - maior para a faixa de 0 - 4 anos e menor para a faixa mais de 31 anos - sinaliza a presença de outro tipo de prestígio, mais relacionado à manutenção das diferenças regionais na fala.

A variável Idade foi a única eliminada em todas as regiões em estudo, sendo apenas selecionada quando retiramos a variável Contato Externo ou a variável Região da rodada realizada com todos os grupos de fatores. Pretendemos, em um estudo posterior, ampliar o número de faixas etárias por localidade a fim de obtermos resultados mais precisos e que nos possibilitem a formulação de considerações mais consistentes sobre se o fenômeno de palatalização da coronal anterior em posição de coda, caracteriza-se como *variação estável*, ou apresenta tendências a constituir um processo de *mudança*.

Embora constitua apenas uma pesquisa introdutória sobre o fenômeno de palatalização da coronal anterior não-morfêmica em posição de coda, em língua portuguesa, esperamos que esta venha a oferecer algum tipo de contribuição aos estudos referentes ao português falado no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATTISTI, Elisa. *Elevação das Vogais Pretônicas em Silaba Inicial de Vocábulo na Fala Gaúcha*. UFRGS, Porto Alegre, 1993. 125 p. Dissertação de Mestrado. Inédito.
- BISOL, Leda. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*. n. 89, p. 107-24, 1991.
- BISOL, Leda & HORA, Demerval. A palatalização da oclusiva dental e a Fonologia Lexical. *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística*. Coimbra, 1993.
- BLOCH, B. Phonemic Overlapping. *American Speech* 16. p. 278-84, 1941.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. London, George Allen & Unwin Ltd., 1933.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. Um Inquérito Lingüístico em Rio Vermelho. *Congresso de Florianópolis Comemorativo do Bicentenário da Colonização Açoriana*. Brasília, Coimbra, Faculdade de Letras, 5: 603-67, 1950.
- BUENO, Francisco da Silveira. *A formação histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1955.
- _____. *A formação Histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed., São Paulo, Saraiva, 1967.
- BUNSE, Heinrich A. W. *São José do Norte: aspectos lingüístico-etnográficos do antigo município*. 2ª ed., Porto Alegre, Mercado Aberto, 1981.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos da Fonética do Português Brasileiro*. UNICAMP, Campinas, 1981, 165 p. Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do título de Livre Docente. Inédito.
- CALDAS, Raul Filho. *Oh! Que Delícia de Ilha*. 2a. ed., Florianópolis, Paralelo 27, 1995.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à Fonética e à Fonologia*. 3. ed., Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

_____ & MARQUES, Maria H. D. O -s implosivo na linguagem do Rio de Janeiro. *Littera*. n.14, p. 9-137, 1975.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica Portuguesa*. 2. ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1977.

CARUSO, Raimundo C. & CARUSO, Mariléia M. L. *Mares, e longínquos povos dos Açores*. Florianópolis, Insular, 1995.

CASTRO, José Liberal de. Extração da Média Aritmética da Pronúncia Nacional. In: *Anais do Congresso Brasileira de Língua Falada no Teatro*. Rio de Janeiro, MEC, 1958.

CEDERGREN, Henrietta J. & SANKOFF, David. Variable Rules: Performance as a Statistical of Competence. *Language*. n. 2, p. 333-355, 1974.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, The MIT Press, 1965.

_____ & HALLE, Morris. *The Sound Patter of English*. New York, Harper, 1968.

CLEMENTS, George N. The Geometry of Phonological Features. *Phonological Yearbook*. n. 2, p. 225-252, 1985.

_____. The Role of the Sonority Cycle in Core Syllabification. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory* 2. Abril 1988, p. 1-68.

_____. On the Representation of Vowel Height. Preliminary version, University of Cornell, 1989.

_____. Place of Articulation in Consonants and Vowels: a unified theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*. n.5, p. 77-123, 1991.

- _____ & HUME, Elizabeth. V. The Internal Organization of Speech Sounds. Unpublished ms. University of Cornell, 1993.
- CRYSTAL, David. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. 2. ed., Oxford, Basil Blackwell, 1988.
- CUNHA, Celso Ferreira da. Le polymorphisme du portugais du Brésil et ses causes: le cas du /s/ implosif. *Cultura Neolatina*. Modena, 34: 328-35, 1974.
- DITTMAR, Norbert. *Sociolinguistics*. London, Edward Arnold, 1976.
- FARIAS, Vilson Francisco de. *A Freguesia de Enseada de Brito: evolução histórico demográfica do período de 1778 a 1907*. Departamento de História do Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSC, 1980. Dissertação de Mestrado.
- FASOLD, Ralph. *The Sociolinguistics of Language*. Cambridge, Basil Blackwell, 1990.
- FISCHER - JORGENSEN, Eli. *Trends in Phonological Theory*. Akademisk Forlang, Copenhagen, 1975.
- FURLAN, Oswaldo A. *Subsistência luso-açoriana na linguagem catarinense*. UFRJ, Rio de Janeiro, 1982, 420 p. Tese de Doutorado. Inédito.
- _____. *Influência Açoriana no Português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis, UFSC, 1989.
- GOLDSMITH, John A. *Autosegmental Phonology*. Bloomington, IULC, 1976.
- _____. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford, Basil Blackell, 1990.
- GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. *A linguagem do pescador de Minas Gerais*. UFJF/UFRJ, 1979. Dissertação de Mestrado.

- GREEN, Judith L. & WALLAT, Cynthia (orgs). *Ethnography and Language in Educational Settings*. New Jersey, Ablex, 1981.
- GRYNER, Helena & MACEDO, Alzira. La Pronunciation du S post-vocalique: deux processus de changement linguistique en portugais. In: SANKOFF, David & CENDERGREN, Henrietta (eds.). *Variation Omnibus*. Canada, Linguistic Research Inc., p. 135-140, 1981.
- GUY, Gregory R. *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the Phonology, Syntax and Language History*. Philadelphia, University of Pennsylvania, 1981, 391 p. PhD. Dissertation, mimeo.
- HERNANDORENA, Carmen Lúcia M. A Geometria de Traços na Representação das Palatais na Aquisição do Português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 159- 167, dez. 1994
- HOCK, Hans H. *Principles of Historical Linguistics*. Berlin, Mouton de Gruyter, 1986.
- HOCKETT, Charles. Two Models of Grammatical Description. In: JOOS, Martin (ed). *Reading in Linguistics*. 3.ed., New York, American Council of Learned Societs, p. 386-399, 1963.
- HULST, Harry van der & SMITH, Norval. *Advances in Nonlinear Phonology*. Foris, Holanda, 1985
- JAKOBSON, Roman, FANT, Gunnar & HALLE, Morris. *Preliminaries to Speech Analysis*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T Press, 1951.
- JOOS, Martin. The Medieval Sibilants. *Language*. New York, v. 28, p. 223-231, 1952.
- _____ (ed). *Reading in Linguistics*. 3.ed., New York, American Council of Learned Societs, 1963.
- KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge, Blackwell, 1994.

- KNIES, Clarice B. & COSTA, Iara B. (orgs). *Manual do Usuário. Banco de Dados Lingüísticos VARSUL*. 1995.
- LABOV, William. *Sociolinguistic Pattern*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEMLE, Miriam & NARO, Anthony Julius. *Competências Básicas do Português. Relatório Final de Pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro (MOBRAL) e Fundação Ford*. Rio de Janeiro, 1977.
- MALMBERG, Bertil. *A Fonética*. Tradução por Oliveira Figueiredo. Lisboa, Livros do Brasil, 1954. Tradução de : La Phonétique.
- MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo, Nacional, 1934.
- MASCARÓ, Joan. *Phonological Levels and Assimilatory Processes*. Universitat Autònoma de Barcelona, 1983.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Sobre o Lugar do Acento de Palavra em uma Teoria Fonológica. Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 23, p. 121-136, jul./dez. 1992.
- MATEUS, Maria Helena M. *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa, Universidade Aberta, 1990.
- MATTOS, Antônio Jacinto de. *A Colonização de Santa Catarina*. Florianópolis, Secretaria Geral dos Negócios do Estado de Santa Catarina, 1917.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A Língua do Brasil*. 4. ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1981.
- MOHANAN, K. P. *The Structure of the Melody*. MIT e National University of Singapore, 1983.
- NARO, Anthony Julius. *Modelos quantitativos e tratamento estatístico*. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio

- de Janeiro, UFRJ, p. 17-25, 1992.
- NEWMAN, Paul. Syllable Weight as a Phonological Variable. *Studies in African Linguistics* 3: 301-23, 1972.
- PEREIRA, Nereu do Vale *et alli*. *Ribeirão da Ilha - Vida e Retratos-Um distrito em destaque*. Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes, 1991.
- PESSOA, Maria Angélica. O s pós-vocálico na fala de Natal. *Atas do I Simpósio Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador, UnBA, out. 1986.
- PIAZZA, Walter F. & HÜBENER, Laura M. *Santa Catarina História da Gente*. 2.ed., Florianópolis, Lunardelli, 1987.
- PIKE, Kenneth. *Phonemics: a Technique for Reducing Languages to Writing*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1947.
- PINTZUK, Susan. *Programas Varbrul*. Tradução por Ivone Isidoro Pinto. Rio de Janeiro, UFRJ, 1989. mimeo.
- POSER, William. Phonological Representation and Action-At-A-Distance. In: HULST, Harry van der & SMITH, Norval (eds). *The Structure of Phonological Representations (Part II)*. Dordrecht, Foris Publications, 1982.
- PRATES, Arlene M. M. *et alli*. *Geografia Física de Santa Catarina*. Florianópolis, Lunardelli, 1989.
- RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVI^E siècle à nos jours. In: *Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro I*. Salvador, 1956. Rio de Janeiro, MEC, 1958.
- RIBEIRO, José *et all*. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro, MEC, Casa de Rui Barbosa, Universidade de Juiz de Fora, 1977.
- RIBEIRO, Luiz. Insular Portuguese Pronunciation: Porto Santo and Eastern Azores. *Hispanic Review* 16 (1), jan. 1948. *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Angra do Heroísmo 6: 262-267, 1948.

ROGERS, Francis Millet. Insular Portuguese Pronunciation: Porto Santo and easter Azores. *Hispanic Review*. Filadélfia, 16 (1), jan. 1948.

. Pronúncia Insular Portuguesa : grupos central e ocidental dos Açores. *Boletim do Instituto Histórico da Terceira*. Angra do Heroísmo, 8: 194-222, 1950. Tradução por J. Agostinho.

ROSSI, Néelson. *Atlas Prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro, MEC, 1963.

ROUSSEAU, Pascale & SANKOFF, David. Advances in Variable Rule Methodology. In: SANKOFF, David (ed.). *Linguistic Variation : models and methods*. New York, Academic Press, p. 57-68, 1978.

SALGADO Júnior, Antônio (ed.). *Verdadeiro Método de Estudar*. Lisboa, Sá da Costa, 1949.

SANKOFF, David. Variables Rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTHEIER, Klaus J. (eds.). *Sociolinguistics - an international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York, Walter de Gruyter, p.984-98, 1988.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blinkstein. São Paulo, Cultrix, 1977. Tradução de: Cours de Linguistique Générale, 1916.

SCHERRE Maria Marta P. & MACEDO, Alzira V. T. Variação e Mudança: o caso da pronúncia do s pós-vocálico. *Boletim do II Encontro Anual da Abralín*. 1989.

. *Introdução ao Pacote Varbrul para Microcomputadores*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992 - Brasília 1993. mimeo.

SHANE, S. A. *Fonologia Gerativa*. Tradução por A. S. da Rocha, H. M. Camacho, J. Mallas. Rio de Janeiro, Zahar, 1975. Tradução de: Generative Phonology, 1973.

SILVA, Giselle Machline de Oliveira e & SCHERRE, Maria Marta P. (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos - análise dos fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996.

_____. Coleta de Dados. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992. p. 101-114.

SILVA Neto, Serafim da Silva. *Ensaio de Filologia Portuguesa*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1956.

_____. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 4 ed., Rio de Janeiro, Presença, 1977.

_____. *História da Língua Portuguesa*. 5. ed., Rio de Janeiro, Presença, 1988.

SPRADLEY, James. *The Ethnographic interview*. San Francisco, Holt, Rinehart and Winston, 1979.

STURTEVANT, Edgar H. *An Introduction to Linguistic Science*. New Haven, Yale University Press, 1947.

TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 2. ed., São Paulo, Ática, 1996.

TEIXEIRA, José. *Estudos de Dialectologia portuguesa : linguagem de Goiás*. São Paulo, Acheta, 1944.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Tradução por Celso Cunha. 2. ed., Lisboa, Sá de Costa, 1984. Tradução de : *Historie de la langue portugaise*, 1980.

TRUBETZKOY, N. S. *Principles of Phonology*. Tradução por Christiane A. M. Baltaxe. Bekerly and Los Angeles, University of California Press, 1969. Tradução de: *Grundzüge der Phonologie*, 1958.

- VASCONCELOS, J. Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. 2.^a ed., Lisboa, Centro de Estudos Filológicos, 1970. Tese de Doutorado/ 1.^a ed. 1901.
- VERNEY, Luís Antônio. *Verdadeiro Método de Estudar: estudos lingüísticos*. Lisboa, Sá da Costa, 1746.
- VIANA, A. R. Gonçalves. Exposição da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros (1892). In: *Estudos de Fonética Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, p. 153-258, 1973.
- WETZELS, Leo. A teoria fonológica e as línguas indígenas brasileiras. In: WETZELS, Leo (org.). *Estudos Fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1995.

ANEXO I

DESENVOLVIMENTO POR NÍVEL DA VARIÁVEL TIPO DE ITEM LEXICAL
(DADOS REFERENTES À TABELA 11A)

FATOR	NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 4	NÍVEL 8	NÍVEL 9
substantivos	.64	.56	.52	.45	.51
verbos	.63	.54	.49	.49	.47
outros numerais	.55	.64	.74	.72	.73
nós	.51	.54	.66	.67	.64
nomes próprios	.39	.42	.43	.42	.50
mas	.34	.40	.51	.40	.36
advérbios	.33	.39	.43	.45	.45
mesmo	.30	.53	.32	.33	.39
mais	.28	.38	.48	.52	.53

nível 1 = pesos relativos dos fatores em comparação ao *input* (.75)

nível 2 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a sonoridade (*log* de -1069.010 e significância de .005)

nível 4 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a posição na sílaba (*log* de -1032.011 e significância de .001)

nível 8 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com o contexto precedente (*log* de -984.746 e significância de .003)

nível 9 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a tonicidade (*log* de -975.929 e significância de .009)

* os níveis omitidos referem-se às variáveis sociais que não causam alteração significativa nos pesos relativos dos fatores da variável tipo de item lexical.

ANEXO II

DESENVOLVIMENTO POR NÍVEL DA VARIÁVEL TIPO DE ITEM LEXICAL
(DADOS REFERENTES À TABELA 11 B)

FATOR	NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 4	NÍVEL 8	NÍVEL 9
dois	.75	.80	.87	.90	.90
verbo 2a. pessoa do singular	.63	.68	.75	.72	.78
adjetivos	.59	.45	.39	.36	.33
seis	.50	.66	.72	.75	.75
outros (pronomes, conjunções)	.08	.12	.11	.10	.11

nível 1 = pesos relativos dos fatores em comparação ao *input* (.75)

nível 2 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a sonoridade (*log* de -1069.010 e significância de .005)

nível 4 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a posição na sílaba (*log* de -1032.011 e significância de .001)

nível 8 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com o contexto precedente (*log* de -984.746 e significância de .003)

nível 9 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a tonicidade (*log* de -975.929 e significância de .009)

* os níveis omitidos referem-se às variáveis sociais que não causam alteração significativa nos pesos relativos dos fatores da variável tipo de item lexical.

ANEXO III

DESENVOLVIMENTO POR NÍVEL DA VARIÁVEL CONTEXTO PRECEDENTE

FATOR	NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 4	NÍVEL 8	NÍVEL 9
vogais labiais	.63	.56	.55	.52	.56
vogais coronais	.56	.53	.48	.49	.51
vogal dorsal	.52	.55	.60	.64	.63
semivogal labial	.30	.33	.35	.43	.30
semivogal coronal	.29	.37	.45	.42	.38

nível 1 = pesos relativos dos fatores em comparação ao *input* (.75)

nível 2 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a sonoridade (*log* de -1069.010 e significância de .005)

nível 4 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a posição na sílaba (*log* de -1032.011 e significância de .001)

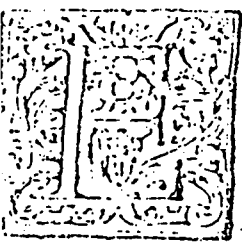
nível 8 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com o contexto precedente (*log* de -984.746 e significância de .003)

nível 9 = comportamento do tipo de item lexical em conjugação com a tonicidade (*log* de -975.929 e significância de .009)

* os níveis omitidos referem-se às variáveis sociais que não causam alteração significativa nos pesos relativos dos fatores da variável tipo de item lexical.

ANEXO IV

EDITAL DE RECRUTAMENTO DOS AÇORIANOS (31 DE AGOSTO DE 1746)



LREYNOSSOSENHOR,

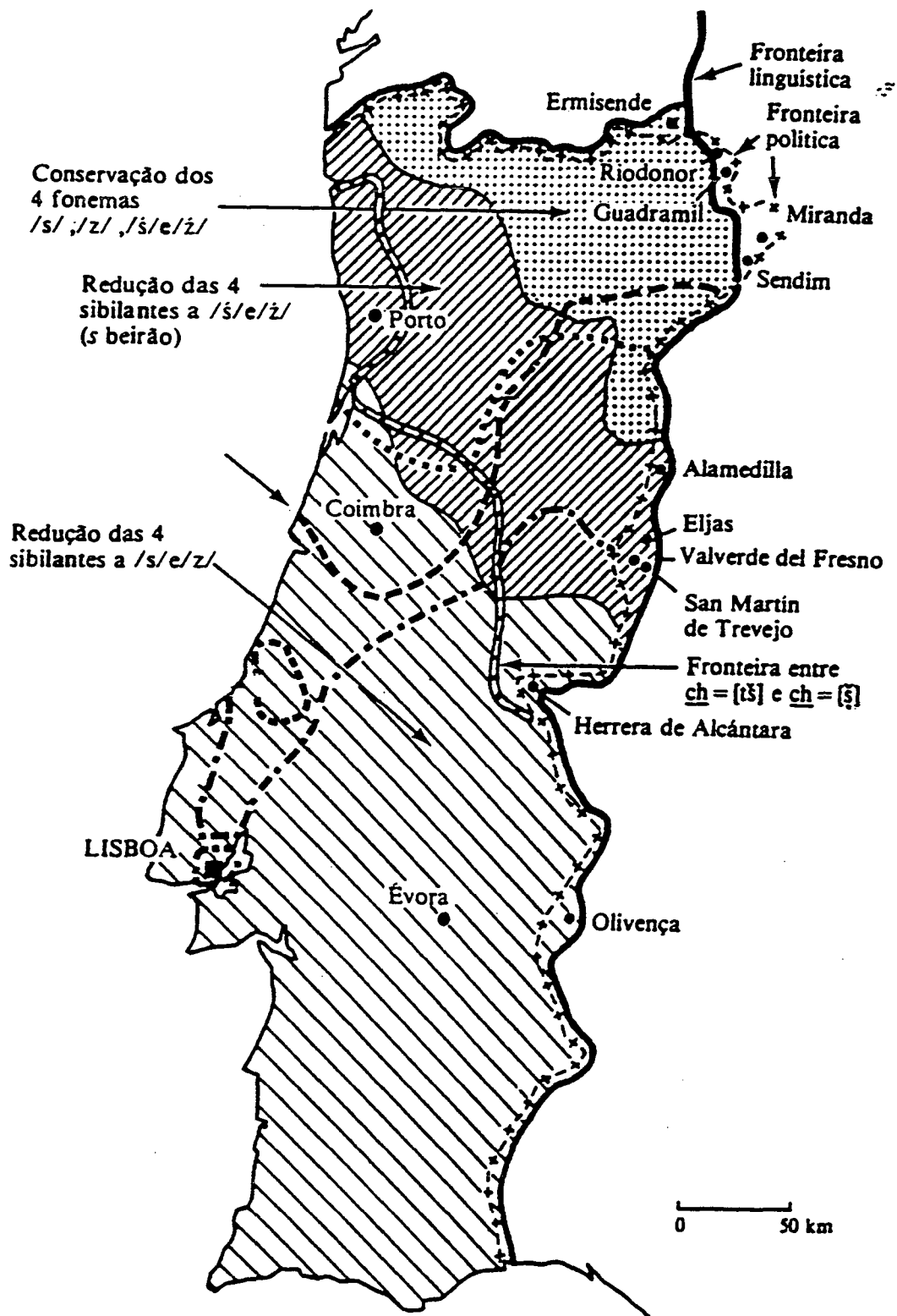
attendendo às representações dos moradores das Ilhas dos Açores, que lhe tem pedido mande tirar dellas o numero de cazaes, que for servido, e transportallos a America, donde resultará às ditas Ilhas grande alivio em não ver padecer os seus moradores, reduzidos nos malles, que traz consigo a indigencia, em que vivem, e ao Brasil hum grande beneficio em fornecer de cultores alguma parte dos vastos dominios do dito Estado: foy servido por resolução de 31. de Agosto do prezente anno, posta em Consulta do seu Conselho Ultramarino de 8. do mesmo mez, fazer mercê aos cazaes das ditas Ilhas, que se quizerem hir estabelecer no Brasil de lhes facilitar o transporte, e estabelecimento, mandando-os transportar à custa da sua Real Fazenda, não só por mar, mas tambem por terra até os sitios, que se lhes destinarem para as suas habitações, não sendo os homens de mais de 40. annos de idade, e não sendo as mulheres de mais de 30. E logo que chegarem de embarcar no Brasil, a cada mulher, que para elle for das Ilhas de mais de 12. annos, e de menos de 25. cazada, ou solteira, se daráõ dois mil e quatrocentos reis de ajuda de custo, e aos cazaes, que levarem filhos se lhes daráõ para ajuda de os vestirem mil reis por cada filho; E logo que chegarem aos sitios, que haõ de habitar, se dará a cada casal huma espingarda, duas enxadas, hum machado, huma enxada, hum martello, hum facho, duas facas, duas thelouras, duas verrumas, huma cerra com sua lima, e travadoira, dois alqueires de sementes, duas vacas, e huma egua, e no primeiro anno se lhes dará a familia, que se entende basta para o sustento, que são trez quartas de alqueire da terra por mez para cada pessoa, assim dos homens, como das mulheres, mas não às creanças, que não tiverem sete annos; e aos que os tiverem até os 14. se lhes dará quarta e meya para cada mez. Os homens, que passarem por conta de Sua Magestade, ficarão izentos de o servir nas tropas pagas, no caso de se estabelecerem no termo de dois annos nos sitios, que se lhes destinarem; aonde se dará a cada casal hum quarto de legoa em quadra para principiar a sua cultura, sem que se lhe levem direitos, nem salario algum por esta selmaria, e quando pelo tempo a diante tenhaõ familia, com que possaõ cultivar mais terra, a poderão pedir ao Governador do districto, que lha concederá na forma das ordenanças, que tem nesta materia.

E aos cazaes naturaes das Ilhas, que quizerem hir deste Reyno, por se acharem nellas, se lhes serão as mesmas conveniencias; como tambem aos cazaes de Estrangeiros, que não forem Vassallos de Soberanos, que tenhaõ dominios na America, a que possaõ passar-se; e aos que forem Artifices se lhes dará huma ajuda de custo, conforme os requzitos que tiverem.

Todos os que se quizerem aproveitar da dita mercê nesta Corte vão assistir-se nas segundas, e quintas-feiras de tarde na casa do Dezembargador José da Costa Ribeiro, Executor do Conselho Ultramarino que vive na sua cidade de S. José de fora, da Igreja da Annunciada.

MAPA I

OS SISTEMAS DE SIBILANTES DOS FALARES PORTUGUESES EM FINS DO SÉCULO XVI (Teyssier 1984: 40)



MAPA III

DISTRITO DO RIBEIRÃO DA ILHA (PEREIRA *ET AL*LI 1991: 30)
DESTAQUE PARA AS REGIÕES EM ESTUDO: FREQUENCIA DO RIBEIRÃO DA ILHA
E SERTÃO DO RIBEIRÃO DA ILHA

